REVISTA DA SEMANA

Nº 37 ★ 16-9-50

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **GRUPOS FOLCLÓRICOS DE PORTUGAL - VÃO DEMOLIR A ESQUINA DO BRASIL - O FENÔMENO GIULIANO**

UM AR DISTINTO E FASCINANTE



PO DE ARROZ • LOÇÃO • EXTRATO

Promesa

MYRURGIA



AMIZADE ZOOLOGICA

O cão é amigo do homem mas detesta os "outros animais". Cão e gato são inimigos figadais, o que não exclui que ambos gostem de fígado. Seria questão de ciúmes ou de incompatibilidade de caráter, por ser o cão amigo do dono e o gato amigo da casa, o primeiro indo com o dono quando êste se mudar e o gato ficando em casa pela mesma circunstância. A amizade entre homens nem sempre obedece à lealdade, porquanto há amigos que "mordem" mais do que cachorros.

O cão não adquiriu o privilégio de falar, concedido ao papagaio, pois a linguagem do cão é "latido" e a do papagaio é uma paródia da linguagem humana, característica irônica, com a condição de pronunciar palavras e palavrões sem lhes conhecer o significado. Há amizades quase absurdas entre animais, até entre gato e rato ou entre aves de uma espécie que criam filhotes de aves de outra espécie, mas o cão não quer saber de gente que não conhece, a não ser pela prévia apresentação feita pelo dono. O cão respeita o papagaio, porque êste fica numa gaiola arranha-céu, fora do seu alcance. Uma aproximação imediata daria lugar a uma safarascada, entre dentadas e bicadas. Pode o papagaio insultar o atacante com linguagem de marinheiro, mas o cão não entende isso e vai logo aos fatos.

Há, entretanto, exceções que, após certa educação preparatória, dão lugar ao estabelecimento de uma amizade entre cão e papagaio. Aproximam-se os dois ainda desconfiados, mas confiando cada qual em sua arma natural, dente ou bico, e, após farejarem-se, apresentam suas credenciais e, resultando satisfatória a cerimônia, decidem-se a iniciar uma brincadeira, tal como se dá entre garotos que pela primeira vez se conhecem. O cão começa a rosnar, colocando-se em posição de lançar o bote, o papagaio abre o bico, esquiva-se, soltando palavras que não convém citar e, quando menos se espera, um beijo, que só seria impossível entre bicudos.

— Bom-dia, amigo, como tem passado? (só o papagaio diria isso).

— Eu bem, obrigado (responderia o cão). Escute. Vamos aproveitar nosso tempo, enquanto não vem um osso para mim e uma banana p'ra você?

— Estou de acôrdo, mas olhe lá que não estou muito treinado. Eu não posso correr como você, amigo cão.

Começa, então, a brincadeira com falsas ameaças de assalto, fintas e negaças, cada qual pretendendo meter mêdo ao outro. Dentadas macias que só fazem cócegas, beliscões de bico, com aquela sua língua preta de tanto pronunciar palavras sujas. De repente vem a luta corpo a corpo, um "clinch" que ninguém se mete a juiz para separar. Menos forte, o papagaio revolve-se, chega a perder algumas das suas lindas penas, mas é perda que não doi nem pode dar motivo a lamentações, porque pluma torna a crescer. O cão, fazendo-se covarde por momentos finge ser dominado e arremeda um k.o., dando ensejo ao amigo de aproveitar a oportunidade para se declarar vitorioso. Mas, de repente, o cão retoma sua valentia e lança-se a novo assalto, segurando o papagaio entre as patas.

— Larga-me, "seu" cachorro, ou te mostro de que sou capaz.

— RRRRRHH! — todos compreendem esta língua. A brincadeira já está durando um bocado, talvez assistida pelos donos, até que, de repente, certo cheirinho gostoso, vindo da cozinha, vem tentar o faro dos contendores e, então separam-se. O cão dá uma amistosa palmadinha nas costas do papagaio, talvez um beijo de focinho e bico, e, enquanto um sai correndo, o outro, naquele seu passo desajeitado, trepa pela caluna da gaiola, segurando pelo bico e, de cima do arranha-céu lança um palavrão de saudação ao amigo, ou talvez, por troça, lhe imite o latido, que o cão, orgulhoso, não leva na menor conta.





MAX YANTOCK

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 37 ★ 16-9-50

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 148, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

LIXEIROS DE LUVAS



A Câmara Municipal de São Paulo, aprovou, em segunda discussão, o projeto de lei que obriga o uso de luvas especiais, fornecidas pela Prefeitura daquela capital, aos funcionários da Limpeza Pública encarregados da coleta do lixo, visando a medida proteger aquêles modestos servidores da Higiene, contra moléstias infecto-contagiosas. Em muitos pontos de vista na carreira da civilização, o Estado de São Paulo dá belas lições ao Brasil. Com efeito, não há trabalho mais repugnante, mais incômodo, mais desumano, do que êsse de carregadores de lixo e serviço das municipalidades.

Até bem pouco tempo, na própria Capital Federal o que havia em matéria de veículos de coleta e transporte de lixo era o que existia de mais repulso e sórdido. Os empregados da coleta faziam o trabalho a arrumar os retraços gerais socando o monturo com os pés, com as mãos, em contacto direto e inevitável com a lixaria insuportável. Sòmente há pouco tempo foi introduzido no serviço de limpeza pública do Rio os veículos de recepção automática, fazendo os lixeiros, apenas, o trabalho de despejar nos veículos o conteúdo das latas e caixotes. Mas já não sobem ao caminhão, à carroça, para comprimir a "mercadoria"... Mas assim mesmo, o número dêsses carros modernos é insuficiente, continuando a circular pelos subúrbios tudo quanto há de menos higiênico e aconselhável. S. Paulo nos vem agora dar êste novo exemplo: os lixeiros usarão luvas protetoras. Que o mesmo se adote no Rio, pois lixeiro também é gente.

CRISE DE HOTÉIS



Oito ou oitenta... Não faz muito, quem chegasse ao Rio e procurasse um hotel de qualquer classe e em qualquer bairro do Rio, ficaria decepcionado: não poderia aboletar-se nem mesmo no saguão... Muitos dêsses estabelecimentos chegaram a esta província: dividiram aposentos em dois, não sòmente para aproveitar o momento, como para poder receber hóspedes. Verdadeira crise de... aposentos. Hoje, porém, já se nota o inverso: há hotéis que cerram as portas por falta de hóspedes! Falta de hóspedes, ou crise de hospedagem cara, determinando "deficits" na escrita, eis o que alegam os gerentes e proprietários. Segundo relatou a imprensa nestes últimos dias, o famoso "Palace-Hotel", parte de grande cadeia dos chamados "Palaces", decidiu fechar porque os resultados comerciais não estavam correspondendo à sua situação. Talvez não se trate de prejuízo, pròpriamente dito, e sim de "menos lucro", do que lògicamente deveria estar dando aos acionistas da organização. E' o "Palace-Hotel" um dos mais célebres, dos mais luxuosos e conhecidos do Rio. Situado em lugar privilegiado da Avenida Rio Branco, êsse palácio de oito andares de estilo antigo, com pé direito elevado, amplos salões, corredores de palácio da Renascença, fechará suas portas, será demolido o edifício e ali se levantará um grande arranha-céu de 36 pavimentos. E com o belíssimo e luxuoso "Hotel Novo-Mundo"? Sucedeu isto: apressada a sua inauguração para a temporada do campeonato mundial de futebol, o arrendatário fechou contrato de 280 mil cruzeiros mensais... Resultado: o Brasil perdeu e êle também...

DE PORTO ALEGRE A PROPRIÁ



Desde que foram inaugurados os primeiros quilômetros de estrada de ferro por D. Pedro II, o sonho dos brasileiros era êste: podermos comprar uma passagem do Rio para Pôrto Alegre, de Pôrto Alegre para o Recife, do Recife até Manaus... Ver o Brasil ligado de norte a sul, de leste a oeste por vias férreas, acabando-se, de uma vez, com êsse Brasil que não passa de nação de compartimentos estanques, eis o sonho de todos os brasileiros sedentos de progresso. Infelizmente, porém, a situação do país, os resultados industriais das ferrovias, deficitárias, com raríssimas exceções, a dificuldade de aplicação de capitais externos em obras dêsse gênero, etc., retardaram o progresso nacional em matéria de comunicações ferroviárias.

Mas apesar de tôdas as dificuldades, nossos governos empreenderam a ligação Norte-Sul do país por estrada de ferro, tendo a E.F.C.B. como centro de penetração. Desde muito, já se podia viajar da Capital Federal ao Rio Grande do Sul, por trem; mas, até agora, não era possível atingir a Bahia pelo mesmo meio de transporte.

As pontas dos trilhos chegaram a Montes Claros, sertão de Minas no roteiro da Bahia e ali ficaram. Nestes últimos cinco anos, porém, a Central do Brasil intensificou os trabalhos de prolongamento do leito da estrada a fim de encontrar com os trilhos da "Leste Brasileiro", da Bahia.

E agora acaba de realizar-se o sonho: podemos ir a trem do Rio a Propriá, Estado de Sergipe, no baixo São Francisco, e, logo que esteja inaugurado o prolongamento da G:W.B.R., estará o Brasil ligado por via férrea, de Pôrto Alegre a Natal.

ESPORTE E CULTURA



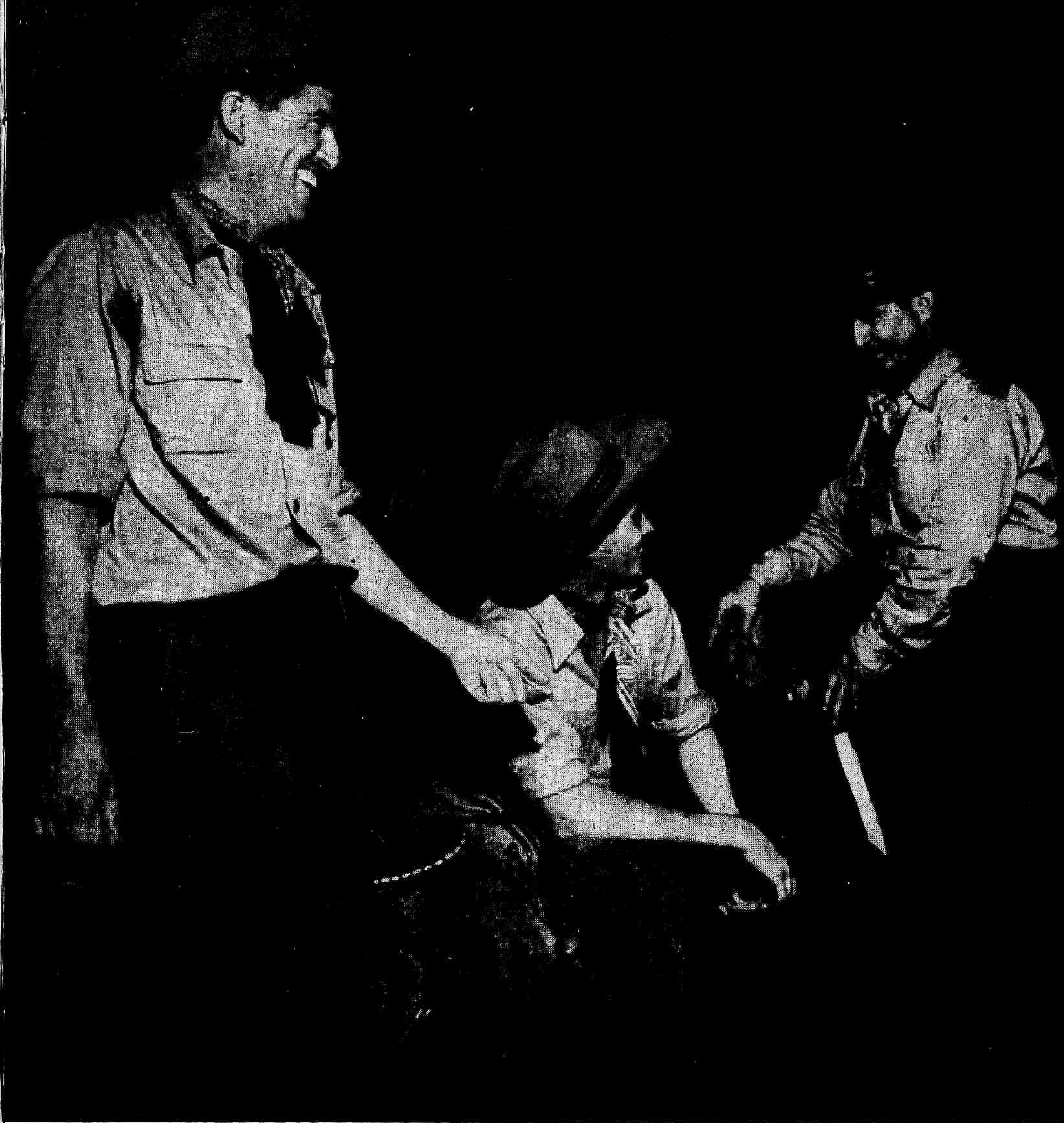
A cidade de Campos, no Estado do Rio, não é apenas uma das maiores e mais progressistas dos chamados "de interior": é um luzeiro de civilização, de cultura e tradições liberais na história geral do país. Terra de Benta Pereira, a heroína a quem se deve a famosa frase: "Aqui, até as mulheres pugnam pelo direito". Campos reflete os sentimentos de brasilidade, de emancipação e soberania dos grandes centros culturais do Brasil, cuidando da educação do seu povo e o mantendo à vanguarda de tôdas as conquistas de nossa civilização. Quem visita a cidade não pode deixar de surpreender-se pelo seu movimento urbano, seu comércio ativo, sua indústria de açúcar semeada pelos arredores da cidade e se confundindo com suas artérias suburbanas. O Paraíba a deslizar mansamente, as pontes atravessando-o, as vias férreas de irradiação para a serra, as praias de banho e o Espírito Santo, dão a Campos uma fisionomia de metrópole que muitas capitais de Estados não possuem. Mas, embora tudo isso já fô-se prerrogativas de grandes cidade, não se descuidam os campistas das vitórias e lutas culturais, e os seus clubes literários e esportivos se tornaram famosos desde muito tempo. Basta citar, por exemplo, o "Saldanha da Gama". Êsse clube, entretanto, não trata apenas da cultura física, e sim, da moral, intelectual e cívica. Haja vista o que acaba de realizar, encomendando ao pintor patrício F. Acquarone um retrato-composição de seu grande conterrâneo Almirante Saldanha da Gama, para ser inaugurado em sua sede. Essa obra de arte está exposta no Clube Naval.

A PERSONAGEM DA SEMANA

ACABA de chegar a Washington, capital dos Estados Unidos, o chefe do Estado Maior da Marinha Brasileira, divulgando-se pela nossa imprensa que o sentido dessa visita se ligava ao importante papel que cabe ao Brasil na defesa do Atlântico Sul, em caso de guerra contra as potências ocidentais. Embora os meios oficiais norte-americanos e os brasileiros, se neguem a confirmar a versão estampada em jornais do Rio, e deixem entrever que tal visita não passa de acontecimento protocolar, não podem recusar-se a dizer que, evidentemente, a missão da Marinha Brasileira em íntima colaboração com a dos Estados Unidos, seria a de sempre em tais circunstâncias: a de executar os planos de defesa da linha vital Natal-Dakar, protegendo as rotas marítimas do Atlântico como se verificou na última guerra. Embora êsses atos se realizem sob certas conveniências e discrições, espalharam-se rumores de que o delegado da Marinha de Guerra do Brasil, visitando os meios navais dos Estados Unidos e trocando com as maiores autoridades militares daquele país amigo e aliado, foi assentar bases firmes para a participação da Marinha de Guerra de nossa pátria na guerra da Coréia, desempenhando as missões que lhe forem confiados. Cabe, pois, ao ministro da Marinha do Brasil, o almirante Sílvio de Noronha, a responsabilidade de orientar, dirigir e preparar nossas belonaves e nossa maruja, para mais uma cruzada na luta pela civilização. O nome do ministro da Marinha empolgou os nossos meios militares e navais, tornando-se objeto de comentários e palestras durante a semana recém-finda, mantendo-se as atenções de nossa gente para o desempenho que os navios brasileiros terão que executar, se, em verdade confirmar-se o que todos supõem: a Marinha de Guerra do Brasil em ação no Atlântico e nos mares orientais. Mais uma vez os marinheiros de Tamandaré e Barroso estarão prontos para dignificar o nome do Brasil, com sua bravura tradicional, se a tanto forem convocados.



ALMIRANTE SÍLVIO DE NORONHA



APÓS AS FADIGAS do rodeio, descançam os peões enquanto reunem o material que usaram para as cavalgadas. Arreios completos, couros, chicotes, rebencues, esporas, cordas são amontoados no meio de comentários chistosos sobre as façanhas do dia. Gente moça, cheia de músculos, corados ao sol da bendita terra montanhesa, eles tentaram angariar algum ...... dinheiro exibindo-se no campo do Flamengo.

RODEIO NO RIO

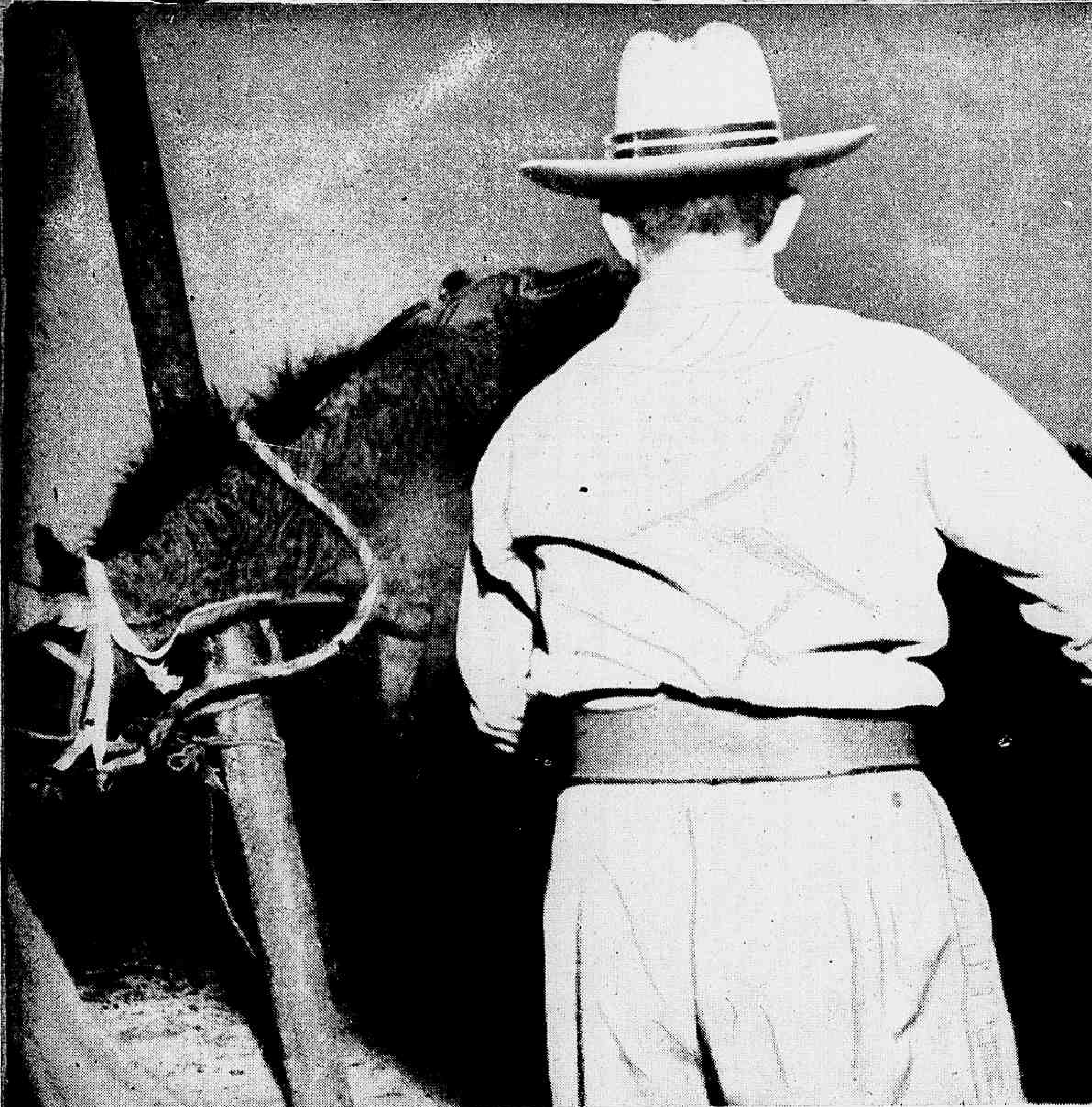
PEÕES DO OESTE DE MINAS EXIBEM-SE AOS CARIOCAS

Fotos e texto de **SABINO CANALINI**

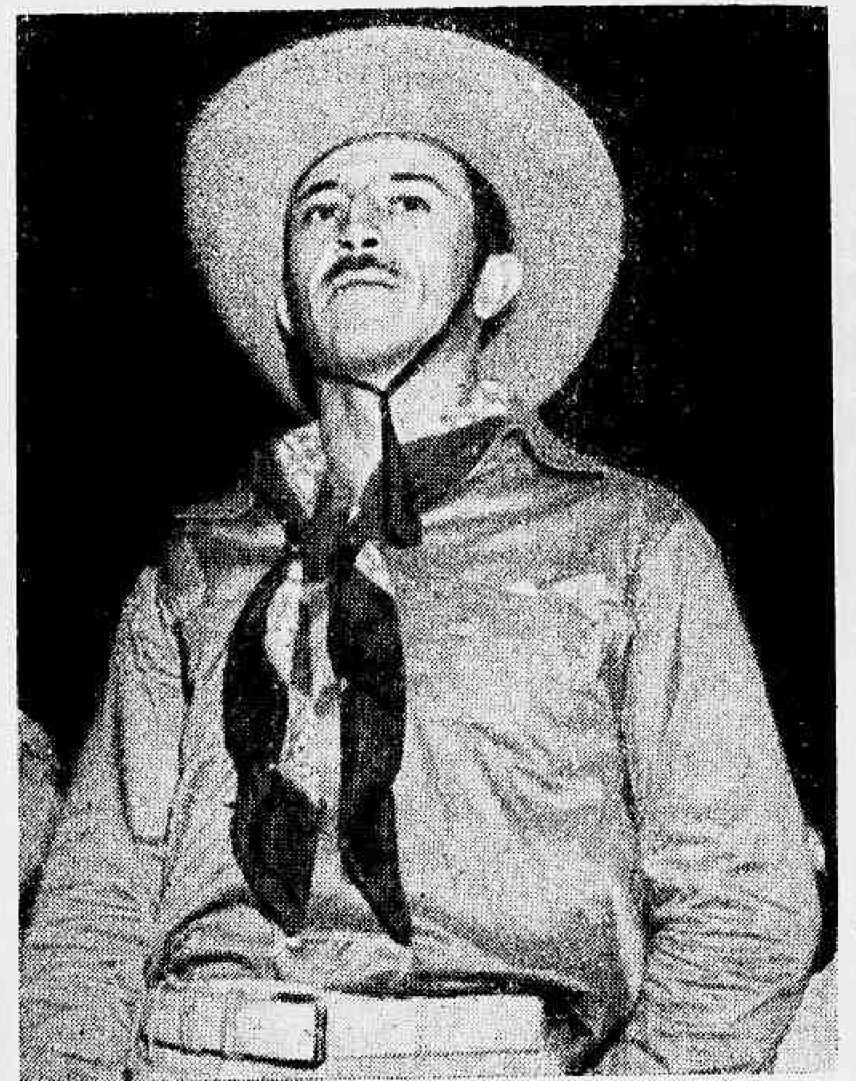


COMO parte integrante dos festejos que seriam levados a efeito no Rio durante o Campeonato Mundial de Futebol, incluindo os vários espetáculos de homenagem aos participantes dos jogos internacionais, programados de acôrdo com a comissão de festas da Prefeitura, estava o que é bastante conhecido por êsse Brasil afora como "rodeio". Em algumas cidades do Oeste de Minas, Bambuí, Arcos, Lagoa da Prata e Pium-í, as mais famosas talvez no Brasil inteiro para espetáculos de tal gênero, há fazendeiros que criam cavalos indomáveis exclusivamente para serem empregados nos rodeios. Um dêles declarou à nossa reportagem que os rodeios representam no Oeste Mineiro o mesmo que os jogos de futebol para os cariocas ou paulistas. Disso deduzimos que lá no oeste a coqueluche daquela gente dos campos consiste justamente nas cavalgadas sôbre fogosos cavalos. Pois bem, foram alguns dêsses fazendeiros, e suas respectivas equipes de peões, contratados pela Prefeitura do Rio, por vultosa quantia, a fim de oferecer à nossa capital um espetáculo diferente dos que por aqui costumam ser vistos.

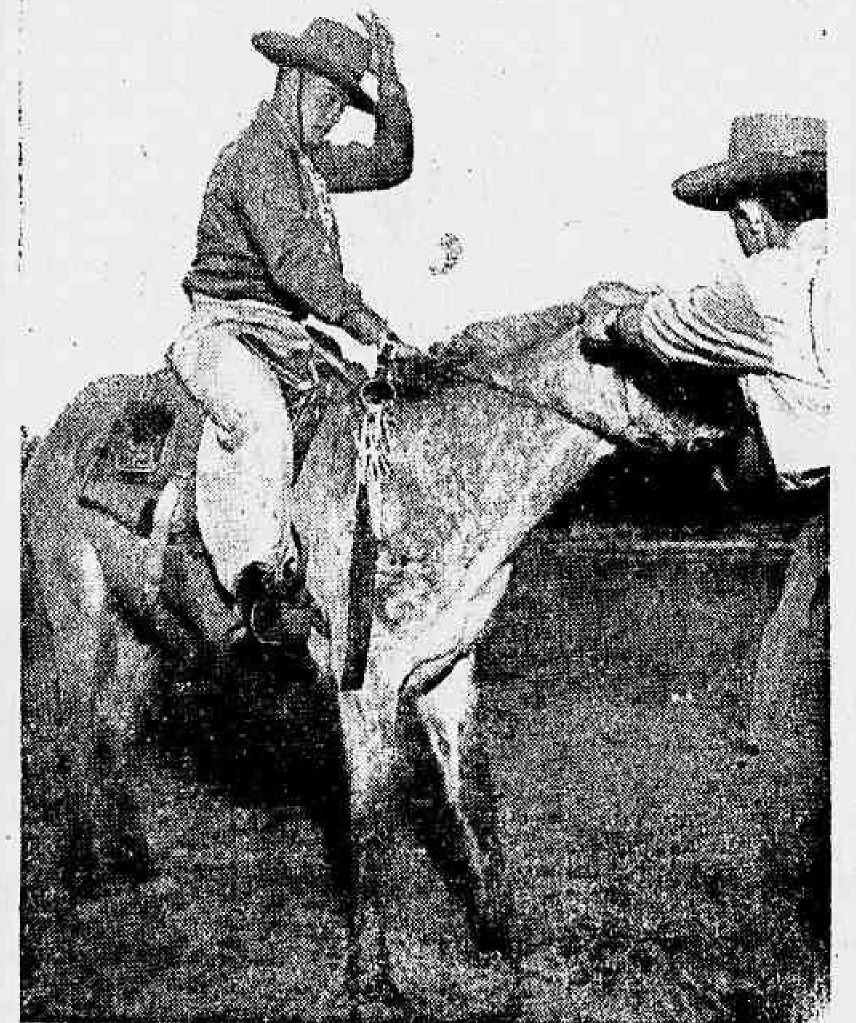
Mas acontece que o Brasil não conseguiu ganhar o campeonato, e tudo o que estava programado para depois da última rodada, foi relegado inapelàvelmente ao esquecimento. Não seria justo comemorar em nossa terra um feito de amigos, sim, mas que nos doeu até o fundo do coração. Estaria tudo certo, desde que fôssem respeitadas as cláusulas dos contratos. Que culpa tinham os peões



CAVALOS INDOMÁVEIS foram trazidos diretamente do Oeste mineiro para serem montados pelos corajosos peões. Os equinos não são selvagens, apenas não se deixam montar senão depois de amansados pela fadiga, o chicote e as esporas usadas até provo[illegible] sangue nas pernas.



TIPO DE PEÃO, feições sisudas e sinceras, usando traje parecido com o dos gaúchos, grande lenço no pescoço e sombrero na cabeça.



PRONTO PARA A LARGADA, após haver cumprimentado a assistência, o cavaleiro firma-se nos estribos e dá ordem de desamarrarem o bicho.

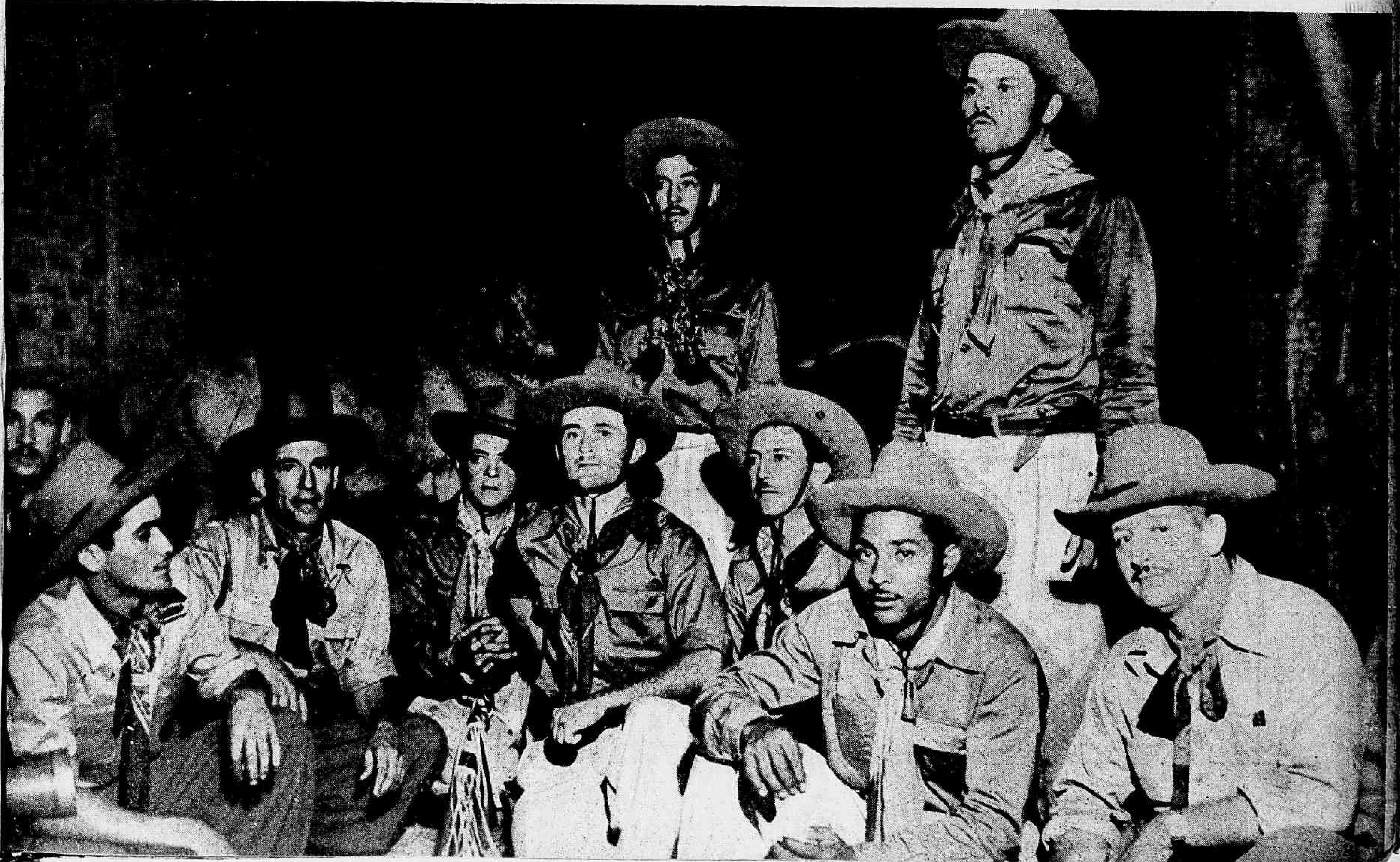




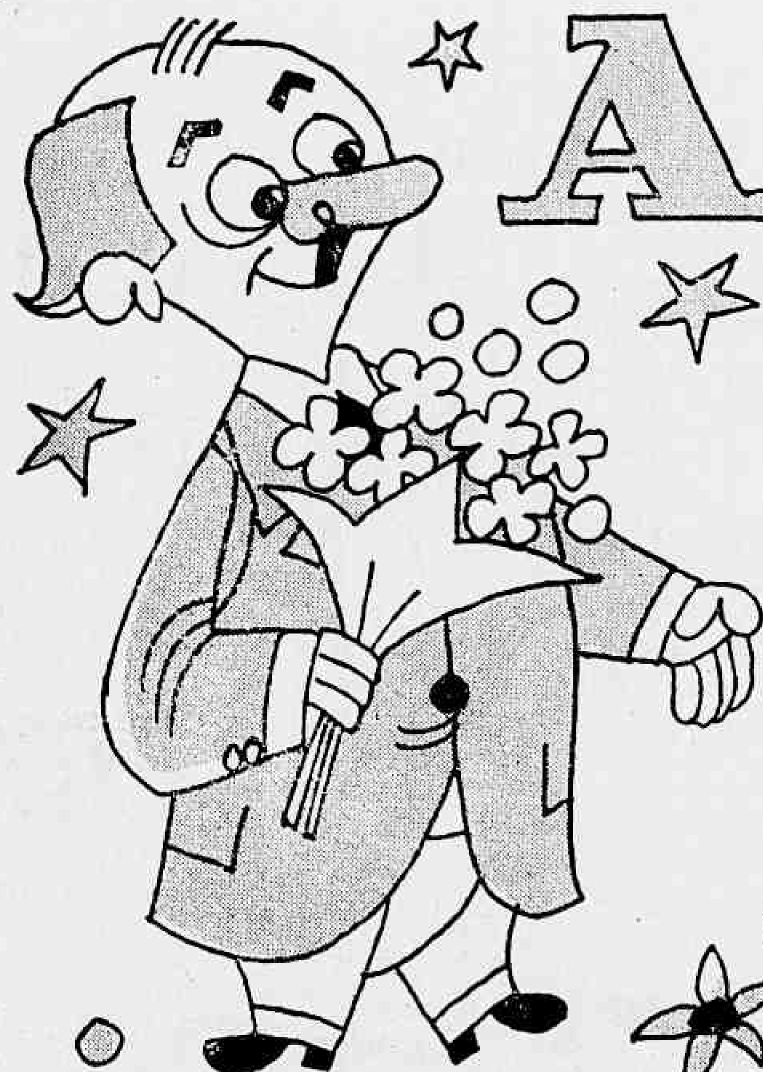
TROMPA feita de chifre de touro, que os mineiros tocam para chamar as [illegible]zes que se perderam dos enormes pastos



AGRADECENDO a pequena assistência que apareceu no campo do Flamengo, os simples peões mineiros encerram suas exibições no Rio, para onde vieram contratados pela Prefeitura, para serem aproveitados nas festas em regozijo da vitória no Campeonato Mundial de Futebol. Como o Brasil não ganhou, foram esquecidos... Reparem na foto inferior, os detalhes das roupas, com as calças tipo bombacha.



A ESCOLHA



Quando Políbio escolheu uma espôsa, recusou a Finoca porque não sabia cozinhar e a Belinda porque não gostava de crianças. Políbio queria a melhor, uma Amélia operosa e honesta, que lhe garantisse o sossêgo no lar.





Quando Políbio precisou de um **caixa** para seu negócio, fêz um rigoroso inquérito sôbre os antecedentes do candidato que apresentava melhores credenciais.



Quando Políbio teve doente grave em casa, procurou, desesperado, o melhor facultativo, o mais famoso especialista; não escolheu o seu médico por palpite, nem no catálogo do telefone.



E agora que Políbio vai escolher um presidente que lhe garanta a liberdade, que lhe defenda o lar e a crença, que guarde o erário, que zele pela moralidade pública, pela paz social, pela integridade da Pátria, como agirá o Políbio?!...



NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUAL DESTES IDIOMAS O QUE NÃO É ADOTADO NA «ONU» (Organização das Nações Unidas):
— O português?
— O espanhol?
— O chinês?

2 DE QUE LINGUA É ORIGINÁRIA A PALAVRA «MATE»:
— Do guarani?
— Do correntino?
— Do quichua?

3 QUANTAS NAÇÕES AMERICANAS FORAM LIBERTADAS POR BOLIVAR:
— Cinco
— Três?
— Quatro?

4 EM QUE ANO FOI CONSTRUIDO O PAVILHÃO MOURISCO, NA PRAIA DE BOTAFOGO:
— 1904?
— 1907?
— 1910?

5 QUAL O PAPA QUE ABOLIU O COSTUME DE FUMAR-SE NAS IGREJAS:
— Urbano VII?
— Pio IX?
— Bento V?

6 QUAL A «IDADE SOCIAL» EM QUE VIVIAM OS ÍNDIOS BRASILEIROS NA ÉPOCA DO DESCOBRIMENTO:
— A da pedra lascada?
— A do ferro?
— A da pedra polida?

7 QUAL O NOME QUE DAVAM OS ÍNDIOS DO BRASIL AO «ESPÍRITO MALIGNO»:
— Tupã?
— Jaci?
— Anhang?

8 QUE QUER DIZER «MALOCA»:
— Casa do indígena?
— Poço fundo?
— Rêde de pescar?

9 QUAL O ESCRITOR E HOMEM DE CIÊNCIA QUE INICIOU OS ESTUDOS AFRICANOS NO BRASIL:
— Artur Ramos?
— Nina Rodrigues?
— Silvio Romero?

10 QUE NOME TINHA O DEUS DA GUERRA ENTRE OS AFRICANOS:
— Ogum?
— Oxossi?
— Omolu?

11 QUAL A CIDADE DO BRASIL ONDE HÁ, AINDA HOJE, A MAIOR COZINHA AFRICANA:
— O Recife?
— Belém do Pará?
— Salvador?

12 A QUE SE DEU, NO BRASIL, O NOME DE «TROIA NEGRA»:
— A uma espécie de águia?
— Ao quilombo dos Palmares?
— A uma lagoa?

13 QUE SIGNIFICA «SENZALA»:
— Câmara de suplício dos negros?
— Engenho dágua?
— Casa de morada dos escravos negros?

14 QUAL A MAIS ANTIGA DAS CIDADES MINEIRAS:
— Mariana?
— São João del Rei?
— Sabará?

15 O QUE CARACTERIZA A MAIOR DIFERENCIAÇÃO LINGUISTICA ENTRE O BRASIL E PORTUGAL:
— A sintaxe?
— A sinonímia?
— A prosódia?

16 QUEM INTRODUZIU NA ARQUITETURA BRASILEIRA O ESTILO «BARRÔCO»:
— O primeiro Governador Geral?
— Os franceses do Maranhão?
— Os jesuitas?

17 QUE QUER DIZER «AMERÍNCOLA»:
— Indio americano?
— Fruto da amoreira?
— Bebida amarga?

18 FÓRA DO NORDESTE BRASILEIRO, EM QUE OUTRA PARTE DO MUNDO TAMBÉM HÁ PAU BRASIL:
— Na Europa?
— Na Ásia?
— Na Patagônia?

19 QUE SE ENTENDE POR «NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM»:
— A que se faz pela costa marítima?
— A transatlântica?
— A dos rios?

20 EM QUE PAIS SURGIU, PELA PRIMEIRA VEZ, O «CARTÃO-POSTAL»:
— No Brasil?
— Na Inglaterra?
— Na Franãa?

(*Respostas na página* 58)



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância a juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira.**

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistematicamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**

ALBUM DE "A CENA MUDA"

Cinema. Rádio. Teatro e Música. Retratos grandes, coloridos, com biografias. À venda em tôdas as bancas de jornais e revistas nas capitais e cidades do interior a Cr$ 25,00 o exemplar. Pedidos pelo reembôlso ou mediante vale do Correio, à Cia. Editora Americana. Rua Maranguape, 15 — Rio.



NA ESQUINA DO BRASIL, há 31 anos funciona o Palace Hotel, considerado ainda um dos mais imponentes edifícios de toda a Avenida Rio Branco, mas já insuficiente para o movimento de viajantes da Capital da República. Vai ser demolido, para dar lugar a um edifício de apartamentos. Sua história pertence à própria evolução do país na primeira metade deste século. Políti cos e artistas vieram nêle.

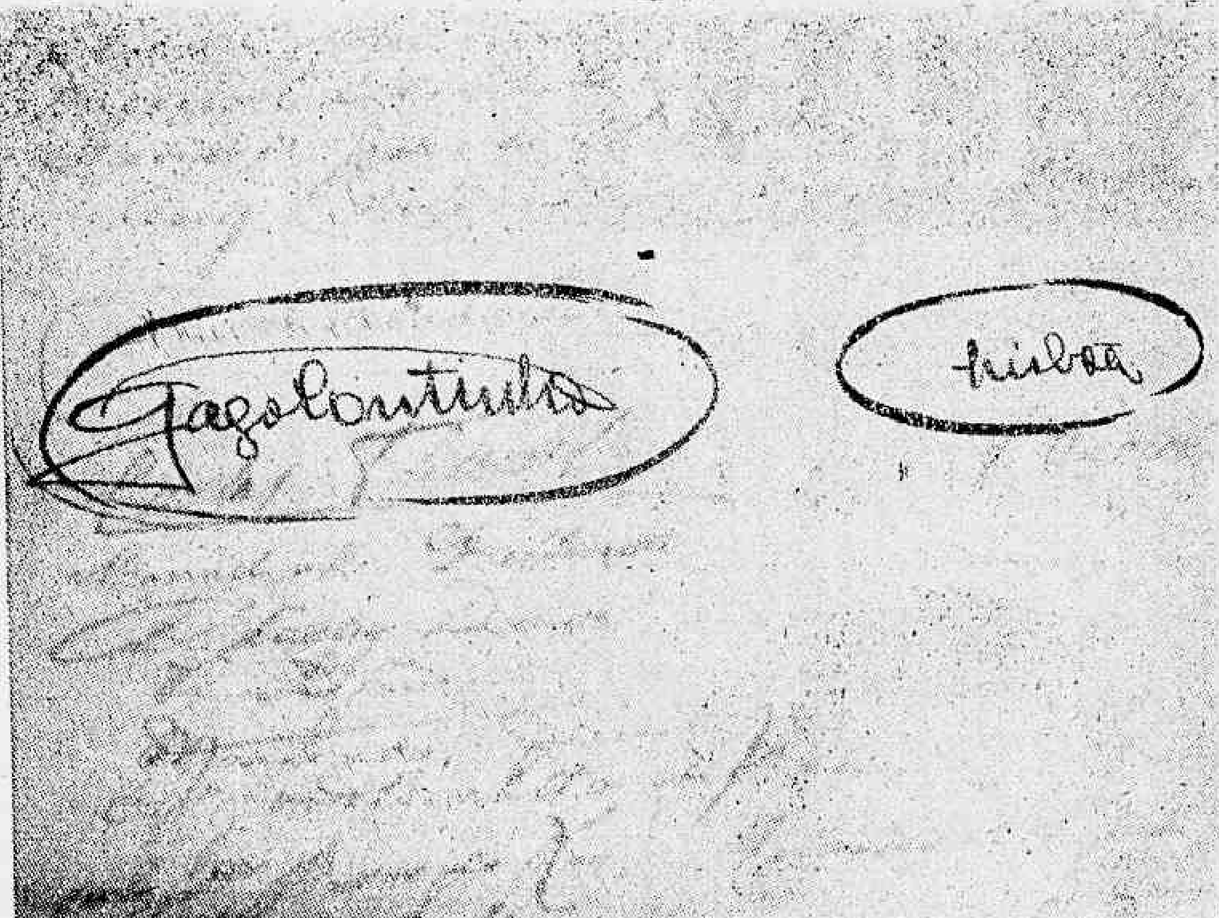
VÃO DEMOLIR A "ESQUINA DO BRASIL"

APÓS 31 ANOS DE FUNCIONAMENTO ININTERRUPTO, SERÁ DEMOLIDO O "PALACE HOTEL" ★ CONHECIDO NO MUNDO INTEIRO ★ DESFILE DE PERSONAGENS FAMOSAS, NACIONAIS E ESTRANGEIRAS, NA LISTA DOS HÓSPEDES ★ UM REGISTRO PRECIOSO PELAS ASSINATURAS ★ CURIOSIDADES SÔBRE SUA HISTÓRIA ATRAVÉS DA PALAVRA DO EMPREGADO MAIS ANTIGO E DO GERENTE

Texto e fotos de **SABINO CANALINI**

JÁ durante a última guerra fôra dado a público uma notícia, segundo a qual o famoso Pálace-Hotel seria demolido, para dar lugar a um moderno edifício de 36 pavimentos. Anunciou-se a transação comercial entre a firma proprietária e a adquirente, publicaram-se plantas e perspectivas, numa das principais vitrinas do centro foi exposta a "maquette" do futuro arranha-céu e iniciou-se a incorporação. O fato admirou a todos, seja pela obra arquitetônica que seria posta abaixo, seja pelo vulto do novo empreendimento. Aos poucos, porém, o esquecimento foi caindo sôbre as primeiras notícias, até que nunca mais se falou no assunto. Várias foram as causas; em primeiro lugar a guerra que não permitiu gastos de materiais considerados de vital importância para o prosseguimento da luta contra os totalitários, depois a revogação do gabarito da Avenida Rio Branco, que, por estar demasiado próxima do aeroporto Santos Dumont, poderia ter no máximo 22 andares, e ainda assim, no princípio da mesma, isto é, perto da Praça Mauá, pois quanto mais se aproximasse do fim, em direção ao obelisco, seria o gabarito gradativamente diminuído. Essa medida era devida à segurança de vôo necessária aos aviões que demandavam o aeroporto em baixa altura.

Por conveniência de uma das partes, o negócio foi desfeito, sendo precisa a intervenção do judiciário para solucioná-lo, já



AR BUR DE SACADURA CABRAL E GAGO COUTINHO, em 22, após a travessia do Atlântico, deixaram suas firmas no registro de hóspedes, à pág. 186. Até hoje Gago Coutinho continuava a frequentar o quarto 318.



A MAIOR PARTE das informações foram obtidas por intermédio do gerente do Hotel, sr. Rubens Bokel de Freitas, empregado há 25 anos no Palace e testemunha ocular de muita coisa interessante aí acontecida.

que não foram cumpridas as cláusulas comuns a tais contratos. A questão interessara o grande público por se tratar de um edifício conhecidíssimo, ponto de referência obrigatório a quantos necessitassem orientar-se na topografia da cidade.

Assim como quando são citados os nomes de hotéis como o Waldorf Astória, o Excélsior, o Savoy, o Ritz, todo mundo imediatamente os coloca nas grandes cidades em que estão, New York, Paris, Londres e Berlim, também quando na Europa ou na América do Norte aparece o nome do Rio de Janeiro como etapa de roteiros turísticos, imediatamente os que viajam, por associação de idéias, lembram o Pálace-Hotel. E' possível que nestes últimos tempos outro hotel tivesse seu cartaz difundido de maneira ainda mais ampla. Referimo-nos ao Copacabana-Pálace, devido à projeção internacional da encantadora praia, nossa melhor embaixatriz nos países estrangeiros. Mas é um cartaz nôvo, comparando-o com o do "velho" Pálace-Hotel. Construído na primeira década de nosso século, logo após a abertura da então Avenida Central, hoje Rio Branco, no lugar denominado Chácara da Floresta, em que havia uma das muitas subidas par desaparecido morro do Castelo, foi, época, o mais belo edifício construido Avenida. O movimento de nossa princi artéria era então diminuto e desenvolv se todo do lado esquerdo. O outro l ainda era ocupado pelo Castelo e s perigosas adjacências. Agora essa face c fruta de uma situação invejável, na quina entre a Rio Branco e a Almira Barroso, que, na opinião do gerente, Rubens Bokel de Freitas, há 25 anos pregado no hotel, pode ser chamada "esc na do Brasil", tal é o movimento co nuo que por ali se observa diàriamente. quatro esquinas do cruzamento, vêem-s Pálace-Hotel, o Liceu de Artes e Ofícios Clube Naval e a sede do Jóquei Clu Haverá no Brasil alguém que não conh pelo menos de nome êsse cruzamento? P ticos, comerciantes, artistas, turistas e garistas nacionais e importados, fizer dêsse ponto o preferido durante três cadas. Mas apenas três décadas? Sim, está uma das facêtas curiosas do caso:

— Construído no princípio do século, considerado grande demais, suntuoso mais para a nossa capital — assim nos clarou o sr. Rubens. De fato nos primeiros anos parece que devia ser mesmo. Basta dizer que o hotel ficou fechado quase dez anos, incluindo todo o período da guerra de 14. Talvez a conflagração fôsse a grande causa da falta de hóspedes. Sua inauguração deu-se a 21 de julho de 1919, tendo até hoje vida ininterrupta. Agora é considerado antiquado, já não oferece o confôrto necessário aos hóspedes, há desperdício de lugar e consequente prejuizo financeiro, razão primeira da venda do imóvel para a incorporação de um grande edifício de apartamentos, que o substituirá.

★

Estava confirmado o boato. Sim, nos últimos dias, os jornais e o rádio haviam propalado a venda do hotel. Enfim, nova edição das notícias de alguns anos atrás. Desta vez, parece [illegible] verdade. Todos os hóspedes foram [illegible] com antecedência, e talvez até o fim [illegible] tembro será começada a demolição. A confirmação do boato foi parcial, pois consta que o Teatro Fênix, pertencente à mesma companhia de Hotéis Palace, na esquina de Almirante Barroso com rua México, não será derrubado, e o novo edifício terá apenas 22 andares, com galerias e lojas no térreo e apartamentos nos restantes pavimentos.

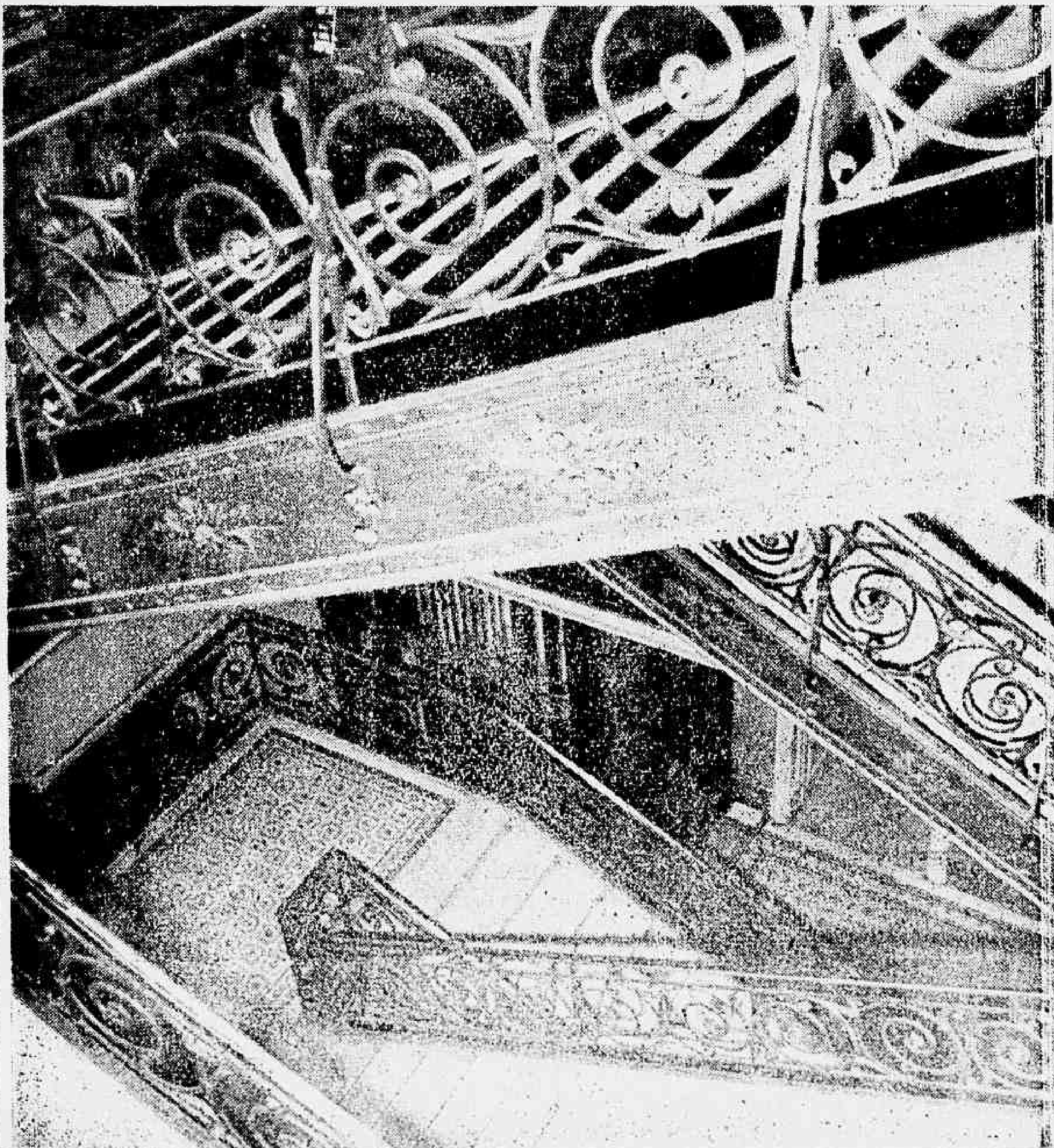
— Ainda há 25 anos atrás, quando entrei a trabalhar no hotel, — informa-nos o gerente — raríssimas eram as pessoas que transitavam nas calçadas fronteiriças. Com o desenvolvimento da área ocupada anteriormente pelo morro, a vida da capital aos poucos espalhou-se também para êstes lados. Mas já então o hotel era procurado pela nata da sociedade brasileira e pelos afortunados estrangeiros que transitavam pelo nosso país.

Mostrou-nos então o primeiro registro de hóspedes, um grosso volume de capa de couro. A primeira assinatura é do Barão de Saavedra, a data, 19 de julho de 1919. Fomos percorrendo as páginas daquele precioso [illegible] falsas [illegible] constar nas fôlhas! De repente vimos as de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, procedência Lisboa, era a conclusão da memorável tra-

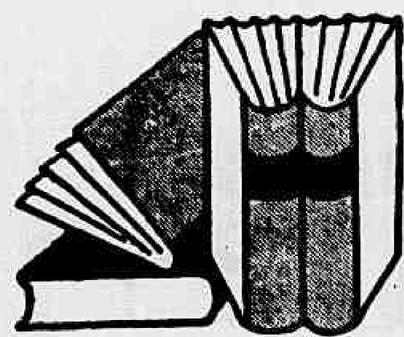
(Cont. da pág. 50)

A ESCADARIA interna, com os degraus de mármore de Carrara, assim como todos detalhes arquitetônicos do prédio constituem valioso exemplo de como se construía princípio deste século.

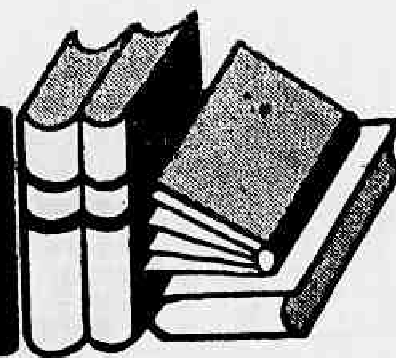
EMPREGADO há 31 anos como garção, Bernardino de Souza Barbosa, entrou ganhando RS 120$000, e agora tem o ordenado de Cr$ 960,00, fóra as gorgetas, e as coisas inesperadas que a vida oferece.





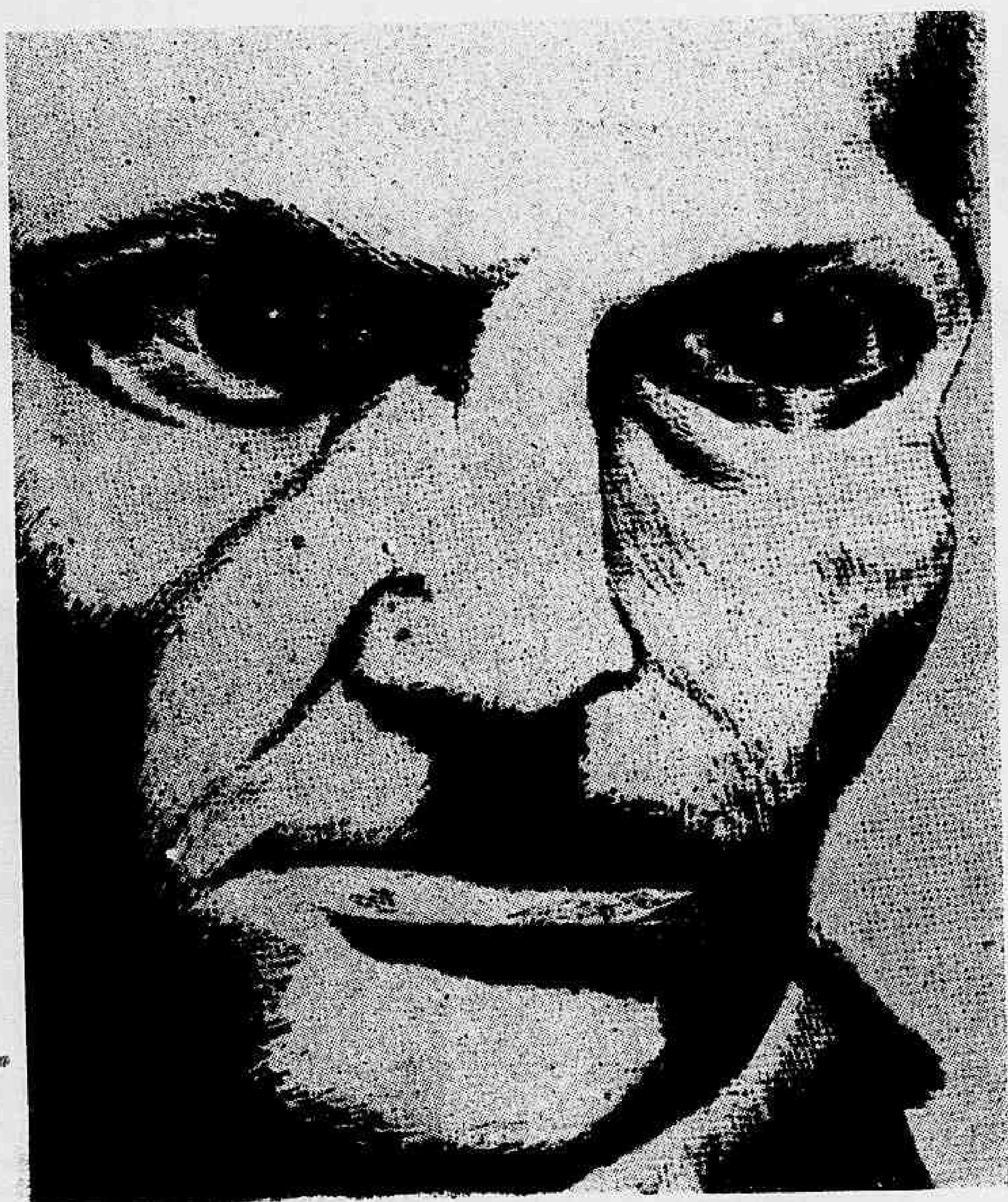


SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMILIA

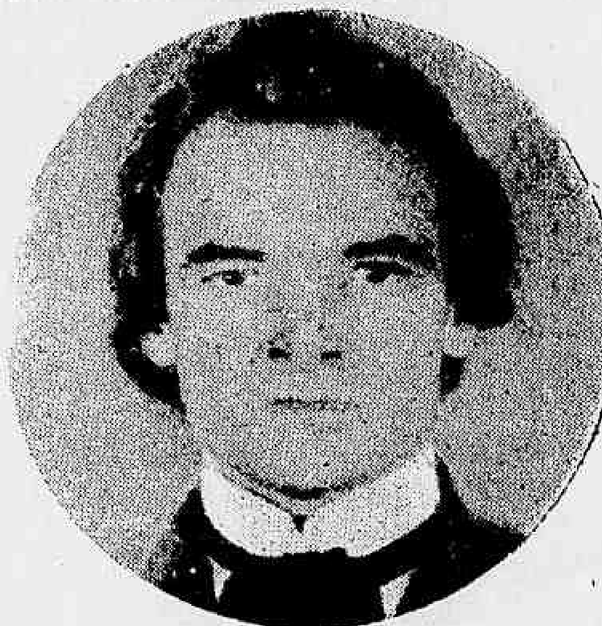


Baudelaire, desenho de Sotero Cosmo

CARLES BAUDELAIRE o genial poeta francês, cuja obra, incompreendida no seu tempo, vem sendo um constante acontecimento literário, em sucessivas edições, traduzida e estudada como um dos maiores fenômenos das letras em todos os tempos. Ainda recentemente o poeta Guilherme de Almeida nos dava uma série de primorosas traduções de Baudelaire — "Flores das Flores do Mal". E, agora, aparece em admirável trabalho de Aurélio Buarque de Holanda, os "Poemas em Prosa", obra irmã-gêmea de "Les Fleurs du Mal", indispensável ao conhecimento do imortal poeta!

CINEMA E LITERATURA

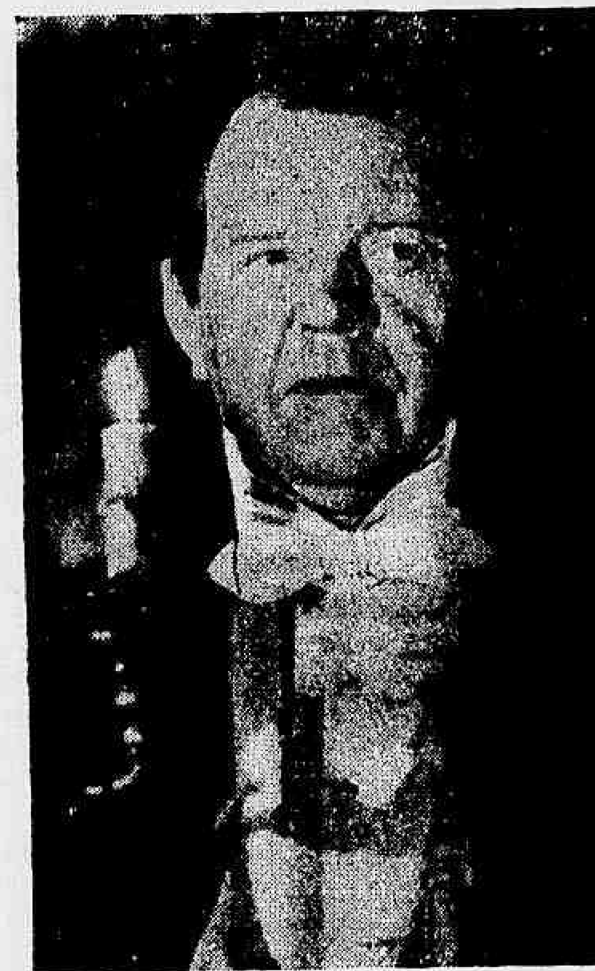
Histórias Extraordinárias



Fernand Ledoux, no personagem de «Coração Revelador»

Só de raro em raro o cinema, arte popular por excelência, faz uma incursão mais séria no domínio da literatura, como ainda há pouco vimos nesses filmes de Laurence Olivier, extraídos das obras de Shakespeare e que constituíram verdadeiro acontecimento artístico. Agora, temos a registrar o aparecimento de um filme francês extraído da obra de Edgar Poe.

Aliás, desde o aparecimento do cinema dramático, na sua primeira forma artística, com Griffith, Poe foi por êsse mestre cineasta, adaptado ao cinema, com uma película inspirada em "O Corvo". Mais tarde, Jean Epstein transpôs para o celulóide uma das mais famosas novelas de Poe: "A Queda da Casa dos Usher", obra-prima da escola expressionista francesa. Outros contos de Poe foram adaptados ao cinema, como, por exemplo, o "O Coração", realizado cremos que pela Metro, aliás um filme curto mas do maior merecimento. Faltava, porém, um grande filme poêsco. E' êsse filme que vem de ser realizado por Jean Faurez, "Histórias Extraordinárias". Três contos de Poe — "O barril de Amontillado", "O coração revelador" (o mesmo filmado pela Metro) e "Ecce Homo" compõem, com uma anedota extraída nas narrações de Thomas de Quincey — autor de "Do assassinio considerado como uma das Belas-Artes" — a trama dêsse filme, que surge como narrações que se contam, uns aos outros, alguns policiais do Segundo Império, certa noite, no distrito, antes de se verem, êles próprios, envolvidos nessas fantásticas aventuras. A adaptação é de Guy Decomble quem também escreveu os diálogos. Damos aqui alguns momentos dêsse filme que os importadores de películas francesas bem poderiam trazer para o público brasileiro.



Guy Decomble, cenarista, dialoguista e um dos intérpretes do filme, compôs para si esta cabeça de Edgar Poe





A esquerda: Outra cêna de «Histórias Extraordinárias», com Marina de Berg e Susy Carrier. A direita: Um momento de «O Barril de Amontillado»

PRÊMIO DE POESIA



O poeta Dirceu Quintanilha, laureado com o prêmio da Academia Brasileira de Letras

"MARGEM"

TEMOS em mãos o primeiro número de "Margem" — cadernos de Arte e Cultura — que acaba de aparecer no Rio, publicação trimestral dirigida por J. Rodrigues Coutinho e secretariada por Paulo Nery.

Em formato "tabloid", com tipografia comum, mas agradável, muitas ilustrações e selecionada colaboração, "Margem", que é impressa nas oficinas do "Jornal do Brasil", assim se apresenta ao público:

"Sim, claro que publicar no Brasil coisas sôbre arte e cultura é ainda um exagêro. Mas, afinal, exagêro tolerável num mundo às apalpadelas em que vamos parando pelas esquinas, confusos diante de tabuletas mudadas sem aviso prévio.

Já não há mais tempo para avisar com antecedência.

E' avançar no rumo do desconhecido, fabricado por mãos despojadas de quase todo mistério.

Esta publicação nada tem a ver, naturalmente, com a confusão geral: mas talvez sirva de pretexto para um grupo de homens reunir, falar idéias transitáveis, e interessar o vizinho na empreitada.

Dêsse grupo alguns frequentam a literatura, alguns as artes plásticas, outros cogitam assuntos sociais, outros e outros, outras e outras frequentações.

Como nos habituamos a falar baixo, não importunaremos ninguém. Que também não haverá mal maior em se dobrarem fôlhas de papel impresso ao jeito de leitura.

Cada um tem um limite de curiosidade para os gestos do próximo: confiamos em que êsse limite não esteja totalmente esgotado naqueles curiosos costumazes."

Parabéns e vida longa, desejamos ao novo órgão cultural que surge sob os melhores auspícios e tão brilhante já no seu primeiro número.

"CANCIONEIRO DO AMOR"

O lirismo amoroso, sem a menor dúvida, é a parte mais rica da poesia brasileira, e aquela que melhor responde aos apelos da nossa psicologia coletiva. Assim sendo, é natural que uma antologia da poesia amorosa brasileira deva merecer a atenção de uma grande maioria de leitores, ontem como hoje fiéis às expansões subjetivas dos nossos maiores líricos, principalmente a partir do romantismo.

"O Cancioneiro do Amor", que se anuncia para breve, na Coleção Rubaiyat, atende precisamente a êsse gôsto generalizado pelos versos de amor e, se não é obra original, pelo menos foi organizada de modo a satisfazer o maior número de leitores. Naturalmente, levando-se em conta a existência de numerosas outras antologias, é preciso convir que o livro não poderá apresentar novidades, pelo menos até o simbolismo. Qualquer tentativa de originalidade, num terreno já tão explorado como êsse, acabaria resvalando para o mau-gôsto, pois, o que a poesia brasileira tem de melhor já figura há muito em numerosas outras co-

(Cont. na pág. 51)

FORA DO PRELO

POESIA

SOMBRAS E PENUMBRA — Dormevilly Nobrega — Juiz de Fora

O jovem poeta Dormevilly Nobrega acaba de editar uma **plaquette** com êste título e tôda ela composta de tercetos, com a indicação de que se trata da primeira série. Não pretende o autor repetir Dante, servindo-se do terceto para criar um mundo. Seus pequenos poemas têm antes, um aspecto de exercício poético, com êsse partido do terceto para fugir à vulgaridade da quadra.

Realmente, êle emprega o terceto, forma em geral tributária, sobretudo do soneto, utilizada também em poemas mais extensos, como os famosos "Tercetos" de Bilac e, que nos lembre, de momento, a "Salomé", de Martins Fontes; mas os toma como poemas autônomos ou, talvez, sonetos truncados, restos, chaves de soneto. E' curioso examinar o caso.

Incorporado ao soneto, o que eleva a qualidade dos tercetos é a hábil e original combinação de rimas. No caso dos poemas mais longos, como nos acima citados, há regras fixas para o rimário do terceto, o que constitúi a sua beleza e... a sua ginástica. Dormevilly Nobrega toma o terceto como entidade válida por si. E' uma incursão pelo parnasianismo, levada a efeito por um poeta da nova geração. Diz-se-á que o poema se integra na poesia moderna, desde 22. De acôrdo. Mas, mesmo então, já era êsse poema curto, como observava certa vez Manuel Bandeira, uma escravização ao parnasianismo, um resíduo parnasiano. E, tanto que os poetas maiores do modernismo procuraram fugir dessas sínteses.

Só nos poderia explicar essa escolha de Dormevilly Nobrega, optando pelos tercetos, a voga, mesmo a vulgaridade, do "aicái" entre nós. Poetas bons e maus adotaram a estrutura aproximada do poemeto japonês que, algumas vêzes, na nossa assimilação, parece terceto. E, assim, êste poeta de pendores filosóficos e pensamentos amargos ou irônicos foi levado ao terceto pela sedução do "aicái" brasileiro. A disposição das idéias, a própria linguagem e a imaginística dêstes tercetos nos recordam a técnica do "aicái", a sua poética, não, entretanto, a sua simplicidade.

Dormevilly Nobrega escreve em verso, mas pensa em prosa. Pensa — porque seus versos são principalmente pensamento. E como tôda poesia de pensamento perde seu mistério, entra na rigidez da lógica, aliena sua liberdade lírica, a sua ondulação vaga, e cái no prosaísmo, de contornos precisos, de imagens diretas, de linguagem vulgar, — eis que êste poeta diminúi muito a "portée" de sua mensagem. O que encontramos aqui é essa poesia prosaica, com certo desagradável eruditismo, com variações em tôrno de temas consagrados, dos grandes assuntos, com um ar sentencioso e solene. E só em raros momentos o poeta nos comunica a sensação da poesia, parecendo-nos no geral, um criador de máximas metrificadas e com rimas.

Talvez tenha havido certa impaciência na estréia de Dormevilly Nobrega, sobretudo com um livro, como êste, demasiado intencional e formalista. Mas compreendemos que êle precise, de [illegible] de libertar-se dessas camadas de [illegible] que soterram sua vocação lírica para atingir o plano a que será [illegible] pelo seu talento e por seu sentido dramático do mundo, por sua inquietude e seu sentimento da paisagem, sua generosidade e sua ternura. Há, neste livro de estréia, muitos momentos que denunciam essa vocação apenas prejudicada pela inexperiência técnica e pela falta de um maior e mais profundo contacto com o fenômeno poético atual.

Certa vez perguntamos a um jovem poeta que estava com um livro no prelo, se havia lido Rimbaud:

— Rimbaud? Quem é Rimbaud?

Falamos sôbre o poeta e confessamos nosso estarrecimento pelo fato de um poeta, desconhecendo uma obra de pesia indispensável, publicar um livro. A resposta que o jovem impaciente nos deu foi de certa forma inteligente e de certa forma perturbadora:

— Mas Rimbaud também não havia lido Rimbaud antes de fazer os seus poemas...

A questão, como esclarecemos naquela oportunidade, é exatamente esta: tanto nossa observação, como a resposta do vate incipiente eram procedentes; mas no caso de Rimbaud havia uma coisa que se chama gênio. O diabo é que a maioria dos jovens poetas se acreditam nesse caso. E é que a maioria absoluta dos livros de poemas últimamente aparecidos revela é que o gênio é quase tão raro hoje como os poetas que os publicam, sem ler Rimbaud, sem uma preparação maior para a poesia.

O movimento modernista, que rompeu tôdas as amarras, criou sérias dificuldades às vocações literárias. Hoje em dia, o trato das letras exige um conhecimento muito mais seguro e profundo da história literária e de suas obras capitais, do que antes dêsse movimento de depuração, de liquidação, de "queima" definitivo de tantos supostos valores. A ignorância dêsse leilão modernista acarreta desacidas terríveis, voltas a um passado morto e enterrado, graves retrocessos. E é contra isso que advertimos, amistosamente, todos os jovens poetas.

OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO (14.ª ed) — Editora Globo — Pôrto Alegre

De um romance que está em sua décima quarta edição, já traduzido para várias línguas e já filmado fora do Brasil — tal é o caso de "Olhai os lírios do campo", de Érico Veríssimo — tudo está dito: trata-se de um sucesso de livraria que não se repete muito entre nós.

Mas, seria o êxito do romance devido a um dêsses imprevistos literários que fazem, às vêzes, de obras medíocres, ou pouco mais do que isso, grandes acontecimentos e grandes sucessos de livraria? Fôra injusto pensar assim do romance de Érico Veríssimo. E o permanente interêsse dos leitores por esta obra prova que não se trata, aqui, de um livro do momento, mas, ao contrário, de uma obra resistente, ao tempo e às modas, com valores definitivos e qualidades profundas.

Ao que tudo nos faz crer, êste é, de fato, o melhor romance do autor tão apreciado. Nele, conservando tôdas as suas qualidades de escritor, mais, de escritor para o povo, Érico Veríssimo não teve nenhuma preocupação exterior, escreveu uma história simples e humana, desprezando todos os "poncifs" que lhe outorgaram foros de romancista da moda. Aqui, é onde menos o autor pensou no seu público e, por isso, onde melhor o atingiu. Afundou no seu assunto e nos deu, com singeleza de fabulação e esplêndida técnica literária, um romance cheio de vida, de emoção e de beleza.

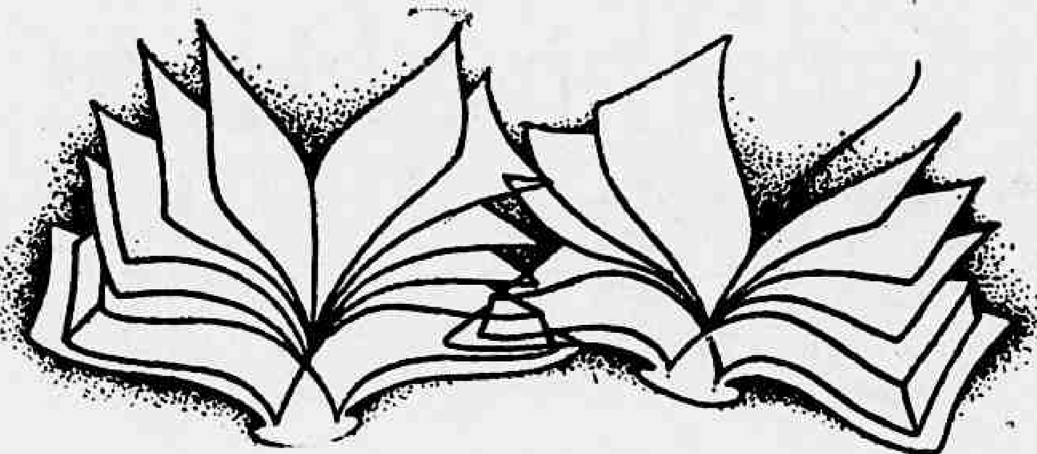
Não podemos deixar de constatar que a enorme popularidade grangeada pelo romancista gaúcho tem feito à sua obra maior mal do que bem. O êxito fácil pode conduzir também a uma certa displicência, a um certo despoliciamento, a um processo intencional de cortezania do público que tráem os escritores. Era o que estávamos temendo no caso de Érico Veríssimo quem, com "O Tempo e o Vento", parece estar retomando os caminhos mais largos, abandonando a preocupação do "best seller" que algumas vêzes nele se denunciou.

Podemos dizer que êle entrou na segunda fase de sua carreira de escritor. A primeira ficou pujantemente assinalada principalmente por êste "Olhai os lírios do campo", acima, muito acima de tôdas as suas outras obras, emocionante documento humano e verdadeira obra-prima de nosso romance.



TEATRO DE GOETHE — Traduções — Edições Melhoramentos — São Paulo

Não será das mais conhecidas, entre nós, a obra teatral de Goethe, cujo bi-centenário foi, ainda há pouco, tão festivamente comemorado em todo o mundo, inclusive no Brasil. Diremos, mesmo, que êsse teatro, tão significativo para o conhecimento do gênio de Goethe — e do homem que havia nele — é quase que ignorado entre nós, a não ser por parte dos intelectuais. O grande público, êsse não teve oportunidade maior de entrar em contacto com essa faceta do imortal escritor. Assim, aparecem para preencher aquela célebre lacuna, êstes volumes que a Melhoramentos vem de lançar, em bela apresentação e que nos dão: "Estela", "Clavigo" e "Egmont", três peças de Goethe, cujo conhecimento vai causar ao público leitor o maior entusiasmo.



QUEM

Texto e Fotos de
CARLOS TENORIO

QUIS a REVISTA DA SEMANA promover esta "enquête", da qual participaram próceres partidários dos três mais prováveis candidatos à Presidência da República — representantes do Partido Social Democrático, da União Democrática Nacional e do Partido Trabalhista Brasileiro, respectivamente: deputado Cristiano Machado, brigadeiro Eduardo Gomes e senador Getúlio Vargas.

Aqui está, nestas páginas, o resultado dêsse empreendimento. Pelas declarações que inserimos, distanciadas sòmente dezessete dias da realização do prélio, poderá o leitor conhecer com exatidão a expectativa reinante em cada campo eleitoral. No dia 3 de outubro, vão os nossos patrícios outorgar a um seu semelhante, poderes tamanhos como o de pontilhar sua vida por um quinquênio, ditando-lhe atitudes para o "modus-vivendi", sancionar-lhe o procedimento e oscilar sua economia.

O que presenciaremos então, é um Brasil Físico — essa terra majestosa, de cabeça chata, faces chupadas e queixo fino — lançando ao Brasil Político, numa difícil empreitada, os seus destinos. E teremos dado aos olhos do mundo um belo exemplo de sã democracia, num pleito guardado pelo exército da nação que se desincumbirá de dar posse a quem vencer.

Vão às urnas, pelo pôsto de máxima honra, quatro candidatos. Sufragar através de votos um homem para guiar o país é realmente um passo na escuridão do incógnito, arriscando-se o eleitor pelas devidas conseqüências.

Os candidatos aí estão. Todos acenam com belos programas, prometendo um Brasil forte, de vida larga e situação econômica em prosperidades. Resta esperar.

Os depoimentos resumidos nestas páginas são da mais sugestiva apreciação. Delas depreende-se que o norte tem, agora, seus donos. E são três poderosos candidatos que lhe disputam os homens. Minas será então a madrinha de dois, ao que ainda se conclui destas declarações.

Será realmente curioso quando, feitas as apurações, verificar-se que Minas tenha sido madrasta para um e o norte, sempre desconfiado, preferiu desfazer-se de dois.

FALAM OS SRS ALENCASTRO GUIMARÃES E DANTON COELHO



Inteiramente sem reservas, cheio de entusiasmo, falou-nos o coronel Alencastro Guimarães, candidato à senatoria do Distrito Federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro e grande amigo do ex-presidente:

— Uma eleição é uma verdadeira batalha. A cédula e a palavra são as armas. — Dizia-nos quando, sentados numa poltrona da sede do Jockey Club, iniciamos as perguntas, que foram tôdas respondidas, e os quais enfeixaremos numa só resposta, que assim ficará:

— GETÚLIO VENCERÁ COM UM MILHÃO DE VOTOS NA FRENTE DO SEGUNDO COLOCADO, QUE SERÁ O BRIGADEIRO. CALCULANDO-SE QUE VOTEM 7 MILHÕES DE ELEITORES, O CANDIDATO TRABALHISTA TERÁ 3 A 4 MILHÕES. A BATALHA SE REALIZARÁ ASSIM: AÇÃO PRIMEIRA, NO SUL, COM ESMAGAMENTO. O CENTRO SERÁ NEUTRALIZADO, MINAS SOFRENDO A PRIMEIRA PARALISAÇÃO, E O NORTE CONSOLIDA A VITÓRIA. DIVIDIMOS A VOTAÇÃO EM NOSSO CANDIDATO EM TRÊS PARTES: ESTADOS DE VOTAÇÃO CERTA, OS DE QUASE-CERTA, E OS PROVÁVEIS. OS PRIMEIROS SÃO: RIO GRANDE DO SUL, S. PAULO, GOIÁS, DISTRITO FEDERAL E ESTADO DO RIO: OS QUASE-CERTOS SÃO: PARANÁ, SANTA CATARINA, BAHIA E CEARÁ: E OS PROVÁVEIS: ESPÍRITO SANTO, SERGIPE, PERNAMBUCO E AMAZONAS. PERDEREMOS NOS DEMAIS, SENSIVELMENTE EM MINAS, SENDO QUE O MILHÃO DE DIFERENÇA E' O NORTE. TEMOS ESTATÍSTICAS FEITAS SÔBRE A POSSIBILIDADE DO NOSSO CANDIDATO, QUE DÃO COMO SUA A VITÓRIA NAS URNAS. PLENA VITÓRIA. ALIÁS COMO DISSE NA BASE DE UM MILHÃO. O PRÓPRIO TRIBUNAL ELEITORAL, EM "ENQUÊTES" FEITAS AQUI NO DISTRITO FEDERAL E COLIGIDAS EM ESTATÍSTICAS DEU COMO VENCEDOR O CANDIDATO TRABALHISTA — GETÚLIO VARGAS.

— Adivinhe para quem estou telegrafando. — Assim falava ao coronel Alencastro Guimarães, o sr. Danton Coelho, presidente do Partido Trabalhista Brasileiro, e que também estava na sede do Jockey Club. Sua palavra interessava ainda à "enquête" que promovíamos, pelas suas demarches em tôrno da vice-presidência. Com a alegria e a certeza da vitória estampadas no rosto, aproximou-se. Soube do assunto e prontamente respondeu:

— O NOSSO CANDIDATO VAI VENCER COM 3.400 MIL VOTOS. COM UMA DIFERENÇA DE 1.400 MIL VOTOS PARA O SENHOR CRISTIANO MACHADO QUE SERÁ O SEGUNDO COLOCADO.

— Aliás é onde nos desentendemos. Creio que após o candidato do P. T. B. virá o Brigadeiro.

— Bem. E' provável. Porque em breve, na época da eleição isso esperamos, acontecerá. Em um mês tomaremos o eleitorado de Cristiano quase todo, até mesmo em Minas Gerais.

— Mas como? — Perguntamos.

— Isso são manobras políticas. Mas que será certo não tenha dúvidas. Cristiano assim vai para terceiro.

VENCERÁ?

FALA O SENADOR IVO D'AQUINO



O senador Ivo D'Aquino, líder pessedista no Senado Federal, deu lacônicas respostas, quando entrevistado.

Pelo enquadrinhamento dessas o leitor, certamente, entenderá o esquema das perguntas.

— CREIO COMO CERTA A VITÓRIA DE CRISTIANO MACHADO, UM HOMEM UM TANTO AFASTADO DAS LIDES POLÍTICAS E DE GRANDE HONESTIDADE E CULTURA. PENA E' QUE A CAMPANHA EM TÔRNO DE SEU NOME HAJA SIDO UM POUCO TARDIA. A DIFERENÇA DE VOTOS QUE IRÁ SEPARAR O DR. CRISTIANO MACHADO DO SEGUNDO COLOCADO, SERÁ PEQUENA. NÃO SE COMPARANDO À DA ELEIÇÃO PASSADA. NO ENTANTO, A VITÓRIA É CERTA. REALMENTE NÃO POSSUÍMOS ESTATÍSTICAS PARA ISSO COMPROVAR, MAS CALCULAMOS PELO CONHECIMENTO E CONTACTO COM O NOSSO ELEITORADO. MINAS É O NOSSO QUARTEL-GENERAL; O NORTE POR SUA VEZ NOS E' FAVORÁVEL. O ELEITORADO DO DISTRITO FEDERAL GUIA-SE MUITO PELO CANDIDATO E NÃO PELO PARTIDO, COMO TAMBÉM O PAULISTA. PODEMOS DIZER QUE O CENTRO-OESTE E' QUASE TODO NOSSO.





FALA O SR. ODILON BRAGA



— Acredita na vitória do Brigadeiro?

— PERFEITAMENTE. O CANDIDATO NACIONAL ENCONTRA-SE SOBEJAMENTE CREDENCIADO. ACREDITAMOS TODOS, EU E TÔDA A U. D. N..

— Com que margem de votos?

— A DIFERENÇA SERÁ PEQUENA. DE UNS 150 A 200 MIL VOTOS. É DIFÍCIL DE PRECISAR-SE.

— Qual o Estado base? O que dará maior votação ao Brigadeiro?

— NÃO HÁ PRÒPRIAMENTE ESTADO BASE. HÁ ESTADOS QUE DARÃO FLAGRANTE SUPERIORIDADE DO NOSSO CANDIDATO SÔBRE OS DEMAIS, COMO CEARÁ E MINAS GERAIS.

— Em quais terá ainda vitória?

— CREMOS QUE EM AMAZONAS E PIAUÍ, PARAÍBA E BAHIA. ESPERAMOS GANHAR EM PERNAMBUCO E RIO GRANDE DO NORTE, COMO TAMBÉM ESPÍRITO SANTO, SANTA CATARINA, MATO GROSSO E GOIÁS.

— LÒGICAMENTE DEVEMOS GANHAR AQUI NA CAPITAL. NA ELEIÇÃO PASSADA O BRIGADEIRO AQUI VENCEU CONTRA O ELEITORADO DO P. T. B. QUE VOTOU EM MASSA NO CANDIDATO DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO. DUAS FÔRÇAS ELEITORAIS REUNIDAS PERDERAM PARA UMA SÓ. AGORA AS FÔRÇAS ESTÃO PARTIDAS, HÁ UM CANDIDATO PETEBISTA, QUE É O SR. GETÚLIO VARGAS, HAVENDO TAMBÉM UM CANDIDATO DO P. S. D., PORTANTO, COM ESSA BIFURCAÇÃO DE VOTOS DEVE ESTAR ENFRAQUECIDO O ELEITORADO OPOSTO.

E' UM SINTOMA IDÊNTICO O DO ESTADO DO RIO, ONDE TAMBÉM DEVEMOS VENCER. AMARAL PEIXOTO, PERTENCENTE AO P. S. D., DEVERÁ VOTAR COM O SOGRO (o senador Getúlio Vargas) ORA, ISSO VAI ARRASTAR UM GRANDE NÚMERO DE ELEITORES DO P. S. D. PARA O P. T. B., O QUE NOS FAVORECERÁ PORQUE AS FÔRÇAS CONTRÁRIAS AO INVÉS DE COESAS ESTARÃO PARTIDAS.

HÁ POUCO TEMPO FIZEMOS UM INQUÉRITO AQUI NO PARTIDO CONTANDO COM OS NOSSOS ELEITORES NOS ESTADOS, DEMOS A TÔDA A MARCHA DA PESQUISA UM CUNHO DE PESSIMISMO PARA NÓS E OTIMISMO PARA O ADVERSÁRIO. O RESULTADO FOI O SEGUINTE:

BRIGADEIRO — 2490 MIL VOTOS.

GETÚLIO — 2430 MIL VOTOS.

CRISTIANO — 2260 MIL VOTOS.





ÚLTIMAS FOTOS de Giuliano com vida, obtidas de um filme encontrado nos bolsos do morto, no patio da casa de De Maria, no lugar em que foi abatido pelo capitão Perenze.

O FENÔMENO GIULIANO

DADOS BIOGRÁFICOS ★ DO CÂMBIO NEGRO À VIDA "FÓRA DA LEI" ★ JOGUETE NAS MÃOS DOS COMUNISTAS, DA "MAFIA", DOS "INDEPENDENTISTAS" E DO MOVIMENTO AGRÁRIO DA SICÍLIA ★ O BANDIDO E AS SUAS FAÇANHAS ★ A ÚLTIMA LUTA

Texto de **JOÃO TELLES.**

NO dia 16 de novembro de 1922, nascia em Montelepre, na provincia de Palermo, Sicilia, o que viria a ser depois o famoso bandido Salvatore Giuliano. Seus pais, chegados há dois ou três meses apenas de volta da América, onde haviam emigrado e onde haviam conseguido juntar dinheiro suficiente para voltar, construir uma casa e pensar em viver sossegados para o resto da vida. E de fato, sem novidades passaram os anos da infância e mocidade de Giuliano. Pouca instrução, muita saúde, bastante preguiça. Veio a segunda guerra mundial. A situação na Itália tornava-se cada vez mais precária, inclusive na frente interna, a retaguarda. Deserções, traições, falta de víveres, descontentamento, tabelamento dos principais gêneros alimenticios e consequentes dificuldades para as familias de poucos haveres, que não podiam se dar o luxo de comprar no câmbio-negro. Giuliano começou a trabalhar para ajudar no sustento da familia. Seu gênio irrequieto não lhe permitia viver de acôrdo com a disciplina funcional que encontrava nos lugares de emprêgo. Várias vêzes advertido e despedido, começou a se julgar um perseguido pela





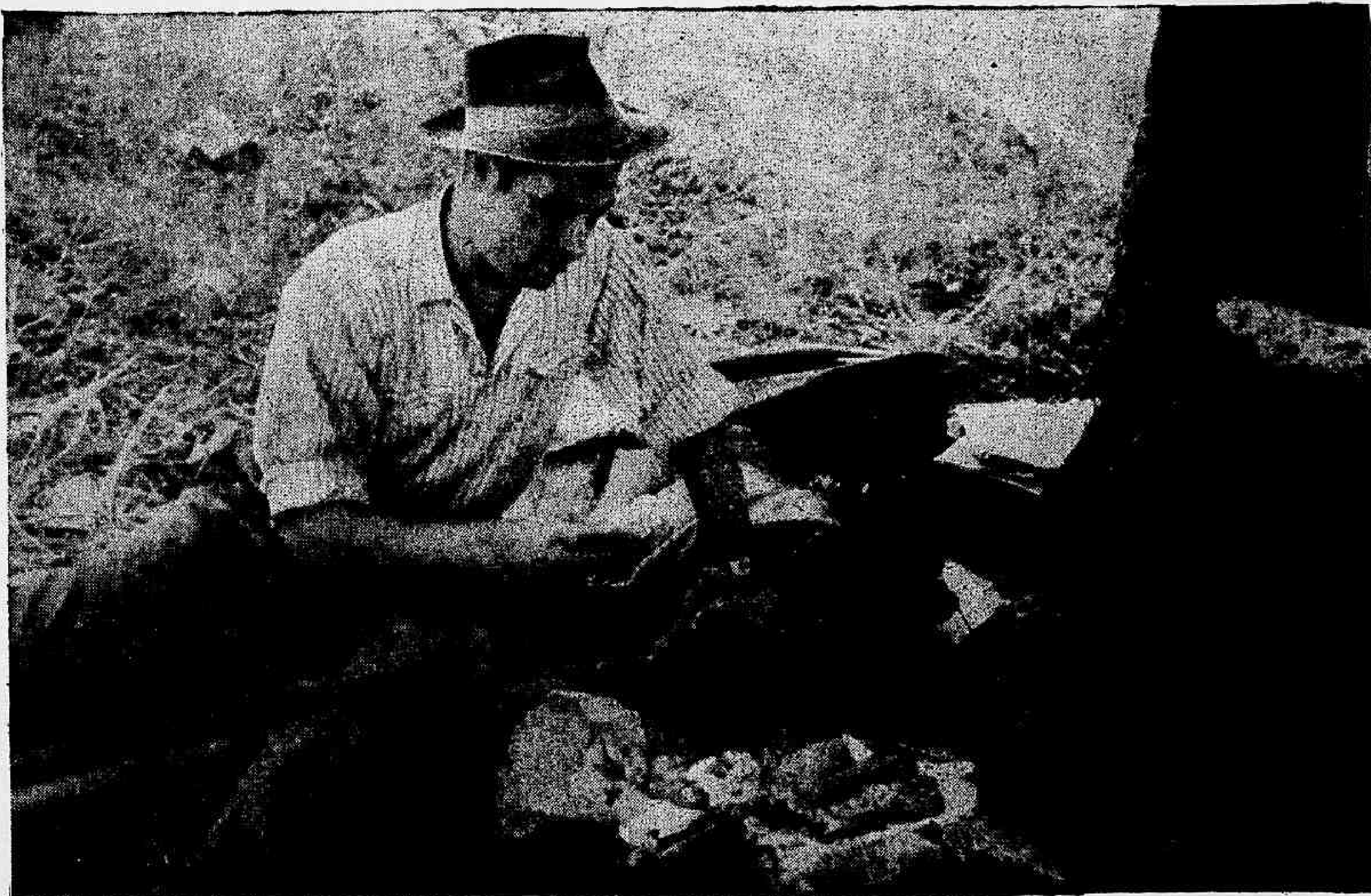


APROVEITANDO A MANIA de Giuliano pelas fotografias, a policia fez circular nos arredores de Montelepre um pseudo carro-cinematográfico, para atrair o bandido

sociedade. Êle mesmo teve ocasião de declarar depois, quando já bandido, que seus sentimentos de revolta tiveram início por causa dessas perseguições, especialmente a que sofreu quando era empregado como fiscal de linhas telefônicas, lugar que perdeu por causa de um chefe de turma. Sua família estava pasando privações. Giuliano, desempregado, decidiu tentar a sorte com o câmbio-negro, coisa comuníssima então na Itália. Os gêneros que escolheu para contrabandear, eram os que podiam servir também para serem distribuídos aos próprios familiares: azeite de oliva, farinhas, açúcar, etc. Corria o ano de 1943. "Turiddu" Giuliano, muito jovem ainda de anos e de experiência, com seu mercado ilícito, conseguia sustentar a família numerosa. Seu trabalho consistia em levar alimentos aos que, por contingências diferentes, haviam ficado nas cidades, mesmo nos períodos de bombardeios de maior intensidade. Foi assim que teve início o seu preparo para a vida de "fora da lei", percorrendo as abruptas montanhas, as escarpas e as aldeias vetustas da lendária Sicília. Seu estágio de bandido foi enriquecido de exercício físico, prática de tôda a topografia ao redor de Montelepre até Palermo, relações com todos os que viviam à margem da legalidade, inclusive os muitos políticos que faziam de uma vila perto de Baghiera o centro de conspiração para realizar um movimento revolucionário em prol da independência da Sicília. Os poucos "carabinieri" de serviço o pegaram umas duas ou três vêzes, obrigando-o ao pagamento de multas desproporcionadas e sequestrando-lhe as mercadorias. O desespêro apertava de todos os lados, mais inexorável que a própria guerra. No princípio Giuliano conformou-se, mas aos poucos rebelou-se. Comprou uma arma, um revólver automático. Agarrado ainda uma vez, estava sendo levado para o distrito, quando, aparecendo-lhe uma ocasião propícia, deu-se à fuga. Perseguido, um dos agentes disparou sua arma e feriu-o no abdomen. Caiu Giuliano ao chão, enraivecido sacou do próprio revólver e atirou nos que o perseguiam, matando o mais próximo e conseguindo se dileguar. Apesar de sangrar abundantemente pela ferida que lhe deixou uma profunda cicatriz, e que êle gostava de mostrar, afastou-se, encontrando providencialmente um burro sôlto, escorando-se no qual pode chegar a um povoado onde foi socorrido. Soube depois que estava sendo procurado por assassinato e decidiu fugir para as montanhas. Dezembro de 1943. Início oficial de uma triste carreira, que o levaria em pouco à fama internacional, ao desprêzo, à necessidade de matar para viver, ao fim inglório, devido, como parece à mão traiçoeira do que lhe foi durante todo êsse tempo o assistente número 1.

SERVINDO DE ESPECULAÇÃO

Para se compreender a razão pela qual Giuliano pôde resistir tanto tempo à ação repressora das autoridades, não só durante a guerra, como durante a ocupação das fôrças aliadas e em seguida sob o govêrno De Gasperi, cujo ministro do Interior, Scelba, teve poderes discricionários para combater o banditismo em todo o território peninsular, é bom explicar em rápidas linhas a situação que provocou o nascimento e fortalecimento de tantas pessoas vivendo contra os poderes constituídos. Essa circunstância na Sicília é secular, influência talvez das "razzie" dos mouros, sarracenos e outros. Mais um fator que acreditamos de grande importância é o clima e a natureza nada fácil de ser vencida. Calor tropical, lembrem-se que no dia anterior à morte de Giuliano, em Castelvetrano a temperatura havia chegado a 41 graus à sombra; montanhas inóspitas, pedras por todo lado; areias e cáctus; foi sempre a região meridional a mais atrasada da Itália, no que diz respeito a condições de vida, indústria, comércio, evolução da mentalidade e instrução, tendo sido relegada a plano secundário durante governos e mais governos sucessivos, que sempre cuidaram com maior carinho da zona norte da península. Em linhas gerais lembra bastante com o que acontece em nosso país. A região meridional da Itália, pela maior aproximação do Equador, é representada no Brasil pelo norte do país, e mais pròpriamente pelo nordeste. As condições de vida são as mesmas, o descaso dos governos também e consequentemente o atraso e o banditismo corre paralelamente. Não é do nordeste que floresceram os piores jagunços, bandos e capangas de todo o Brasil? Sabinada, Quilombo, Antônio Conselheiro e Lampião não repre-



Descansando sôbre um elegante colchão de borracha, Giuliano goza as suas últimas horas de vida. Isso foi deduzido facilmente pelas roupas encontradas no corpo do bandido e que correspondiam às dêstes flagrantes. Faziam parte de um filme «Leica» todo batido e



ainda não revelado. Longe estava Giuliano de supor que a morte estivesse tão próxima, e certamente pensava em continuar, ainda por muito tempo, os seus assaltos e bravatas. O calor na Itália, nessa ocasião era violento, obrigando Giuliano a despojar-se dos agasalhos.





O CORONEL dos «carabinieri» Luca, chefe das fôrças de repressão ao banditismo na Sicília na luta contra «Turiddu».



NA SALA DE AUTOPSIA do cemitério de Castelvetrano, o cadáver de Giuliano à espera de se lhe fazer a máscara do rosto.



MARIA LOMBARDO, mãe do bandido, aos 61 anos foi presa por causa das proezas do filho, ficando encarcerada por um ano.

sentam o que de pior apareceu nessas terras infelizes? A mesma coisa no sul da Itália, onde em épocas passadas, no napolitano, reinou um Frá Diavolo, e onde agora pontificou na Sicília um Giuliano. Quem já não ouviu falar em "mafia"? Pois bem, era essa uma organização terrorista, a exemplo da maçonaria, resquício dos "carbonari" e dos "pedreiros" do renascimento italiano. Mistura de fidelidade ao regime monárquico, aos Bourbons, à Igreja, aos feudatários, adversos à Constituição, à liberdade de princípios e ao regime democrático, fàcilmente filtráveis pelas idéias de vingança, de superstição e da lei do talião. Os potentados dessa organização eram os próprios latifundiários, donos absolutos da vida e da morte em seus feudos, servindo-se da mafia para se protegerem em todos os recantos da ilha. Em nossos dias havia mais os comunistas, os "independentistas", isto é os que se batiam para destacar a Ilha da dependência italiana, devido a ser sempre relegada a plano inferior na vida nacional, e possìvelmente entregá-la aos Estados Unidos, como 49ª estrêla a figurar na bandeira listrada. Curioso notar que êsse movimento nasceu quando as tropas americanas ainda ocupavam a ilha, nomeando e distribuindo cargos entre as pessoas "gratas", armas e concedendo outros favores a quem se filiasse ao Exército Voluntário pela Independência Siciliana (Evis). Movimento êsse que chegou a agir à luz do dia, com paradas militares e demonstrações de fôrça, e que passou a funcionar na ilegalidade depois dos encontros com as fôrças do regime republicano e depois da morte de Antônio Canepa, docente universitário e fundador do exército. Outra grande fôrça na Sicília é representada pela nobreza, pelos agrários, pelos donos da terra enfim. Conservadores e retrógrados por excelência, também serviram-se das "boas ações" de Giuliano. Sim, porque todos êsses movimentos subterrâneos ou não, utilizaram o momentâneo cartaz de "Turiddu". O coitado foi logo tomado pelas idéias de grandeza, foi ludibriado por uns e por outros, que o queriam fazer herói nacional, fundador da Sicília Livre e não sabemos que mais. Foi sucessivamente atirado de um bando contra outro, apoiado ora por êstes ora por aquêles, perseguido, julgado, condenado, perdoado pelos tribunais populares das diferentes facções, terminou por servir de joguete nas mãos de todos aquêles refinados bandidos para fins políticos, sim, porque no entanto havia terminado a guerra, voltara o regime de confusão democrática, o plebiscito terminara com a monarquia, eleições à vista para preencher tantos cargos de destaque e de renda certa. Atraído e traído por todos, ficou-lhe na memória as conversas que escutara nas muitas assembléias em que tomara parte. Após haver realizado várias execuções mandado pelas facções a que estava filiado, angariou com isso numerosos mandados de captura pelas autoridades legais, que já viam nêle o inimigo número um da vida pacífica na ilha. Inexperiente nas coisas pérfidas da política, acabou emaranhado pelas teias traiçoeiras da mesma, sendo ainda agora, depois de morto, objeto de

roezas do

morte de
rsitário e
ande fôrça
nobreza,
terra en-
s por ex-
das "boas
todos êsses
o, utiliza-
"Turiddu".
s idéias de
e por ou-
i nacional,
so sabemos
atirado de
do ora por
do, julgado,
bunais po-
rminou por
dos aquêles
líticos, sim,
ado a guer-
usão demo-
com a mo-
a preencher
renda certa.
ficou-lhe na
scutara nas
mara parte.
ecuções man-
tava filiado,
s mandados
legais, que
um da vida
e nas coisas
emaranhado
esma, sendo
o, objeto de





A CASA DE GIULIANO em Montelepre, onde nasceu e onde às vezes aparecia escondido à noite, para visitar os seus.



AINDA NO LUGAR em que foi morto, mas já posto numa rudimentar maca de madeira, para ser transportado ao cemitério.

disputas nas Câmaras e no Congresso italiano. Levado pela megalomania, foi vítima dos profissionais inescrupulosos da arte maquiavélica.

A CARREIRA DO BANDIDO

Após cinco anos de lutas, marchas e
contra-marchas, de fugas e encontros com
os "carabinieri", a contar do término da
guerra, ações tôdas desenvolvidas num pe-
queno território ao sul de Palermo, como
se fôsse num tabuleiro de xadrez, e que se
caracterizou pelos movimentos contínuos,
em que quase sempre Giuliano contou com
a cobertura cúmplice dos que viam nêle
a reedição de um Robin Hood, que tirava
aos ricos para distribuir aos pobres, o ba-
lancete ativo e passivo de tôda a campa-
nha demonstra o seguinte: oitenta "cara-
binieri", vinte-e-cinco agentes de pública
segurança, sete oficiais e funcionários mor-
tos pelo bandido, não contando os civis.
O Estado gastou além de dois miliardos de
liras. Foram presos 589 bandidos, foram
acertados 411 delitos, 75 procurados entre-
garam-se espontâneamente, foram seques-
tradas armas suficientes para equipar 2.000
homens. Durante os últimos anos Giuliano
havia assaltado 34 quartéis de polícia. Ter-
minou abruptamente a carreira do que pa-
recia invencível. O relatório oficial da úl-
tima luta diz que na cidadezinha de Cas-
telvetrano, às 3,15 do dia 5 de julho pas-
sado, o capitão dos "carabinieri" Perenze,
o oficial Catalano e as praças Renzi e Giuf-
frida reconheceram de longe o bandido en-
quanto em companhia de um agregado per-
corria uma das ruas da periferia. Alertados, os dois deram-se à fuga em direções diferentes. Perseguidos, o companheiro de Giuliano conseguiu evaporar-se, não acontecendo o mesmo com seu chefe. Houve troca de rajadas de metralhadora de ambas as partes, até que o bandido entrou no quintal da casa de De Maria, onde a arma deixou de funcionar, obrigando-o a lançar mão da pistola com a qual se defendeu até que, tentando escalar um muro foi alvejado e morto por uma descarga de metralhadora do capitão Perenze. Deixava assim de existir um grande pesadelo não só para a população como para as autoridades.

Continuaremos em nosso próximo número com esta série de crônicas, relatando as consequências e as hipóteses imediatas à morte de Giuliano, sob o título: "Amor, Ambição ou Traição?".



DAS 3,15 DA MANHÃ ATÉ AS 10 do dia 5 de julho ficou o corpo na mesma posição em que foi encontrado após o tiroteio que lhe tirou a vida. O crime não compensa!



O ELEMENTO FEMININO da Agremiação Goiana de Teatro está muito bem representado. Na gravura, da esquerda para a direita: stas. Anita Ramos, Diná Aguias, Floramy Pinheiro e Vera Pinto

O TEATRO EM GOIÁS

AGREMIAÇÃO GOIANA DE TEATRO ★ HISTÓRICO ★ PEÇAS ★ ARTISTAS ★ A FALTA DE AMPARO OFICIAL ★ PROMETE AUXILIÁ-LOS O PROFESSOR THIERS MARTINS, DIRETOR DO SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO

Por LEONE VASCONCELOS
(Representante da A.G.T. no Rio de Janeiro)

CONSTITUI a Agremiação Goiâna de Teatro a única manifestação da arte de representar no Estado de Goiás.

É através da referida Agremiação que o povo de Goiás, entusiásta dos movimentos artísticos, toma conhecimento daquilo que chamamos de TEATRO.

Assim, podemos dizer que Goiás também já possui a sua consciência teatral.

Goiânia, a modernissima capital do Estado, há muito não recebe visitas de Cias. de Teatro. Em 1943 esteve alí, atuando no Cine Teatro Goiânia, a Cia. EVA TUDOR, aplaudida e admirada por um grande e seleto público.



CECI PINHEIRO no papel de Augusta, da peça «O Escravo», de Lúcio Cardoso, encenada recentemente.

Infelizmente foram poucos os dias de permanência daquela Cia. em Goiânia, devido, naturalmente, aos compromissos que a solicitavam em outros lugares.

A AGREMIAÇÃO GOIÂNA DE TEATRO, é um lar de rapazes e moças idealistas, (Acadêmicos de Direito, Altos Funcionários do Estado) todos apreciados e benquistos pela sociedade goiâniense. Trabalham com abnegação e persistência, em pról da cultura do povo de Goiás. Lá está, em pleno coração do Brasil, um grupo guiado pelo espírito de idealismo e confiança do imortal COPEAU, pregando o teatro na sua acepção mais humana e social.

— A idéia da fundação da Agremiação Goiâna de Teatro nasceu no Colégio Estadual de Goiás, quando lá cursavamos o Curso Ciêntífico. Por volta de 45 resolveram alguns alunos encenar "Maria Cachucha". Marcou-se o dia para o início dos ensáios mas não reuniram todos. O ensáio ficou naquele vai não vai, foi quando entrei em cena. Há muito que vinha alimentando a idéia de levar avante a encenação de uma peça por um elenco constituído por alunos do Colégio. Tinha mesmo uma peça copiada. Vendo que "Maria Cachucha" não saía, no dia seguinte apareci nos ensáios com a peça "O Principe Encantado" de Luis Leandro e fizemos a distribuição dos papéis. Todos os participantes se tomaram de entusiasmo e em breve a peça era encenada. Estava lançada a semente. Terminando o curso no ano seguinte os idealizadores deixaram o Colégio mas continuaram lá fóra com a mesma idéia: fundar uma Agremiação para fazer teatro. Fundou-se então a Agremiação Goiâna de Teatro. A peça de estréia foi "Pertinho do Céu", de José Wanderley e Mário Lago. Em "Pertinho do Céu" participaram: Paulo Reis, Marcelino Champagnat, José Prates (já falecido), Roldão de Oliveira, Luzia Coelho, Alice Sacramento e o autor desta reportagem. Começaram a surgir as dificuldades mas ninguém desanimou. Veio a segunda peça "Copacabana", de Mário Domingues e Mário Magalhães, que havia sido premiada em concurso. Depois, "O inimigo íntimo", de Pachêco Filho. Tôdas, com a mesma turminha. A AGT resolveu então dar um passo mais decisivo: ensaiar "Sinhá Moça chorou..." de Fornari. E' verdade que houve

(Cont. na pág. 48)



OTAVINHO ARANTES (Marcos) e Mary Baiocchi (Lisa), numa cêna culminante da referida peça.



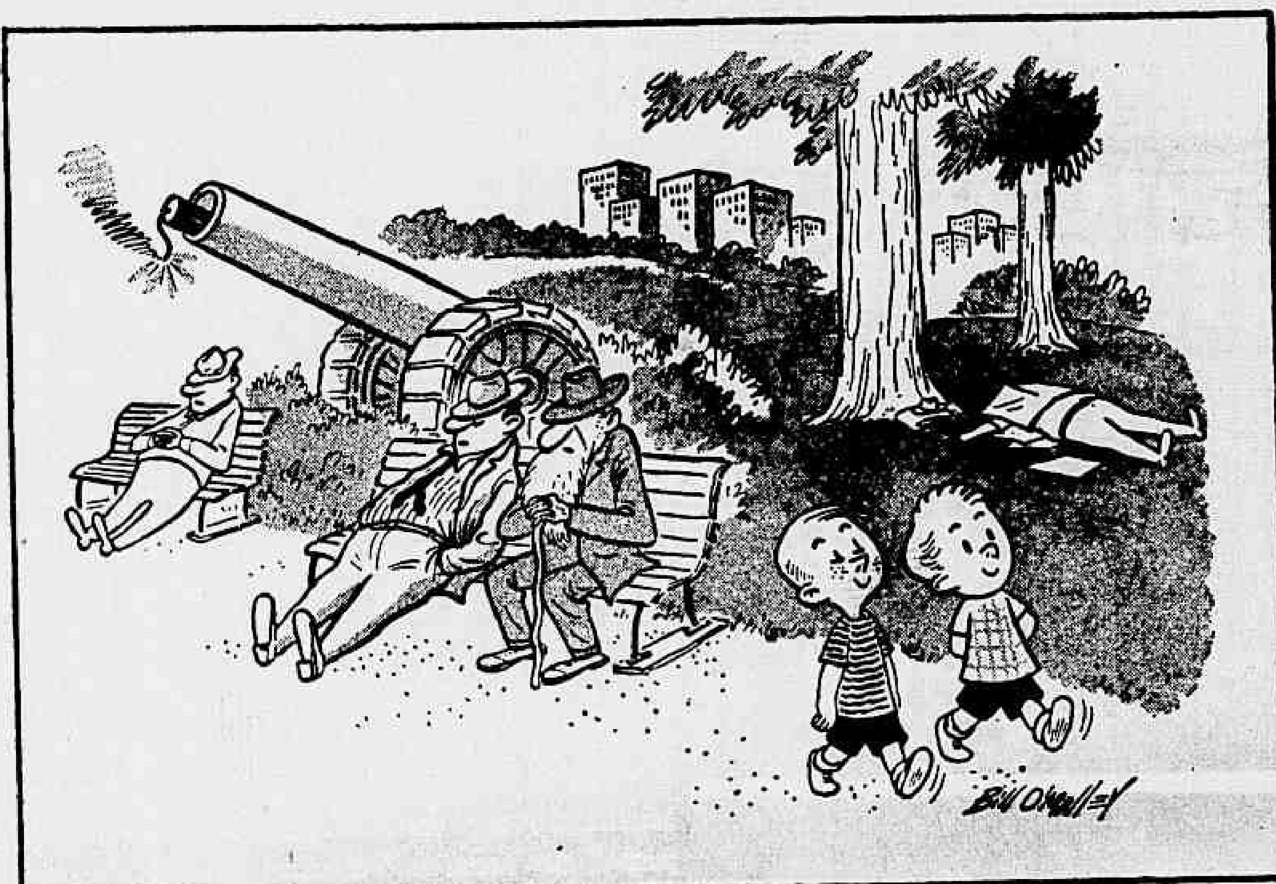
Tomára que vague logo um lugar, o Antonico já está cansado de esperar



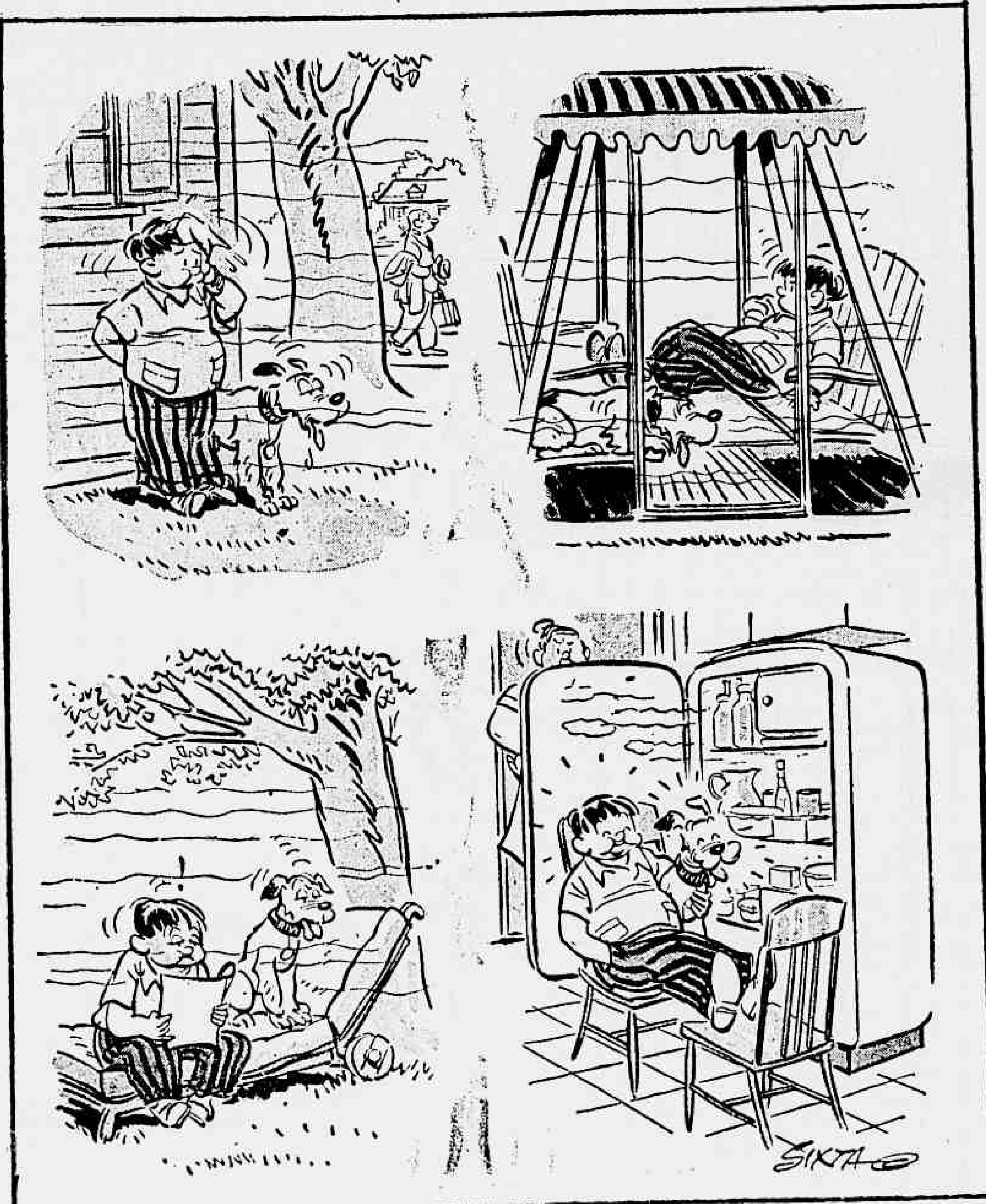
Bem feito! Eu não te disse que não viesses para o jardim com ele!

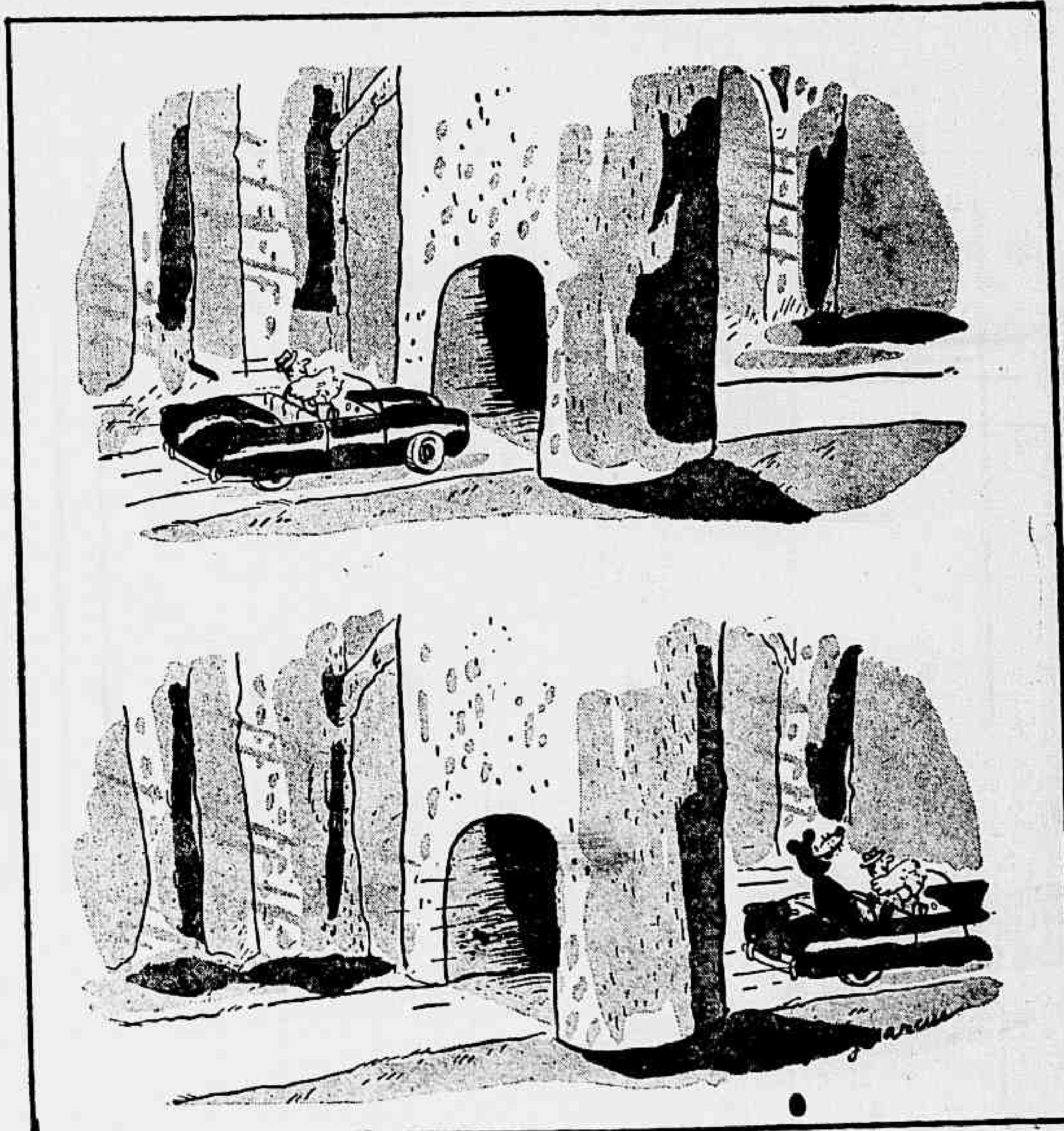


Fale você um pouquinho agora, querendo, enquanto eu descanso.



BOM HUMOR

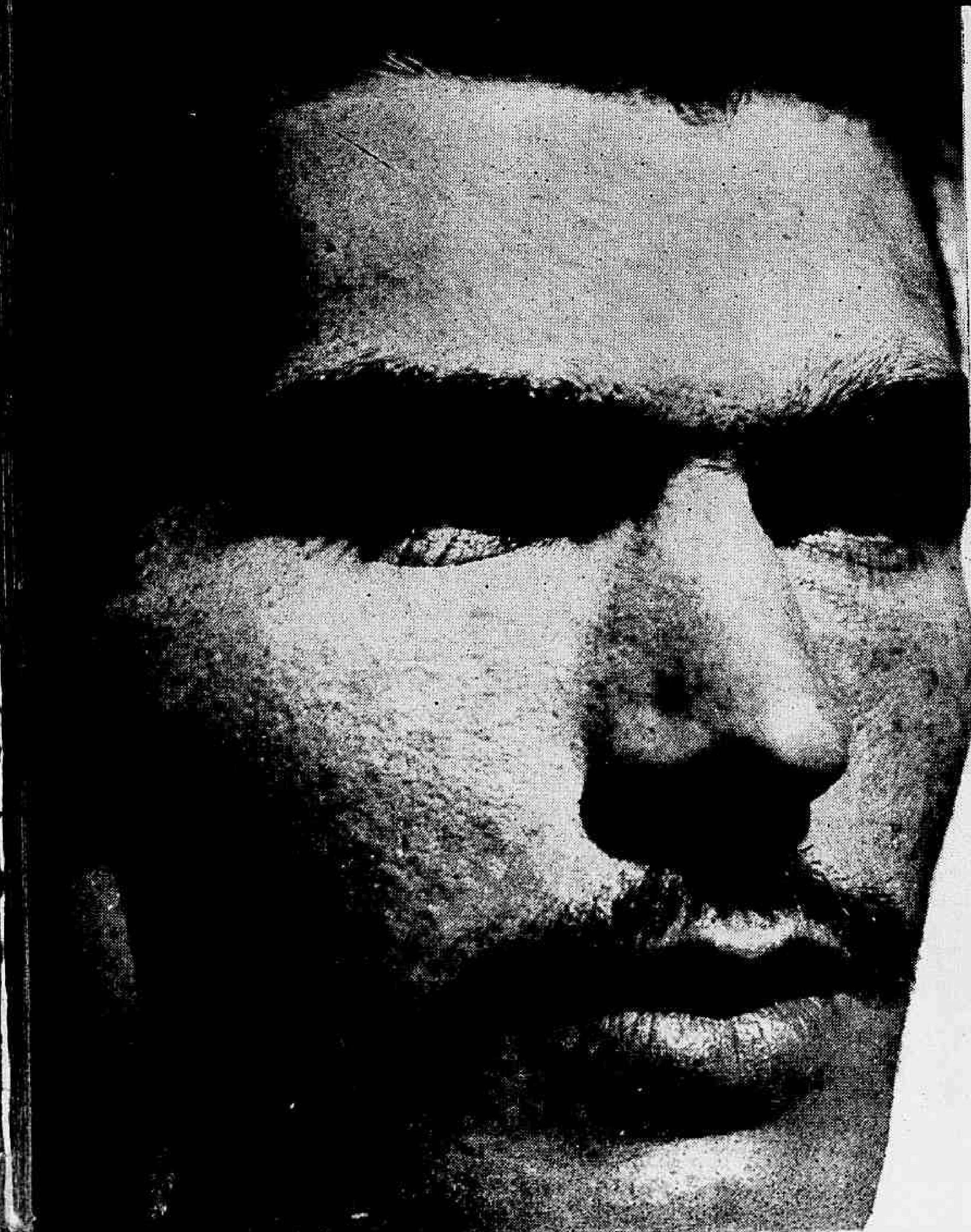








TIPOS NATURAIS DA REGIÃO gaúcha misturam-se com as personagens de ficção: Ao alto, Pedro, chefe dos pescadores em Tôrres, e Isolina, uma velha pescadora. Êle tem cinqüenta, ela setenta invernos. Ambos coadjuvam os intérpretes profissionais da história. Em baixo, Roberto Bataglia, novato em cinema, que terá a seu cargo o difícil papel de João, e Valéria, que já fêz teatro e agora estreará na tela em Maria. Valéria surgiu no Rio de Janeiro, em concurso de revelações promovido por Dulcina de Morais







O SEGRÊDO da fotografia como expressão de arte, vincando a máscara dos interpretes, tra nsparece neste primeiro material informativo do filme «Vento Norte». Esta é Patricia Capri.

VENTO NORTE



JASSON NATEL, outro estreante, na máscula figura de Antônio, um dos protagonistas.

SEM a menor intenção de trocadilho: Os ventos andam mais favoráveis para a arte-indústria do cinema no Brasil. E do Sul nos virá, ainda êste ano, "Vento Norte", a produção de estréia de um novo estúdio, o da Horizonte de Pôrto Alegre. Pelas fotografias de Salomão Scliar, que resumimos nestas páginas, há motivos para acreditar no empreendimento, se bem que só a fotografia não constitua a garantia de uma realização cinematográfica. Entretanto, a êsses, outros fatôres vêm associar-se. Tratando-se de uma companhia fundada sob o amparo de vultosos capitais gaúchos e tendo a orientá-la ilustres figuras da indústria e do alto comércio, estas providenciaram a aquisição imediata do necessário equipamento técnico para garantir a boa qualidade dos filmes a serem feitos e de molde a competir com o que de melhor já se conseguiu na cinematografia nacional.

Quando, no Rio, embora gradativamente, vai se registrando um progresso incontestável dos filmes recém-apresentados, e em São Paulo se ultimam os preparativos para o lançamento das produções da Vera Cruz, sob o contrôle de Alberto Cavalcanti, é lisonjeiro saber que também no sul do país outros brasileiros pugnam pelo advento de um bom cinema.

E "Vento Norte", garantem-nos de lá, vai ser um pano-de-amostra, senão irreprensível, em condições de justificar as nossas melhores espectativas. Quase todos os intérpretes são estreantes, apenas Valéria, tendo embora de

(Cont. na pág. 48)



TORRES, a famosa praia do Rio Grande do Sul, cenário natural dessa película.



MONSANTO é a aldeia mais portuguesa de Portugal, assim classificada pelos etnógrafos em nome do Secretariado que por isso lhe conferiu o «galo de prata». Aqui vemos uma das manifestações mais tradicionais em Monsanto, a «dança dos homens», que se divertem de fogaças à cabeça. — Em baixo, a igreja do Socorro, demolida para alargamento da velha Rua da Palma onde muitas festividades populares se realizaram até 1949.



GRUPOS FOLCLÓRICOS DE PORTUGAL

ATÉ HÁ POUCOS ANOS, CADA REGIÃO, CADA TERRA, TINHA AS SUAS DANÇAS E CANÇÕES REGIONAIS. MAS O RÁDIO, AS FILARMÓNICAS E O "JAZZ" FORAM INVADINDO CADA ALDEIA COM AS SUAS MÚSICAS "DA MODA" — AH! OS "VIRAS", AS "CHULAS", OS "CORRIDINHOS", O "MALHÃO" E, SOBRETUDO, O "FANDANGO" — É A CANTAR E A DANÇAR, QUE O POVO EXPRIME OS SEUS DRAMAS, AS SUAS IRAS E TERNURAS...

De **MANUELA AZEVEDO** (Exclusividade I.P.A. — REVISTA DA SEMANA)

LISBOA (Por via-aérea) — A dança é uma forma de expressar estados de alma e cada povo exprime-se como o seu instinto o inspira ou a tradição o ensina. A Europa está cheia destas belas tradições e Portugal, apesar de não ter herdado do passado, como a Espanha, as suas danças tão cheias de côr e sensualismo quase lascivo — também tem uma linha dinâmica para exprimir o seu sentimentalismo. Os "viras", as "chulas", os "corridinhos", o malhão" os pauliteiros mirandeses — e, sobretudo, o fandango das campinas, são variedades de danças populares a que anda sempre associada uma canção de amor — e uma guitarra, uma "harmônica", uns ferrinhos, um cavaquinho, um pandeiro ou um adufe (pandeiro quadrado).

Até há poucos anos, cada região, cada terra, tinha as suas danças e canções regionais. Mas a rádio, as filarmônicas e o "jazz" foram invadindo cada aldeia com as suas músicas "da moda".

E as raparigas, nos terreiros batidos, onde se faziam as descamisadas do milho, ou nas romarias, onde pagãmente festejavam os santinhos da sua devoção — dançavam tudo, menos a dança da sua terra, que já não tinham a espiritualizá-la uma cantiga de amor ou um cantar de amigo...

A valsa, o samba, o "one-step", tudo o que das cidades ia extravasando como novidade, punha em perigo o prestigio das danças populares. Já ninguém queria cantar "a caninha verde" nem o "corridinho do Algarve". E foi então que o Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular, dentro do seu programa "Politica do Espirito", deu a tudo o que era fluida expressão da alma humilde do povo, uma nova fôrça de prestigio, criando grupos folclóricos nos lugarejos mais recônditos mas onde a música e a dança conservassem reminiscências mais saborosas. A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho foi quase sempre a executante dêsse parágrafo da Politica do Espirito". À frente de cada grupo, foi colocado um erudito ou um amador especializado. As Casas do Povo, as Casas dos Pescadores, tôdas as organizações integradas na organização corporativa puseram as suas melhores vozes e os rostinhos mais engraçados das suas raparigas ao serviço dêsses ranchos folclóricos. Era êste o prosseguimento de uma tradição nem sempre de bom-gôsto e raras vêzes rigorosamente "clássica" praticada em muitos concelhos onde havia "ranchos" dedicados à dança e à música, que por dinheiro se exibiam em romarias e teatros. Vestindo mais ou menos à moda da região, rapazes e raparigas do povo acompanhados das suas tunas cantavam e dançavam "passos" ensaiados mas sem nenhum sabor clássico, erudito ou muito menos etnográfico. Assim eram, por exemplo, os ranchos das "Rosas de Portugal" ou das "Cantarinhas de barro" — gente moça, sócios de sociedades recreativas que se divertiam e divertiam os outros.

O que passou a fazer-se, pecando, às vêzes, pela "padronização" do estilo, procurava, porém, uma raiz musical e de dança muito digna de ser encarecida.

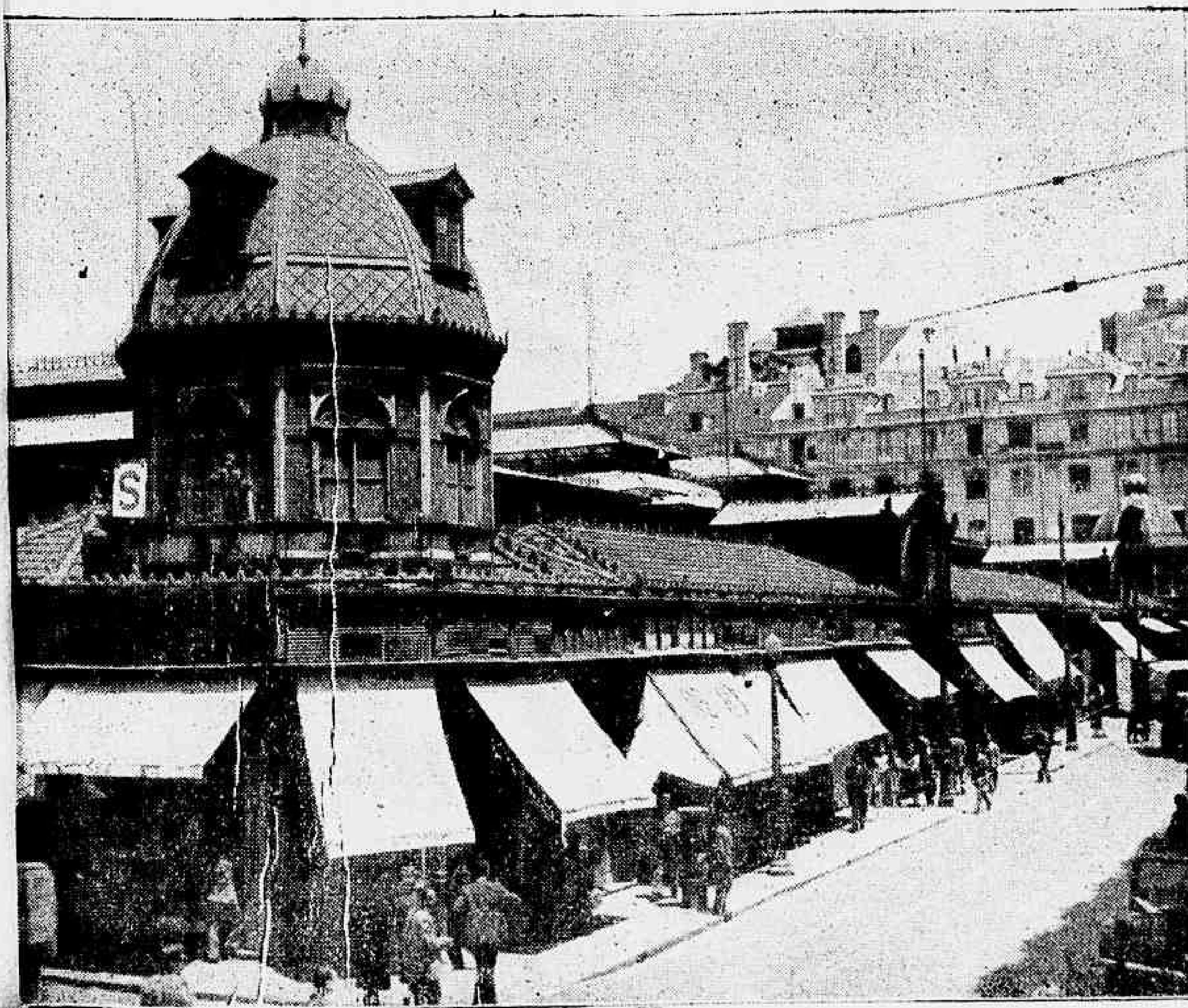
No último verão, alguns dos mais famosos e característicos grupos folclóricos — horrivel palavra esta! — apresentaram-se em Madrid, no Concurso Internacional de Canciones y Danzas Populares, onde obtiveram alguns honrosos primeiros prêmios, disputados entre os vários países concorrentes. O Rancho das Lavradeiras, os grupos folclóricos "Dr. Gonçalo Sampaio" e de Barqueiros, os mirandeses, com os seus famosos pauliteiros, os pescadores da Nazaré, os campinos do Ribatejo, os barqueiros do Douro e a gente da Camacha, na Ilha da Madeira, cada um com a sua atitude de corpo e de alma, representa uma manifestação ancestral do povo português, com a beleza, a ingenuidade, a fôrça e a violência impressas nos seus movimentos.

Tanto quanto possivel, o gabinete de etnografia da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (a F.N.A.T.) exerce a sua vigilância sôbre as atividades dos grupos, para que os seus trajos como as suas músicas e danças,

(Cont. na pág. 48)


RAPARIGAS DE MANTEIGAS, NA VERTENTE DA SERRA DA ESTRÊLA, QUE CONSTITUEM OUTRO PITORESCO BANDO FOLCLÓRICO DE PORTUGAL

TAMBÉM o Mercado da Praça da Figueira, onde se realisavam as festivas comemorações de São João, desapareceu agora para dar lugar à estação central do Metropolitano. Que saudades!



TRICANINHAS das mais lindas e airosas da terra portuguesa, dansam ao ritmo de um adufe (pandeiro quadrado). Os rapazes de barrêtes enterrados na cabeça e muitos com o imprescindivel varapáu.



A CONFISSÃO DE LEDA

NOVELA DE IRENE BATISTA DE CASTRO

NUM domingo, à tarde, ao atravessar o Passeio Público para ir ao cinema, encontrei uma jovem, sentada num banco, pobremente vestida, a mastigar pedaços de pão. Impressionada com a avidez com que comia, abri a minha carteira a fim de lhe dar uma esmola; porém, ao estender-lhe a moeda, estremeci, pois na sua fisionomia distinguira as feições de uma moça que fôra minha amiga.

Atônita, perguntei-lhe:

— Você é Leda?

— Sim, Suzana, sou eu mesma; mudei muito não? — disse ela tristemente.

— Como foi isso Leda? Por que chegaste a êste estado?

— Se quiseres ouvir a minha história...

Eu, que diante daquele quadro já havia perdido completamente a vontade de ir ao cinema, sentei-me.

Ela começou:

— Foi no dia 4 de maio de 1925; eu e minha mãe caminhávamos apressadamente pela praia de Copacabana, a fim de irmos à vesperal do Cassino Atlântico; quando chegamos, o "grill room" achava-se cheíssimo; porém, a mesa que havíamos reservado com antecedência estava à nossa espera.

Ao sentar-me passei o olhar pela sala e pousei-o na mesa ao lado, onde havia um grupo de rapazes a conversar animadamente; despertou-me a atenção um dêles, que olhava para um ponto fixo, parecendo-me completamente alheio ao que os outros diziam.

Era um belo homem, de tez clara, olhos e cabelos negros e bôca enérgica.

Instintivamente, segui o olhar dêle e vi uma jovem que lhe sorria.

Os acordes de uma rumba soaram na sala; êle levantou-se e foi tirá-la para dançar.

Que belo par! — pensava eu, quando os nossos olhos encontraram-se. Estremeci, pois, aquêle olhar parecia penetrar em minha alma e ler-lhe no mais íntimo.

Absorvendo o chá, eu continuava olhando para êle como se estivesse sob a fôrça de um imã.

Êle falava aos ouvidos da jovem, estreitava-lhe o corpo, deixando transparecer para os que o observavam o calor que existia em sua alma.

Senti ciúmes daquela moça, e veio-me forte desejo de dançar com êle.

Conversava animadamente com a minha mãe, quando o rapaz veio tirar-me para dançar.

Ao tê-lo em meus braços, senti um prazer tão grande que me aterrorizou.

— Quem é o senhor? — perguntei-lhe, para romper o silêncio que nos unia.

— Chamo-me Samuel; e a senhorita?

— Leda.

— Que lindo nome! Tão belo quanto a jovem que o possui — disse-me êle, com os olhos embebidos nos meus.

Sorri satisfeita.

— E' a primeira vez que vem aqui? — indagou.

— Não; já tenho vindo algumas vêzes.

— Eu venho sempre; êste é o meu ponto favorito.

— Também gosto daqui; mas quase não venho por falta de companhia... Oh! Perdão.

— Não tem importância — retrucou êle gentilmente.

— Quase não danço; estou meio desabituada.

— Não diga isso! A senhorita dança divinamente.

— Se eu dançasse bem, não lhe pisava os pés.

— Isso é porque não está habituada com os meus passos, depois que se habituar não errará mais.

Sorri ante as palavras dêle, cheias de promessa.

Os últimos acordes soaram na sala, e eu fui para o meu lugar seguida de Samuel que puxou a cadeira gentilmente.

— Quanta diplomacia! Que homem encantador! — pensava eu ao nos retirarmos do Cassino.

Ao chegar a casa, fui para o meu quarto, e, olhando-me ao espêlho, confrontei-me com a linda jovem que eu vira dançando com Samuel.

Naquele tempo eu não era feia; sempre fui muito bem feita de corpo, a minha pele era alva e bem tratada, os cabelos castanhos claros caíam-me em madeixas até à altura dos ombros, e os meus olhos verdes expressavam sentimentalismo.

— Recordo-me, Leda; tu não eras feia, ao contrário, eras de rara formosura — disse eu olhando os traços de beleza que ainda existiam no rosto descarnado de Leda.

— Depois do exame que eu fizera na minha pessoa, pensei em Samuel, achava-o perfeito, pois tinha físico, posição e dinheiro.

Amei-o, Suzana! Amei-o com tôda a fôrça da minha juventude; era correspondida? Não sabia. Samuel tinha um caráter impenetrável; mas eu o amava tanto, que me sentia pequena ao seu lado.

Encontrava-me com êle todos os domingos no Cassino. No fim de um ano disse-me que precisava fazer uma viagem à Argentina por cinco meses, a fim de tratar de negócios do seu interêsse.

Fiquei aborrecida ao saber que por cinco meses ia ficar sem vê-lo; mas não tive outro remédio senão conformar-me, pois ia a negócios de sua profissão de médico, e eu não podia prejudicá-lo. Samuel partiu, e eu fiquei à espera.

Passaram-se os meses, e eu nunca mais tive notícias suas. Estava desesperada. Chorava dia e noite; não tinha prazer em nada.

Depois de passado um ano, e eu verificar que Samuel não se interessava por mim, e que a sua viagem tinha sido um pretexto para quebrar nosso amor, cometi a leviandade de telefonar-lhe e combinar um encontro no Cassino da Urca.

Quando cheguei, a primeira pessoa que vi foi Samuel; ao ver-me, imediatamente veio convidar-me para dançar.

Ao senti-lo em meus braços, tive a impressão de haver despertado de um letargo; porém, sem dar a perceber, calmamente ouvia-o dizer-me:

— Há quanto tempo eu não a vejo! Que tem feito? Por onde tem andado?

— Vivido — disse-lhe um tanto decepcionada com o seu acolhimento.

Silenciamos.

Ao som de uma valsa, eu rodopiava pelo salão sentindo Samuel apertando-me de encontro a êle.

Eu já não podia mais, e numa efusão de amor, disse-lhe:

— Samuel! Eu não posso viver longe de ti! Tenho feito tudo para esquecer-te, mas não é possível, amo-te loucamente, e desejaria viver contigo para o resto da minha vida.

— Eu também te amo Leda, e assim como tu, tenho feito para esquecer-te, pois não poderei casar-me contigo, porque sou casado.

Aborrecida perguntei-lhe:

— E vives bem com a tua espôsa?

— Não, há cinco anos que estamos separados.

— Então, não tem importância.

— Está bem Leda, se queres assim, assim será.

— Amanhã à meia-noite, eu te estarei esperando no jardim de minha casa.

— Está bem Leda; amanhã a essa hora, estarei lá.

No dia seguinte amanheci satisfeita, só pensava no meu encontro à noite com Samuel.

Cedo fui para o meu quarto, arrumei a minha valise e escrevi uma carta a meus pais.

Não se ouvia nenhum barulho, a não ser o tic-tac de um relógio; ansiosamente, à janela do meu quarto eu aguardava a chegada de Samuel; à meia-noite êle chegou; segurei a minha mala e fui encontrar-me com êle.

A casa permanecia silenciosa, e eu caminhava feliz, sem perceber de que estava dando o passo de maior importância na minha vida.

Foram noites inesquecíveis para mim Suzana, as que passei em companhia de Samuel; foi um tônico de doçura que recebi; senti que êle havia nascido para mim, desejava-o com loucura, porém, dominava-me com receio de perdê-lo.

Meses após de eu estar em sua companhia, participou-me certo dia, que precisava atender a um doente, e que naquela noite chegaria mais tarde.

Fiquei preocupadíssima, mas sem dar demonstração.

A noite estava fria e um espêsso nevoeiro cobria a cidade.

Abismada em meus pensamentos, da janela do meu quarto eu olhava a rua, quando as notas melodiosas de um bandoneon executando um tango, arrancaram-me dos meus tristes pensamentos; embalei-me naquela melodia, até que os acordes finais despertaram-me do enlêvo em que me achava. Ergui a vista para ver quem os executava e vislumbrei um rapaz sentado à janela do apartamento vizinho, olhando para mim. Amuada, saí da janela, fechei-a e fui deitar-me.

No dia seguinte, eu estava fazendo o chá, quando Samuel entrou e me disse:

— Bom dia querida, como vais? Passaste bem a noite?

— Não tão bem quanto tu — disse eu.

— Dormi demais, não foi querida?

— Sim, um pouco; eu já estava pensando em te acordar, pois ontem me disseste que precisavas estar às oito horas no hospital.

— Mas ainda há tempo; o chá está pronto?

— Quase. Vou fazer as torradas.

— Bem, então, enquanto terminas vou preparar-me.

Samuel saiu para vestir-se; quando voltou encontrou tudo à mesa.

— Já está tudo pronto?

— Sim, não estás vendo?

— Tu és um amor, Leda! — disse-me êle, dando-me um beijo na testa.

— Sai, sai, estou muito zangada contigo — retruquei afastando-o de mim.

— Por que isso Leda! Já não gostas de mim?

— Gosto sim; mas estou zangada por teres chegado tarde ontem.

— Mas eu te disse que ia à casa de um doente!

— Até às quatro horas da madrugada?

— Ora, Leda! Deixa de histórias! O doente precisou de mim até a essa hora.

Aparentando indiferença, mordi a torrada, tomei um gole de chá e estendendo-lhe o pote da geléia de morangos retruquei:

— Pensei convidar-te para hoje à tarde tomar um chá na Colombo, queres?

— Eu hoje não posso Leda; tenho um compromisso.

Aborrecida, respondi:

— E' sempre assim; quando eu te proponho um passeio, não podes nunca; vivo eu nesta casa sem poder divertir...

— Vai sòzinha, Leda — disse com profunda indiferença.

— Vou sòzinha mesmo, pois estou cansada de estar prêsa em casa sem ter com quem falar.

— Assim é melhor; cada um fica com a sua liberdade.

Levantou-se, pegou no chapéu e saiu.

Desesperada, vesti-me e fui perambular pelas ruas da cidade, a fim de distrair as minhas idéias com as vitrinas das casas comerciais.

Passava pela rua do Ouvidor, quando, sùbitamente, despertei com vozes de rapazes que conversavam à porta de um café;

(Cont. na pág. 44)

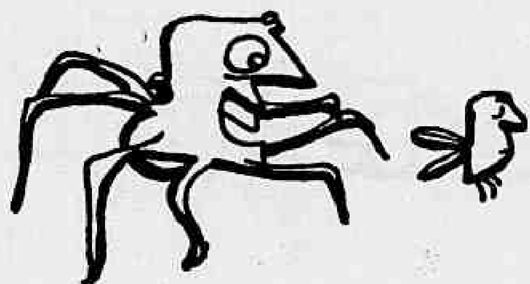


Nicodemus ENTÔA O CANTICO DE

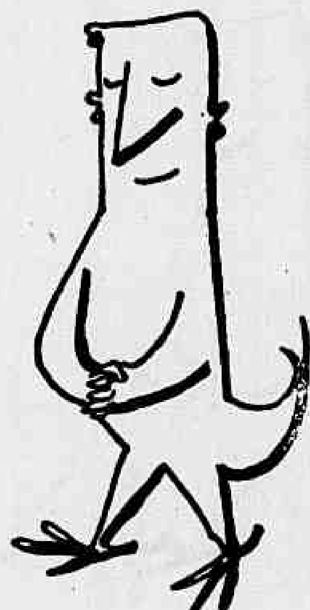
A VOZ DA FOME

NINGUEM COME PRA VIVER
TODOS VIVEM PRA COMER.
BICHO MAIOR TRAÇA O MENOR:

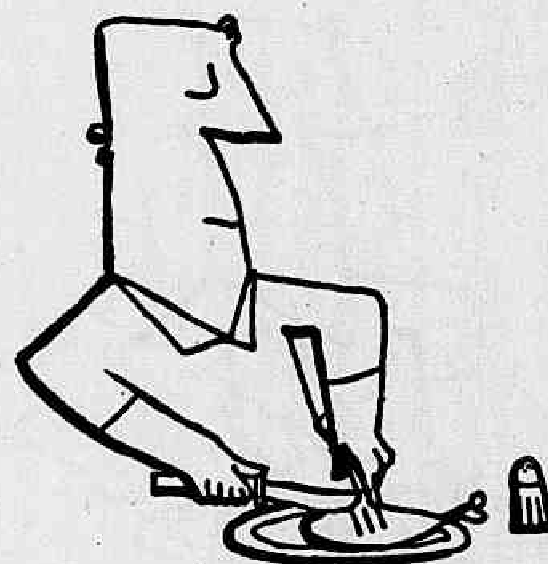
A ARANHA ENGOLE A MÔSCA...



O GALO
PAPA
A ARANHA...



O HOMEM
ALMOÇA
O GALO...



NEM QUE SEJA SÓ COM OS OLHOS A MULHER DEVORA O HOMEM...



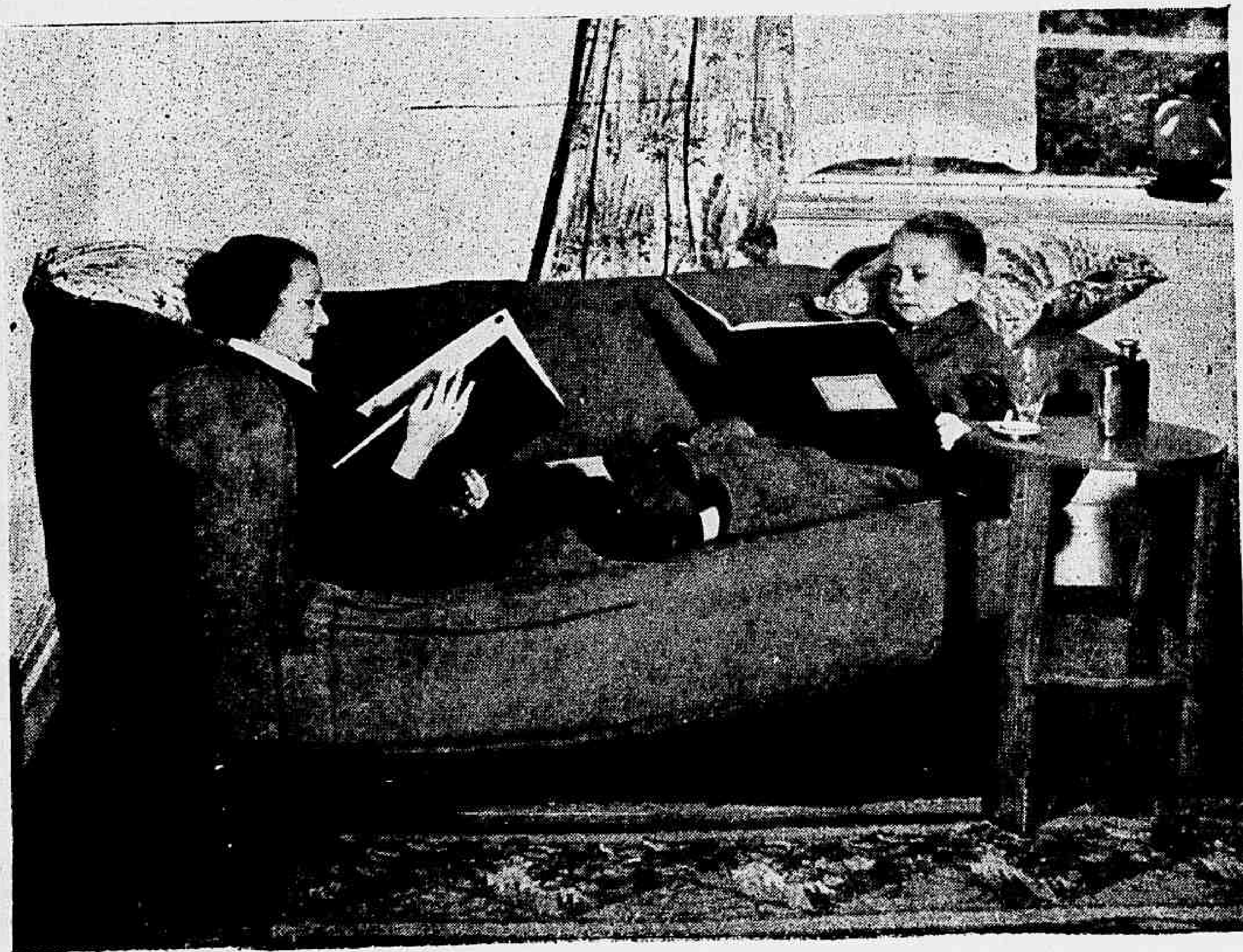
MAS
SE ISSO FOR
VERDADE

E A MULHER?
QUEM
COME?



ESTA GAROTINHA de Londres, e que, aparentemente, não tem mais que dois anos e meses, conduz em seu carrinho-berço um velhote anão, Freddy Hackl, que já deve ter seus sessenta na lombada. Mas, como a pequerrucha se condoeu muito dele, converteu-o numa boneca e o vai empurrando pela estrada nos arredores de Londres, muito satisfeita com o «job» de ama seca...

ASSIM VIVEM OS ANÕES



A VIDA DOMÉSTICA entre os anões é absolutamente igual à de qualquer um grandalhão da Patagônia ou da Suécia Vejam que ambiente delicioso este de Freddy Hackl e da simpática Gisela: paz, leitura, cigarros e... «cock-tail»..

ÊLES PODEM TER PEQUENA ESTATURA E UM GRANDE CORAÇÃO, MAIOR QUE O DE MUITA GENTE NORMAL... ★ ANÕES DERIVAM APENAS DE UM PEQUENO DISTÚRBIO GLANDULAR ★ MAS NADA OS IMPEDE DE SE CASAREM COM SÊRES HUMANOS DE ESTATURA COMUM. ★ E TÊM FILHOS NORMAIS!

(Fotos e reportagem de **KEYSTONE** exclusiva).

DESDE nossa infância nos habituamos a ouvir falar em anõesinhos. Gente miúda, engraçada, ardilosa cheia de astúcias, os habitantes de um pais misterioso que a nossa imaginação desenvolve e fantasia, ocupam um lugar em nosso espirito mal começamos a ligar as coisas do mundo.

De inicio são os livros de histórias maravilhosas. Em muitas delas há sempre um anãozinho a fazer das suas. Com o advento do cinema, tôdas as crianças do mundo ficaram conhecendo as encantadoras histórias animadas de Liliput e de Branca de Neve com os Sete Anões.

A fantasia sucede a realidade, e os meninos passam a ter oportunidade de ver em circos, teatros, revistas, variedades, espécimes de anões em carne e osso. Muitas crianças não crêem que se trate de gente que não pode crescer mais do que aquêles 50 centimetros...

Muitas vêzes julgam os garotos que aquilo tudo é obra de alguma ilusão, de embustes de maiores, de homens-crianças como aquelas pequeninas criaturinhas que assistem aos espetáculos com a maravilha estampada no rosto

Quando lhes dizemos que aquêles "garotinhos" de roupa de gente grande são anões, homens feitos, papás, mamãs, vovôs e vovós, os meninos fazem ar de riso e dúvidas, como quem quer dizer no intimo: "Você não me tapeia, não..."



UMA CENA PERFEITA DE BRANCA DE NEVE; O "COZINHEIRO" FREDDY AJUDADO PELA DELICADA HERMINIA PARANHOS, PREPARA A SOPA



UMA VANTAGEM de ser anão: caber até num bolso... Este é o travesso Freddy, de 20 primaveras, mas que tem a felicidade de resolver o problema do espaço, dormindo perfeita e comodamente numa valise dessas que servem para sandwiches em pic-nic.

Milhares de pessoas já leram a história da vida de Tom Thymb, cujas personagens podem ser confirmadas em circos; mas, o que nem todos viram, especialmente as crianças, foi a vida real, palpável que levam os anões na existência objetiva em contacto com a sociedade dos "maiores"...

Muitos hão de pensar que os anões carregam na alma certos complexos de inferioridade física; que são tristes, sentindo-se constrangidos de viverem em meio de "gigantes", decepcionados com as desproporções de estaturas entre êles e os povos normais quanto à maioria.

E' possivel que, dentre as familias de anões, haja certos membros que pagariam bom dinheiro para que conseguissem uma estatura normal como a grande maioria das gentes.

Mas, em geral, tanto os homens como as mulheres liliputianas, olham a situação de "altura" com a maior das filosofias... Mas há umas tantas coisas curiosas entre os anões. Uma delas é que, de pais dessa estatura, pode advir gerações de tamanho normal. Acha a ciência genética, através de estudos médicos e antropológicos, que o fato de haver dêsses anões se deve a um distúrbio glandular a que se deu o nome de acromegalia. Certas glândulas funcionam mal e, daí, nascerem anõezinhos...

Outro problema surge entre os noivos. Muitas senhoras anãs morrem solteiras, não porque deixassem de encontrar bons maridos, sob todos os pontos de vista: boa estatura, recursos financeiros, carinhosos, dedicados; mas é que — pensam elas — se os filhos nascerem com crescimento e constituição fisica normais e ficarem "gigantes" diante delas?

E se os mesmos filhos, quando crescerem e tiverem consciência individual e social, sentirem vergonha de ter mães anãs, provocando risos maldosos entre pessoas de estatura normal?

Muitas dessas senhoras anãs, ao casarem, ficam muito preocupadas quanto aos problemas do parto. Em virtude de sua constituição física anormal em relação aos individuos de altura comum, não correriam as parturientes o risco de morte? Não estariam sujeitas a intervenções cirúrgicas perigosas?

Há na Inglaterra uma grande colônia de gente assim miudinha. E' em Bertram Mills, Londres, onde vivem êles. Mas já percorreram o mundo inteiro. Aqui mesmo, no Rio, muitos já estiveram. Deu-se mesmo um fato interessante: indo vários membros da familia visitar a redação de um dos nossos mais populares vespertinos, um redator, depois de ouvir que havia ali um casal de noivos entre os anões, chamou a noiva e a suspendeu, colocando-a ao colo, como se faz com as crianças quando a gente quer contar histórias. Imediatamente, o noivo enrubesceu de indignação e, violentamente, arrancou a "sweetheart" do colo do confrade, exclamando: "Somos anões, mas temos direito ao maior respeito...". Mas, como é de imaginar, o gesto do jornalista foi mais de cordialidade, simpatia e solidariedade, do que de insolências...





FREDDY TEM MUITO cuidado com a saude e verifica o peso. Estará engordando muito? Em seguida vai dar uns passeios pela capital de sua pátria, e interroga dois policiais que lhe parecem muito «baixotes» diante de sua imponente figura liliputiana. Adiante um senhor lhe pediu o cigarro; mas Freddy só pôde servi-lo cavalheirescamente, como faria um «gentleman» depois de trepar a uma cadeira. E... anões em excursões.





PESADELO DO OSCAR

O homenzinho entrou esbaforido na agência de turismo, arrancou o lenço do bôlso e enxugou o suor que lhe escorria da calva lustrosa prolongando o ato às bordas internas do chapéu. Rodeou o balcão ocupado de ponta a ponta e, pequenino, erguia-se no bico dos pés para atrair a atenção do funcionário mais próximo. Todo êle fremia de impaciência, ia e vinha de um lado para outro, equilibrando-se de vez em quando atrás da muralha humana que lhe vedava o acesso ao balcão, até que uma mulher gorda abriu ali uma brecha e êle assaltou a vaga:

— Faça o favor, ó meu amigo! — gritou para o empregado que em resposta fêz-lhe um gesto de que o atenderia logo.

— Bolas! — exclamou. — Eu acabo é na mão!

Um outro funcionário passou à sua frente e êle realizou o prodígio de agarrar-lhe o braço.

— Escute aqui, faz favor!

— Um momentinho, cavalheiro, por gentileza.

O homem suspirou fundo e escorregou de novo para fora do balcão.

— Isto é um inferno!

Suava outra vez e o lenço ensopado entrou novamente em ação. De repente, postou-se à sua frente o primeiro empregado.

— As suas ordens, senhor.

— Menino, é verdade que eu estou condenado a ficar na cidade enquanto todo mundo sai?...

— Como asim?

— Pelo amor de Deus não me diga que não me pode arranjar uma passagem p'ra algum lugar aí fora!

— Onde, senhor?

— Onde?... Não é possivel que um pais grande como êste não tenha um cantinho p'ra eu me meter quando quiser!

— ?!

— Já molhei esta roupa um mundão de vêzes a percorrer essas agências e até agora só tenho aumentado a minha aflição!

— Bem, mas...

— Estou vendo o dia em que p'ra se ter a felicidade de saber onde se vai jogar o corpo é preciso assinar contrato e pagar luvas como no futebol!

— ?!

— O que eu quero é que o senhor me arranje uma pasagem e uma estadia em qualquer lugar aí por fora: uma vaga no hotel, na escola, no hospital e até mesmo na cadeia!

Ato contínuo arremessou um monte de notas sôbre o balcão.

— Está aí! — acrescentou com um olhar de desafio que provocou riso no funcionário.

— O senhor ri porque não sabe o inferno que é p'ra um cidadão pacato como eu aguentar isto aí!

E estendeu o braço para a rua de onde se ouviam sons de músicas carnavalescas.

— Desculpe, cavalheiro, eu compreendo — disse o empregado da casa. — Mas lamento ter que lhe dizer que...

— Já sei! — interrompeu-o o homenzinho com a mão espalmada no ar. O senhor vai dizer que já está tudo tomado!

O empregado acenou afirmativamente de cabeça.

— E' isto — concluiu o homem em tom de voz conformado. — E' isto que me vêm dizendo desde manhãzinha. O senhor não tem culpa, é claro. Mas é um desafôro!

Recolheu maquinalmente o dinheiro e enfurnou-o no bôlso. Calcou o chapéu na cabeça e saiu. A primeira pessoa com quem cruzou no passeio foi um mensageiro de telegramas que andava cadenciado com o samba que trauteava:

Passei o resto da noite a chamar:
Helena! Helena! vem me con-solar...

Praguejou e feriu com olhar de fogo o rapazote que lá se foi gingando ao compasso da música.

— E' uma cafagestada! — exclamou. — E por mal dos pecados eu ainda me chamo Oscar!

Recordou o carnaval em que seu nome andou de bôca em bôca representando uma certa comédia conjugal.

— "Ó seu Oscar! Ó seu Oscar!" — país infeliz êste nosso, onde já se viu tal abuso?...

Chegou ao ponto de ônibus e abrigou-se como pôde sob a marquize defronte a uma banca de jornais. O sol tinia, o povo suava, e ali na esquina, os jornaleiros berravam, aos três, aos quatro, num alarido infernal. Alguém comentou a guerra no Mediterrâneo: que "carnaval" dos gregos, hein?... O pobre homem sentiu crescer-lhe o sangue nas veias e antes que caisse com um ataque qualquer correu ao encontro do ônibus que estacionava no ponto à sua vista e empurrou-se para dentro dêle sem ao menos indagar para onde ia o veiculo...

...Plena folia! O tempo carrancudo ameaçava transplantar para a natureza tropical do Rio o cenário veneziano do gênero, mas com êle ou sem êle Momo seria recebido com tôdas as honras de estilo. E o mister John que escapuliu do seu navio ancorado na Praça Mauá estava disposto a não perder o espetáculo que se prometia à sua sensibilidade turistica — o que trouxesse na cachola conturbada por outras visões do mundo em guerra se esfarinharia ao calor dessa loucura oficializada que nem por isso perdia o sabor das coisas proibidas... Paletó debaixo do braço, óculos empinados no nariz vermelho, cachimbo pendente da bôca retorcida, calças largas escorregando-se pela barriga: lá se foi Avenida acima.

Vencidas as manhãs rumorosas dos *sujos* e dos blocos heterogêneos que abriam a cortina para a grande orgia, as tardes despontavam com mil promesas e prosseguiam a marcha em busca das noites inesquecíveis que o povo brincalhão saudava de ano em ano. Iluminação feérica, ornamentos artisticos ao longo da Avenida, alto-falantes inundando as ruas de música, desfiles, relâmpegos de serpentinas, vozes em tumulto, apertões, suor e povo — povo que Deus dava! Gávea, Leblon, Copacabana, Urca — a grãfinagem desaguando no asfalto atapetado de confetes e serpentinas da cidade em delirio, e suando com os "embaixadores" da Vila, do Estácio, da Mangueira, da Lapa... Cresce a avalanche. Desce a Avenida. Alcança a Rua Larga, Praça da República — o inferno passa da zona Sul ao Centro e do Centro à Zona Norte: Praça Onze! — o morro dando as ordens, massa compacta e curiosamente homogênea, o que de mais típico havia no carnaval "colored" do Rio. Desfilam o corso, os blocos, os cordões relâmpagos, rodam pesadamente os bondes apinhados de demônios em fúria: Canal do Mangue, Maracanã, Boulevard 28 de Setembro! As mesmas bôcas, o mesmo estrondo de pandeiros, bombos, cuicas, tamborins, reco-recos, campainhas, trompetes...

Quebra, quebra gabiroba!
Quero ver que-brar...

E o asfalto amolecendo sob a pressão de milhares de pés afogueados, varrendo-o, friccionando-o, arranhando-o com fúria!

— E o senhor não sai, seu Oscar?

— Não!

— Nem p'ra ver um pouquinho?

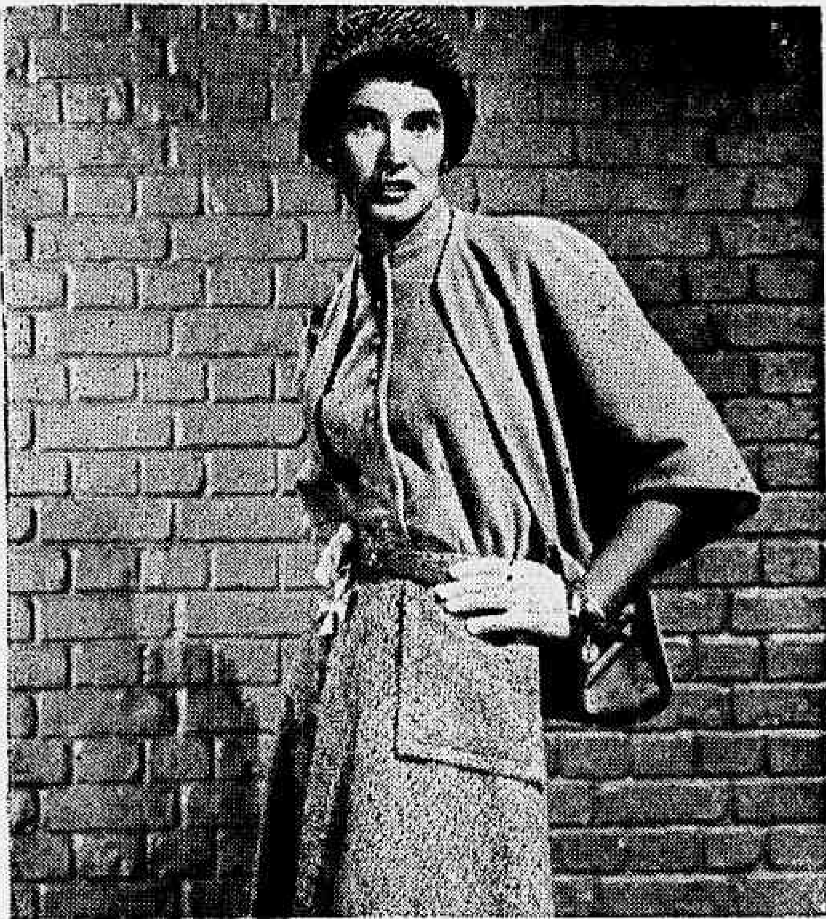
— Ver o que, criatura?... Não amola!

— O movimento, seu Oscar...

— Vá p'ro diabo!

(Cont. na pág. 45)

CONTO DE **EDSON KNEIPP**
ILUSTRAÇÃO DE **M. QUEIROZ**



OS TROVADORES E AS MULHERES

OS trovadores começaram por exaltar a mulher e acabaram dizendo muito mal delas. Essa verdade é facilmente constatável através da literatura. Mas, as mulheres não se incomodam com o fato dos trovadores de hoje negarem justamente aquilo que seus ancestrais, nas «côrtes de amor» afirmavam em lindas e tocantes canções, tão sensiveis aos corações femininos. E não se incomodam exatamente porque elas sabem que dizer mal é uma fórma de amar, de muito amar: — Quem desdenha...

Estamos pensando nisso, tendo nas mãos um delicioso livrinho, «Sátiras», do poeta Djalma Andrade, onde se fala muito mal das mulheres... Interessante é, contudo, observar que Djalma Andrade além de satirista, é um grande lírico e, como tal, quem tem dedicado, à mulher, muitos dos mais belos versos que ela já teve em nossa poesia.

Está pois duplamente perdoado o poeta pelo mal que lhe tem ocorrido dizer do sexo frágil, pois de duas maneiras ele nos tem provado o seu amor: exaltando-nos no seu lirismo e dizendo esse mal que, também, prova amor, nas suas sátiras, essas sátiras tão encantadoras que não nos furtamos ao prazer de dar aqui alguns exemplares, para sua maior difusão e maior orgulho das mulheres.

Ei-las:

GRAFINA

«Sei o furor que te impele
Para os sambas colossais:
Do par te separa a pele,
E a distância achas demais...»

GRAMATICA

«Recebi teu bilhetinho
De acôrdo com o meu desejo;
Havia nele — que linda! —
Três solecismos e um beijo.

Deixa lá sujeito e verbo
Baterem-se em luta estreita:
— Entre ns dois, cara amiga,
A concordância é perfeita.»

EVA NO JÚRI

«Vai causar por certo, abálo,
Interêsse e censação:
Depois de muito enganá-lo,
Vai Eva julgar Adão.
Vamos vê-la rigorosa.
Doce, branda, jurial,
Indecisa, duvidosa
No delito passional.

O réu, vendo-a, doce e bela,
Dirá, gentil, resoluto:
— Trinta anos dados por ela
Têm a graça de um minuto!

Vai julgar, sim, de verdade,
Vamos lá, vamos louvá-la:
Vamos ver dar liberdade
Quem só gosta de tirá-la...»

E aí têm as leitoras da REVISTA DA SEMANA algumas sátiras de Djalma Andrade.

LYSE





MODELOS DE HOLLYWOOD

AS estrelas de Hollywood, contribuem também para tornar mais lindas as mulheres de todo o mundo apresentando as sugestivas criações dos figurinistas da terra do cinema. Nestas fotos vemos algumas das mais recentes sugestões apresentadas em cima à esquerda por Virginia Steward, modelo composto de blusa e casaco em fina lã beige e saia em casemira mescla. A direita Arlene Dahl, da M.G.M. «negligée» em gaze rosa, grande «bouquets» de amor-perfeito, na cintura, e finalmente em baixo, Marlene Hoyt, também da M.G.M. num simples porém bastante sugestivo vestido para noite em veludo negro.

MODELOS *Variados*





ESTA coleção de modelos apresenta as mais variadas sugestões em matéria de elegância. A esquerda de cima para baixo: dois modelos, um em gase estampada, gola e punhos brancos, o outro em seda clara, saia pregueada; casaco em lã beige quadriculada; dois modelos em tafetá e seda; à direita dois sugestivos «tailleurs» em fina casemira cinza, por fim ao alto à direita, duas notáveis criações em lã clara, um costume e um amplo casaco.







Chapéus

TRÊS elegantes creações de grandes nomes da chapelaria francesa estampamos aqui para sua apreciação, em cima chapéu amplo, branco todo coberto com plumas também brancas, a direita em baixo, de aba larga temos este elegante chapéu em palha brilhante beige com pena branca, finalmente à esquerda um modêlo em feltro de duas côres, também com aba bem ampla.









Tafetá

E RENDA

POR mais variada e exótica que seja a moda a renda e o tafetá estão sempre na ordem do dia; nesta página temos: modelos de Dior e Jacques Griffe, ambos em tafetá raiado. Vestido para noite em tafetá, com uma sobre-saia, formando babados, em renda preta. Costume em tafetá com gola, punhos e bolsos recortados e enfeitados com botões. Modelo juvenil em tafetá, usado com um casaco de renda enfeitado com o tafetá. Vestido em organza, com o corpo e um avental na saia em renda preta.











A MODA apresenta as maiores variações nos trajes, sendo usadas saias amplas ou justas, cores claras e escuras e ao lado de vestidos suntuosos parecem modelos de simplicidade estraordinária. Os plissados continuam na ordem do dia, aparecendo em quase todas as peças dos trajes, aqui estão algumas sugestões interessantes que nos demonstram a versatilidade de imaginação dos costureiros francêses.



Variações DA MODA





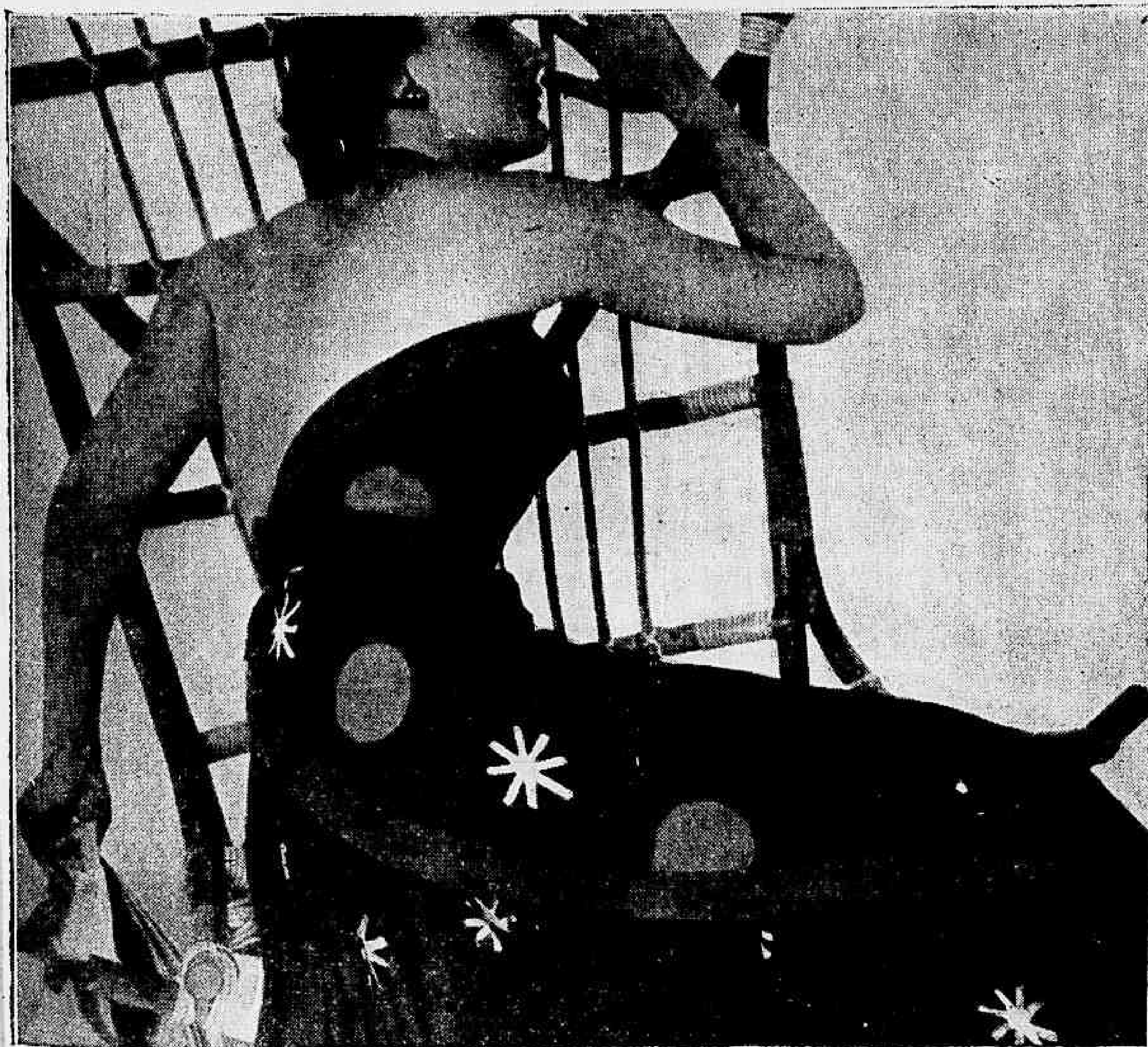
Modelos
SUGESTIVOS











BASTANTE sugestivos e elegantes são os modêlos que apresentamos aqui; na página à esquerda ao alto, dois modêlos em linho preto, usados com boleros de côres vivas, em linho havana, modêlo próprio para mocinhas; em baixo, vestido em linho estampado em côres vivas, alça de um só lado, finalmente dois modêlos simples em seda estampada. Nesta página temos, no alto, conjunto em lã de dois tons, saia preguecada, vestido em algodão estampado; em baixo vestido para praia, frente única, parte de trás plissada, e conjunto em linho azul marinho, e mangas listradas em vermelho e branco.





WEEK-END NA



SUGESTOES EM RENDA

LINDÍSSIMAS são estas duas sugestões em renda, apresentadas por Paris. Em cima, vestido em renda branca bordada em «pailettè», saia ampla com pequena túnica sobreposta, busto simples, com alças, e capa do mesmo tecido; em baixo, renda branca, cetim e tule foram os materiais empregados neste lindo modêlo, próprio para a noite ou jantares cerimoniosos.



DAMASCO COM CREME

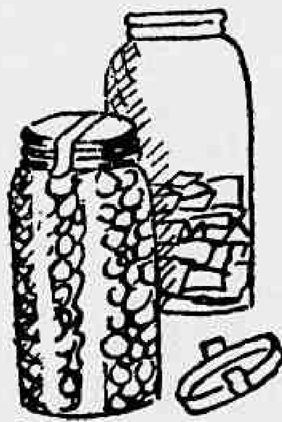
200 gr de damascos secos que se cozinham com 100 gr de açucar e um pouco de água. Quando frios os damascos, arrumam-se em uma vasilha de vidro e cobrem-se com ½ litro de creme Chantilly, enfeitando-se com alguns damascos.

MÔLHO CUMBERLAND

Casca de ½ limão e de ½ laranja, 6 colheres das de sopa de geléia de groselha, um pouco de vinho branco, vinagre e mostarda. Cortam-se as cascas de limão e laranja em tirinhas finas como palitos. Em seguida, deitam-se em água fervendo. Quando levantar fervura, tiram-se e passam-se em água fria. Mistura-se geléia com partes iguais de vinho branco e vinagre de modo a formar um môlho mais ou menos consistente. A êste môlho acrescentam-se as cascas preparadas e um pouco de mostarda. Êste molho serve-se com carne de caça.

SALADA ITALIANA

Para esta salada muito saborosa, tomam-se diversos legumes em conserva e, se se quiser, 50 gr de queijo. Pica-se tudo em quadradinhos que se cobrem com maionese. Guarnece-se esta salada com tiras de presunto e de pepinos em conserva, rodelas de ovos, e de tomates e salsa picada.



"PITTAH"

125 gr de farinha, 170 gr de manteiga, 1 ôvo, 2 colheres de açúcar, casca ralada de 1 limão e 6 colheres de água. Com êsses ingredientes se prepara uma massa que se amassa muito bem e que se deixa descansar por meia hora. Em seguida reparte-se a massa pelo meio, estendendo-se cada parte separadamente com um rôlo. Com uma dessas partes de cobre uma fôrma ou caçarola bem untada e sôbre ela se coloca uma compota de qualquer fruta que se cobre com a outra parte da massa. Apertam-se os bordos, pincela-se a parte superior e assa-se no forno.

BOLINHOS DE FUBA

350 gr de fubá, um pouco de sal, 1 xícara de passas, caldo de carne, 150 gr de farinha de trigo. Cobre-se o fubá com 2 xícaras de caldo de carne fervendo, caldo êsse que de antemão se misturou com sal e passas. Deixa-se descansar por meia hora. Junta-se então a farinha, mexendo-se muito bem. Formam-se bolinhos com as mãos, embrulhando-se, uma a uma, em um pedacinho de pano bem limpo. Amarram-se as quatro pontas de cada pano, e levam-se os bolinhos para cozinhar durante uma e meia horas no caldo da carne.

BÔLO DE MANTEIGA

Faz-se uma massa de bôlo simples, e estende-se com o rôlo depois de crescida fura-se com o garfo; espalham-se por cima uns fragmentos de manteiga (250 gr) e polvilha-se com 250 gr de açúcar; assa-se depressa num forno quente.

BATATAS À AMERICANA

Descasque algumas batatas, não muito grandes, leve e parta em fatias delgadas como fôlhas de papel fino. Leve ao fogo uma caçarola com bastante banha e quando estiver bem quente deite dentro as batatas, em pequenas porções, e vá revolvendo com um garfo, para não pegarem umas nas outras. A única dificuldade depende de cortá-las bem fininhas. Quando estiverem coradas e bem torradinhas, retire com a espumadeira para um peneira. Deixe escorrer bem e polvilhe de sal. Pode ser esquentada no forno. Devem ficar bem durinhas e pode guardar em lata para o dia seguinte.

FÍGADO EM PALITOS

Parta ½ k de fígado em pedaços de 2 cm de espessura, tempere com vinho e cebola ralada e frite-os ligeiramente na manteiga bem quente. Tome palitos grande, enfie àlternando pedaços de fígado e pedacinhos de toucinho inglês passados em água quente. Mergulhe tudo em môlho Bechamel bem espêsso, deixe esfriar bem, passe em ovos batidos, em pó de pão torrado e frite na banha quente.

CAVIAR SÔBRE GÊLO

O melhor caviar é o fresco, claro, transparente, com um ponto escuro no meio e de grãos grandes. Tome um bloco de gêlo de 2 k e, com um ferro quente arredonde os cantos. cave o centro para formar como uma grande taça raza, e deite dentro o caviar, em bastante quantidade. Coloque o bloco em prato redondo, sôbre uma rodela de felpo branco, para não escorregar e guarneça ao redor com orquídeas ou violetas. Sirva o caviar com uma colher de vidro ou de cristal. Quando o caviar não é muito bom pode oferecer com limão, ou mesmo com cebola picadinha, como nos restaurantes mas não é tão fino de gôsto com cebola.

SANDUÍCHES DE PORCO COM TOMATES

Passe uma camada fina de maionese com mostarda, sôbre fatias compridas de pão, cubra com fatias finas de carne de porco assada e cubra estas com rodelinhas de tomates, torne a cobrir com maionese e tape com outra fatia de pão. Calque um pouco o corte em tiras de 4 cm.

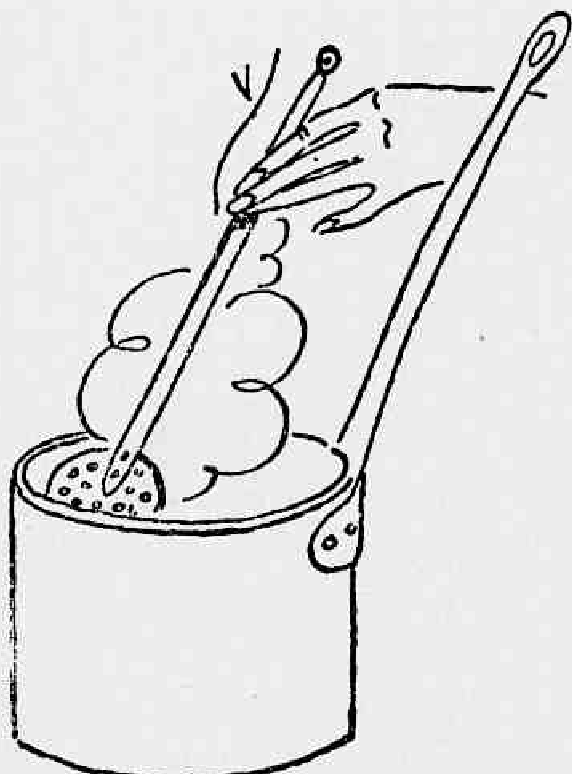
SPETZELI DE PÃO

600 gr de manteiga, 1 ôvo inteiro e 1 gema, noz-moscada ou salsa picada, sal, 3 colheres de pão ralado.



NA COZINHA

Bate-se a manteiga juntando-se-lhe os ovos, um a um. Em seguida, acrescentam-se a noz-moscada ou salsa, sal e por fim o pão ralado. Mexe-se tudo muito bem. Com uma colher, vão se tirando spetzelis, que se cozinham durante 10 minutos em caldo de carne. Deve-se experimentar a massa. Se a massa estiver dura, junta-se um pouco de leite, e, se estiver mole, um pouco de pão ralado.



CORAÇÕES DE CHOCOLATE

250 gr de mel, 250 gr de chocolate ralado, 60 gr de manteiga, 375 gr de farinha de trigo, 1 ponta de faca de canela, umas gôtas de essência de baunilha, 12 gr de potassa dissolvida em um cálice de rhum.

Aquece-se o mel com a manteiga, junta-se o chocolate, os temperos e a farinha, mistura-se a potassa, e trabalha-se na massa, apertando-se bem com as mãos.

Estende-se a massa, corta-se em feitio de corações, e leva-se ao forno moderado. Depois de frios, cobrem-se com glacé de chocolate.

OMELETE COM CHAMPIGNONS

Fritam-se algumas tiras de toucinho defumado que se juntam em seguida a um refogado de 'champignons". Acrescenta-se ainda à esta mistura um pouco de salsa picada bem fininha. Com esta massa recheia-se a omelete que deve ser servida em prato aquecido e regada com o môlho do refogado e enfeitado com alguns 'champignons".

LÍNGUA DE CARNEIRO OU DE PORCO EM PAPELOTES

Tome 12 línguas de carneiro ou de pórco, limpe bem e leve a ferver e depois retire as peles grossas e deixe cozinhar em fogo fraco com tomates, cebola, cheiro, e meia fôlha de louro, até ficarem bem tenras, então engrosse com 1 colher de manteiga tostada em 1 de farinha e gôtas de limão. Parta as línguas ao comprido sem destacar as metades, bote um pouco de manteiga no meio e enrole cada uma bem molhada num pedaço de papel impermeável untado de manteiga. Arrume num tabuleiro e leve ao forno ou na grelha, por alguns instantes. Sirva dentro dos papéis com môlho de tomates.

TORTA MELINDROSA

80 gr de manteiga, 80 gr de açúcar, 80 gr de amêndoas raladas, 80 gramas de chocolate, 50 gr de farinha de trigo, 2 ovos, um pouquinho de laranja cristalizada bem picadinha, 1 pitada de canela, 1 colher de chá de fermento em pó e um cálice de rhum. Bate-se a manteiga com o açúcar, as gemas, canela, laranja, amêndoas e chocolate, juntam-se as claras bem batidas e a farinha peneirada com o fermento. Põe-se esta massa em duas rodelas de papel pergaminho bem untadas e assa-se em forno regular. Quando bem frios, espalha-se sôbre um dos fundos da torta uma camada de geléia de abricós, cobre-se com o outro fundo, que se guarnece com uma coroa de pedaços de ananaz, e no centro forma-se um coração com cerejas cristalizadas. Pode-se espalhar por cima, primeiramente, uma camada de creme Chantilly.



TORTINHAS DE AVEIA

100 gr de maizena, 100 gr de farinha, 3 ovos, 1 colher de chá de fermento, 150 gr de manteiga, 150 gr de açúcar, casca ralada de um limão. Misturam-se muito bem todos os ingredientes e depois despeja-se a massa em forminhas untadas com manteiga e leva-se ao forno para assar. Calor moderado.

PÃO DE MEL COM NOZES

9 claras, 550 gr de açúcar, 100 gr de amêndoas picadas e torradas, 100 gramas de nozes raladas, 70 gr de cidra cristalizada picada, 5 gr de canela, 4 gr de cravo em pó, 2 gr de cardamomo, 250 gr de farinha de trigo.

Batem-se as claras e mexem-se com o açúcar durante três quartos de hora. Juntam-se então os temperos, a cidra, a laranjada, as amêndoas, as avelãs e por último a farinha peneirada. Estende-se esta massa na grossura de um dedo sôbre fôlha de oblata. Polvilha-se com açúcar frio, põe-se sôbre cada pedaço meia noz, deixa-se descansar 2 a 3 horas e leva-se ao forno regular em assadeira untada com manteiga.

DELÍCIAS DO LAR

½ litro de mel, ½ litro de leite ou nata, 20 gr de erva-doce esmagada, 10 gr de canela, 5 gr de cravo em pó, 30 gr de bicarbonato e farinha de trigo.

Aquece-se o mel, com o leite ou a nata, despeja-se em uma vasilha e junta-se a erva-doce, a canela, o cravo em pó, o bicarbonato e tanta farinha quanta fôr necessária para se obter uma massa consistente. Estende-se esta massa na grossura de ½ cm e cortam-se pedaços retangulares. Põem-se em assadeira untada com cêra e assam-se em forno moderado. Pode-se cobrir com glacé de açúcar.



MODELOS ELEGANTES

ELEGANTES e bastante originais são os dois modelos que vemos aqui. Em cima, vestido para noite em cetim preto com bordados em lantejoulas, casaco bastante amplo em seda clara, e estampados modernos. Em baixo, também para noite é este traje em cetim branco, bordado com perolas brancas, no decote aplicações de plumas também brancas, saida bastante ampla em tule de seda.



A SAÚDE DO BEBÊ

CONDUTA NAS PERTURBAÇÕES ALIMENTARES DO LACTENTE

DR. SABOIA RIBEIRO

EM três situações especiais ocorre a necessidade de normalizar o regime do lactente: *a*) Uma simples perturbação do estado nutritivo da criança; exemplos: o bebê que está passando fome, por escassez do leite materno, ou que mama em demasia; que apresenta *diarréia*, ou, ao contrário, *prisão de ventre*. *b*) Uma infecção localizada no próprio aparelho digestivo da criança, ou noutro órgão à distância, como a garganta ou ouvido. *c*) Uma *anomalia constitucional* predispondo à intolerância de certos componentes do leite, como por exemplo na *diatese exsudativa* com seu cortejo de sintomas tais como catarro frequente das vias respiratórias altas, (o nariz tapado, a garganta vermelha e escorrendo exsudato, etc.), o eczema, as fezes pontilhadas de grumos e mucosidades.

Tem muita importância, portanto, discernir o que é a mera perturbação nutritiva, a infecção, e o desvio da constituição.

Na infecção não falta nunca a febre, e dois pontos devem ser logo visados como a sede do processo febril: cavidades da cabeça como a garganta e ouvido (êste acusando dores quando se comprime por diante do conduto auditivo) e o ventre-timpanoso, dolorido, ou fundo e dolorido, com evacuação nitidamente anormal. Se as fezes, então, mostram *catarro, pus e sangue*, a natureza infecciosa da perturbação está sem delongas reconhecida.

Excluida a *infecção* e o *estado constitucional*, cujos sinais mais salientes já demos acima, podemos, então, admitir a mera e simples perturbação do estado nutritivo da criança.

Vejamos como proceder em relação ao *leite* nas três hipóteses figuradas.

O bebê está passando fome: Isto acontece, ou porque o leite materno é pouco, ou o leite (animal ou em pó) é dado muito aguado. Como distinguir? No primeiro caso pesando a criança antes e depois de dar-lhe o seio, até 20 minutos no máximo (10 minutos em cada). O *leite aguado* é sempre reconhecido tôda vez que o pó não alcance três colheres de chá até 150 gramas do liquido, no primeiro trimestre; 5, no segundo, e 6 no terceiro. Ademais o bebê que está passando fome não espera bem entre uma mamada e outra, não se desenvolve, sofre de *aparente* prisão de ventre ("só obra quem come bem").

O corretivo consiste no refôrço das mamaduras por uma quota variável de leitelho ou leite em pó convenientemente preparado.

O bebê mama em demasia: As mamaduras excedem os 20 minutos, a gordura do bebê tende a formar um ventre de obesidade (excede sempre o perimetro torácico); papada; verdadeiras pulseiras de banha junto aos punhos e artelhos. Reduzir as mamaduras, ou mesmo espaçá-las, é o principal remédio.

O bebê acha-se com diarréia por êrro alimentar: O caso é quase exclusivo do alactamento pelo leite de vaca e suas misturas, e não se acompanha de febre. No alactamento ao seio, só quando há *fome* da criança por diminuição da secreção do leite materno; a criança, evidentemente, está com o pêso atrofiado sempre, nesse caso.

A correção consiste, no leite de vaca, no seguinte: As mamadeiras devem ser preparadas de modo que o leite, *quantidade de um dia*, deve corresponder a *um décimo do pêso* da criança; o açúcar e as farinhas entram, uma colher de chá cada, para cada 100 gramas. O leite deve ser prèviamente diluido da seguinte forma: não atingindo 450 gramas a *quantidade de um dia*, dilui-se noutro tanto d'água; excedendo, iguala-se até 900 gramas com o acrescimento de água.

Saliente-se que o pêso da criança é o que ela *deveria ter*, não o que apresenta com o distúrbio.

Nascimento: 3.250 gramas — 6 meses: 6.500 gr — 12 meses: 9.750.

Para os demais meses leve-se em conta os seguintes aumentos: 1º e 2º meses, 30 gr por dia; 3º e 4º, 25 gr; 5º a 8º, 20; 9º a 12º, 15 ou 12 gr.

Saliente-se, também, que, sempre que se manifesta um êrro alimentar, no bebê, com seus distúrbios na esfera intestinal, convém uma pausa alimentar de 6 a 12 horas, a chá, mate, adoçados com um açúcar não fermentescivel ou sacarina. Durante alguns dias, depois, a alimentação com o leitelho é medida conveniente, máxime nos primeiros meses.

A *diarréia de fome*, no alactamento ao seio, cura-se com o refôrço alimentar; após as mamadas, leitelho, no primeiro trimestre; ou quota de leite, de boa procedência, no segundo trimestre, ou leite em pó.

O refôrço alimentar varia, naturalmente, de 50 a 100 gr, após cada mamada.

Todavia, se a secreção materna se mostra incapaz de conduzir o bebê à normalidade do pêso, melhor é instituir, logo, o regime artificial, segundo as boas normas antes indicadas.

O bebê acha-se com prisão de ventre: Quando a criança, amamentada ao seio, não evacua diàriamente, ou no máximo cada dois dias, duas circunstâncias podem se verificar: ela aumenta de pêso, ou não aumenta. Se ela não aumenta de pêso, em duas pesagens sucessivas (de 10 em 10 dias) é provável que se trate de uma *falsa obstipação* por insuficiência do leite; se se constata o aumento de pêso, apesar da prisão de ventre, a causa desta reside, as mais das vêzes, ou no excesso de gordura do leite e pouco açúcar ("leite muito forte"), ou pobreza de certos fatôres do complexo B, "vitaminas anti-obstipantes", excitantes dos movimentos defectórios do intestino.

Dêsse modo resultam intuitivas as medidas corretivas. Não é com purgantes e lavagens que se corrigirá o distúrbio, porém ministrando algum açúcar mais fermentescivel (o açúcar comum ou extrato de malte), caldo de frutos (50 a 200 gramas) e algum preparado do complexo B.

Quando a prisão de ventre ocorre no alactamento pelo leite de vaca, as mais das vêzes o que ocorre é a ausência de farinhas no preparo das mamadeiras; estas são constituidas de *leite total*, sem adjunção de farinhas. O acréscimo, portanto destas e refôrço do açúcar, nas mamadeiras, são, muitas vêzes, capazes de vencer a prisão de ventre.

Das farinhas, a de aveia é a que melhor combate a prisão de ventre. Nos casos rebeldes, o extrato de malte deve ser o açúcar preferido, no preparo das mamadeiras. Suco de frutas, como acima.

O Jôgo da criança não é o mesmo do adulto...



- e também o fortificante!

Para as crianças do Brasil



SÓ O

Não é qualquer fortificante que serve para as crianças. Os delicados organismos infantís exigem um tônico completo em sua fórmula, com ingredientes cientificamente dosados: TÔNICO INFANTIL! As crianças de hoje tornam-se mais fortes, mais inteligentes e alegres com o uso do TÔNICO INFANTIL, um preparado moderno.

TÔNICO INFANTIL



MÚSICA

ÓPERA E POESIA

ROBERTO LYRA FILHO

POUCA atenção, em geral, era dispensada ao libreto das óperas, uma vez que, no gênero lírico, a música dominava, cobrindo, com manto brilhante, a pobreza do esqueleto literário, via de regra muito justamente esquecido. Assim, valia o libreto menos por suas qualidades intrinsecas do que pela sua função de veículo destinado a provocar a inspiração de um compositor. A expressão musical nada tinha a ver com o teor dramático. A independência assumia tais proporções que era possivel a transferência de árias de uma ópera para outra, sem quebra de harmonia e do equilibrio do conjunto. As melodias seguiam trajetórias arbitrária, sem procurar estabelecer um clima adequado às situações esboçadas na história. No momento em que Richard Wagner formulou a sua concepção da ópera, entretanto, a poesia ficou integrada no drama musical, concretizando algumas antecipações de precursores. Subordinando a estrutura orquestral à expressão da psicologia dos personagens e às indicações da ação, no libreto, Wagner trouxe, com o recitativo ininterrupto, a palavra e, com ela, a literatura. Dessa época em diante, os caminhos da evolução da ópera não se divorciaram mais da orientação que fundiu, num sôpro unificador, a poesia e a música.

Iniciando-se, assim, em plena escola romântica, dentro da qual as raizes wagnerianas se alastraram, a nova concepção da ópera cristalizou iniciativas e esboços, partidos de vários setores, num sistema coerente. E, mesmo quando os rumos de evolução musical repudiaram o "wagnerismo", êsse lastro ficou bem fixado, na ópera, preparando o advento dos aperfeiçoadores, como Debussy que, no mesmo sentido, foi mais longe, em genial experiência, que é Pelleas e Mélisande. Um critico americano já chamou a atenção para os versos da Carmen, de Bizet. Vários escritores examinaram, sob o ponto de vista literário, a poesia de Wagner e — sinal ainda mais eloquente — os compositores pasaram a escolher os seus libretos com muito cuidado. No caso do já citado Pelleas et Mélisande, foi a prosa poética de Maeterlinck que Debussy sublinhou com arte insuperável na sugestão dos simbolos vagos e do misterioso encantamento. Paul Claudel foi o autor do Colombo de Darius Milhaud e Richard Strauss recebeu de Hugo von Hofmansthal o libreto do Cavalheiro da Rosa. Poderiamos alongar a lista. Ela já nos basta, porem, para indicar a direção geral, que apontamos, da valorização do libreto.

Tivemos, recentemente, no Teatro Municipal, um soberbo exemplo de bom trabalho literário. Referimo-nos a Arrigo Boito.

Boito era, antes de tudo, um erudito. Compositor sem grande originalidade, deixou em suas obras o eco de várias influências e realizou, para aproveitamento de sucessores, uma série de experiências e ensaios inegàvelmente fecundos. Mas Boito era, também, poeta e, além disso, conhecia os limites e as exigências da cena lirica. Quando o Fausto de Goethe lhe despertou a ambição de dar-lhe tradução numa ópera, cuidou primeiro de verter os versos, ora traduzindo-os, literalmente, ora resumindo, para servir à sintese cênica, as tiradas e as passagens menos adaptáveis ao comentário musical. E o trabalho que conseguiu realizar recomenda-se à admiração pela superior qualidade literária. Mais tarde, trabalhando para Verdi, justamente quando êste atingia o ponto mais alto de sua maturidade criadora, Arrigo Boito, que não temia tarefas dificeis, deu-lhe uma versão admirável de Otelo de Shakespeare, que pode ser lida, independentemente da ópera, valendo tanto pelos seus próprios méritos quanto pela música de insuperável vigor dramático e magistral segurança no delineamento musical dos personagens, obra de um Verdi, bem distante, em seu desenvolvimento, da banalidade do "Trovador" e "Ballo in Maschera".

CORREIO DA REVISTA

A. N. (Barbacena) — Não póde ser aproveitado o "Eu sou o Zé".

P. M. S. (Belo Horizonte) — Seu conto, "Astúcia de um coração" não passou no exame.

G. de C. F. (Rio) — "Macumba" também falhou.

M. do C. S. B. (B. Horizonte) — "Um drama em cada vida" não conseguiu aprovação.

W. I. F. (Piracicaba) — "Dona Andreza" não foi aproveitado.

Alfaro (Rio) — "Morto por engano" não escapou.

N. M. (Mirai, Minas Gerais) — "Encontro para a morte" morreu mesmo. Também não póde salvar-se o "Morreu a minha rua". Chega de tanto entêrro...

R. F. (Uberlândia, Minas) — Muito curto o seu "E ela não voltou". Mas, mesmo que assim não fôsse, estaria reprovado. Exercite-se no português. Havia erros graves.

Belinda (Belo Horizonte) — "O Estranho caso de Maria Ventura" não passou. Veja se compõe um conto mais cônscio, sem divagações inestéticas, que não ajudam e só concorrem para ocupar espaço. Notamos que você tem imaginação, mas lhe falta escola.

M. R. (Rio) — "Ramiradas" foi reprovado.

H. N. (São Paulo) — "Um homem vadio", se sofresse uns tantos cortes e recebesse novas cenas, poderia sair. Veja se lhe dá mais vigor e mande outra cópia.

L. A. de A. F. (Rio) — Pena foi que o amigo não houvesse dado emotividade ao seu trabalho "Emiliana". Conto literário não é simples relatório.

CARTA À DIREÇÃO

A reportagem sôbre a "Prataria Gaúcha", de Carlos Galvão Krebs, publicada em nossa edição n. 32, deu ao sr. Ney Correia Neto, noticias de seu pai, sr. Pedro Correia Neto e de seu irmão Rubens, dos quais não sabia há mais de 18 anos, apesar dos esforços para localizá-los. Escreve-nos agora o sr. Ney, solicitando que o ajudemos a descobrir o endereço daqueles seus parentes, a fim de que o missivista possa corresponder-se com os mesmos. Atendendo ao apêlo do sr. Ney Correia Neto, reproduzimos aqui o seu endereço, pelo qual, seu pai e seu irmão, possam escrever-lhe e receber suas noticias. Se qualquer outra pessoa souber também do endereço do sr. Pedro Correia Neto ou de Rubens Correia Neto, muito agradecerá o sr. Ney, o favor de lhe comunicarem. E' êste o endereço do missivista:

Ney Correia Neto — Av. Presidente Wilson, 26 — Gonzaga — Santos — E. de São Paulo.



atração!



Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

Cristina da Suécia

(Cont. do número anterior)

O assassínio foi em si brutal. Mas o fato de ter sido cometido num ambiente de hospitalidade, num palácio em que tanto Cristina como Monaldeschi residiam na qualidade de hóspedes, acrescentava o insulto do proceder indigno à injúria da mentalidade bárbara.

Mais uma vez Cristina causara sensação. Desta feita foi um furacão de ressentimento que a varreu da França. Mas a rainha encarou isso displicentemente. "Nós, os nórdicos, somos de natureza rija e não muito dados a tremores... No tocante ao meu proceder para com Monaldeschi, acho mais fácil estrangular alguém do que amedrontá-lo." Gostava de experimentar tôdas as emoções, inclusive a de matar. E, sendo uma ex-rainha, julgava que aquilo que fazia não era da conta do mundo. Os deuses e Cristina possuíam uma norma ética peculiar. "Tudo nos é permitido."

V

Cristina, inquieta como sempre, pôs-se à procura de nova sensação. Já tinha experimentado a excitação de **renunciar** a uma coroa; queria agora experimentar a excitação de **andar no encalço** duma coroa. Tentou tornar-se rei de Nápoles; e, malograda essa tentativa, ofereceu-se como rei da Polônia.

— Provarei — declarou ela — que sou o maior guerreiro que a Polônia já viu.

Ela, que uma vez fôra "a maior pacifista que o mundo já vira". Quando os nobres poloneses opuseram-se-lhe à candidatura por ter ela assassinado Monaldeschi a sangue frio, a resposta foi esta:

— Oh, não! a sangue frio não! Tive todo o cuidado de que lhe fôssem ministrados os sacramentos antes de expirar.

Os nobres poloneses, porém, mostraram-se "surdos à sapiência dela e cegos perante suas virtudes". Rejeitaram-lhe a candidatura.

Ainda desejosa de impressionar — "o mundo deve sempre esperar de mim o inesperado" — começou a organizar um exército para a Última Cruzada contra os turcos. Êsse exército, como muitos outros de seus projetos grandiosos, dissipou-se nas brumas de sua imaginação. Nunca chegou a ser realidade. Apenas mais um episódio, tão pronto originado como passado, do fantástico drama de sua vida, nascido da sua própria inventiva. "E' muito próprio da rainha", escreveu sarcàsticamente o Cárdeal Azzolini, seu mordomo, "iniciar as coisas e desistir delas antes de ter chegado ao meio".

VI

Chegara agora a mais amarga das suas experiências: o seu esquecimento ainda em vida. Trinta anos de chispas, ruídos e agitações, sem uma única chama brilhando rumo aos céus num foguete esplendoroso. Cristina esvaziara-se de idéias. "Ainda gostava de aturdir o mundo, mas o mundo se recusou a ser aturdido." O espetáculo estava apenas na metade, e a assistência se retirara. Ela tentou criar um patético caso amoroso, fêz um desesperado esfôrço para se aquecer junto ao coração do Cardeal Azzolini. Mas os homens moços limitam-se a rir das mulheres de idade. "Cristina está agora muito gorda e pesada, com uma papada, cabelos curtos e ásperos, e uma faixa apertada em tôrno de sua amplíssima cintura". Ela escreveu carta após carta a Azzolini, implorando-lhe que a tratasse com simpatia. "Nada me poderá impedir de amá-lo até a hora da morte. Mas já que os deveres da santidade impedem-no de me amar, dispensá-lo-ei de ser meu servidor, e ficarei contente em viver e morrer sua escrava."

E Azzolini pegou-a pelas palavras dela. O Divino Diretor de Cena compadecera-se do malôgro do drama de Cristina. Estava tratando de baixar o pano. Azzolini, na sua condição de mordomo dela, apresentou-lhe um documento para assinar.

— Êste documento será vantajoso para as propriedades de Vossa Majestade.

Cristina, então muito fraca para ser capaz de ler, assinou o papel. Era um testamento que constituía Azzolini herdeiro dela. As propriedades valiam vários milhões de coroas.

Apenas um espectador solitário para aplaudi-la no desenlace.

Todavia, propalou-se um rumor — fantástico, sem dúvida, mas tôda a sua vida fôra fantástica — de que alguém mais estava presente junto à cabeceira dela na hora da morte. O espectro de Monaldeschi, o homem que Cristina, no auge da sua fama, assassinara.

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE CRISTINA DA SUÉCIA

1626 — Nasceu em Estocolmo.
1632 — Perdeu seu pai, Gustavo Adolfo.
1644 — Foi coroada rainha da Suécia.
1650 — Nomeou seu primo, Carlos Gustavo, sucessor do trono.
1654 — Deixou o trono voluntàriamente. Adotou a religião católica em Innsbruck.
1657 — Mandou matar seu mordomo Monaldeschi.
1660 — Regressou à Suécia num vão esfôrço para reaver o trono. Tentou tornar-se rainha da Polônia.
1667 — Estabeleceu-se finalmente em Roma.
1689 — Morreu em Roma.

A confissão de Leda

(Cont. da pág. 26)

olhei e vi Samuel sentado à mesa com uma mulher.

A minha vista turvou-se-me. Exaltada, entrei numa livraria nas proximidades, a fim de fingir que estava escolhendo um livro, para ver o que ocorria.

Pouco tempo depois, Samuel passou pela livraria de braços dados com a mulher.

Cheguei à porta para ver que espécie de criatura era aquela que me substituía no coração de Samuel.

Ela era loura, baixa e cheia de corpo; trajava saia preta, blusa branca e uma faixa vermelha na cintura; andava requebrando-se tão escandalosamente que atraía a atenção dos transeuntes; era mulher de baixa esfera social.

Horrorizada saí da livraria com a idéia de desmascará-lo; mas contive-me, pois não tinha o direito de fazê-lo, uma vez que não havia compromissos legais entre nós.

O meu futuro tornou-se tenebroso, eu me sentia rolar por um precipício sem ver o fim.

Chegando à casa, atirei-me sôbre o leito e chorei amargamente.

Súbito, as lágrimas se me estancaram, e com os olhos presos no teto, ouvi as notas melodiosas do bandoneon.

Levantei-me, fui à varanda e olhei para a janela, onde tinha a certeza de divisar a cabeça loura de rapaz, com olhos azuis que naquele momento estariam perfurando a janela do meu quarto com o intuito de me ver.

Quando cheguei à janela, estremeci, ao distinguir entre as folhagens, o que eu esperava.

Sorri, ante o pensamento de vingança; porém, ruborizada, fechei a janela e fui para a cama, onde fiquei ouvindo a música até adormecer.

A vida com Samuel, Suzana, tornou-se-me insuportável. Êle saía tôdas as noites para voltar de madrugada, ou então não voltar. Eu estava desesperada com aquela humilhação; procurava distrair-me o mais possível; porém, não podia, pois em minha casa faltava tudo, até dinheiro para as despesas; nesse sentido, eu sofria as maiores vergonhas, pois os vendedores davam escândalos à minha porta para cobrar as suas contas.

Como tu deves saber, Suzana, eu não fôra educada para viver dêsse modo; sentia muito, mas o que havia de fazer? Não podia voltar para a casa de meus pais, que eu abandonara, de modo que sujeitava-me a tudo. Um dia, passeando pela praia de Copacabana vi Samuel sentado na areia debaixo de uma barraca com a tal mulher.

Era aquela mulher, Suzana! Aquela criatura insignificante que eu vira na cidade em companhia de Samuel, que me tirava dos seus braços e fazia que êle não mais me sustentasse.

Não querendo que me vissem, abaixei a aba do chapéu.

Quando cheguei a casa, êle ainda não tinha chegado.

Desesperada, arrumei a minha valise e parti pela escuridão da noite. Só tinha um fito, ir para bem longe de Samuel.

Eram dez horas da noite quando o barulho de meus passos no silêncio da rua, arrancaram-me dos meus pensamentos.

Pensando em minha situação, procurei um quarto onde passar a noite; porém àquela hora era impossível encontrar, de modo que me sentei num banco da Praça Paris, no qual adormeci.

No dia seguinte ao despertar com os primeiros raios de sol a cabeça ainda me doía; levantei-me e fui a um café na Lapa, onde tomei a minha primeira refeição, e comprei o "Jornal do Brasil".

Desesperada com a falta de quarto, ansiosamente passava a vista pelos anúncios do jornal, quando descobri um mobilado na rua Francisco Sá, por preço razoável. Fui lá e aluguei-o.

Deitei-me na cama e percorri os anúncios à procura de um emprêgo; li um que me agradou; vesti-me às carreiras e saí a fim de obtê-lo.

Quando voltei para casa, estava radiante, pois ia ser costureira num sobrado na rua Senador Dantas.

A minha vida tornou-se-me muito difícil, pois o meu ordenado mal dava para pagar o aluguel do meu quarto e comer; resolvi costurar nas horas vagas.

Trabalhava até altas horas da noite, alimentava-me mal, fui emagrecendo, e um dia na entrada do inverno, apanhei um resfriado que me deixou neste estado. O meu patrão vendo-me tuberculosa, despediu-me e eu perambulo pela rua sem ter o que comer.

Duas grossas lágrimas rolaram pela face de Leda, ela teve um acesso de tosse fortíssimo, golfadas de sangue brotaram dos seus lábios, e ela caiu desmaiada por cima de mim; deitei-a sôbre o banco e fui buscar socorro.

Quando a ambulância chegou, Leda se libertava, para sempre, de todos os sofrimentos.

PESADÊLO DO OSCAR

(Cont. da pág. 32)

— Chiii... meu Deus! Desculpe, seu Oscar: eu não falei por mal não...

O homenzinho rosnou ainda qualquer coisa e seguiu sem querer com as vistas a servente da casa que saía rebolando-se numa "baiana". Na rua os automóveis businavam enervantemente e as campainhas dos bondes tilintavam em cadência com a música entoada e martelavam os ouvidos do pacato cidadão. O pior foi que os moradores do sobrado resolveram promover um cordão e daí a pouco todo o prédio parecia tremer sôbre um terremoto. Seu Oscar estourou: Burrões do inferno! E de um pulo passou-se para o quarto, arrancou fora o pijama e vestiu-se para sair. Assim como assim era preferível sofrer na rua. Não aguentava mais. Ani-mais! — vociferava ao descer a sua rua, rumo à Cinelândia. Ao chegar à Avenida foi logo envolvido por uma onda de foliões que cantava para o turista:

Alô, John!
Come back p'ra folia!

Seu Oscar fulminou com o olhar indignado o forasteiro que cabriolava no meio da roda em completa solidariedade com os seus captores...

Se não have money...
Não faz mal!...

— Non faz mal!... — repetia em côro o turista alegre, no passo que o nosso homem debatia-se furiosamente no meio do bloco e intimava que o deixassem sair, com todos os raios! Aos trancos livrou-se do cêrco e ganhou ràpidamente a calçada. Esgueirando-se pelas paredes, tropeçando nos pés de carnavalescos comodistas que se aboletavam nos vãos das portas, nas cadeiras e até sôbre caixotes negociados a preços de ocasião, acabou defrontando-se com um cordão de mascarados e o mais que pôde fazer foi encolher-se todo e em seguida lançar um palavrão em revide ao esguicho de lança-perfume que lhe feriu os olhos. Cambaleando alcançou uma esquina e rápido se meteu no bar onde teve que enfrentar outra onda para chegar ao balcão. Pediu um "chopp" mas teve que o engolir depressa porque um engraçadinho lembrou-se de fazer côro com a marchinha que percorria neste momento a calçada, meteu um dedo no ar e convocou a turma do bar: braços erguidos, bôcas escancaradas, pernas batucando, formou-se o cordão que ia arrebanhando adeptos por todos os cantos. Seu Oscar atirou o dinheiro sôbre o balcão e pulou para a rua, já com o paletó fora do lugar e a camisa querendo saltar-lhe das calças. Recomeçou a marcha cada vez mais dificultosa pela Avenida, transpirando e xingando. Povo, povo e mais povo, numa alucinação indescritível, e o seu Oscar furando aquilo tudo, apertando-se aqui, desapertando-se ali, ora tragado pelos cordões, ora impulsionado estouvadamente para onde não queria ir, com o corpo em bicas.

Deu com outra casa de bebidas e entrou. Afortunadamente havia cadeiras, e correu para ocupar uma delas a uma canto de onde regressava um grupo de foliões. Pediu um "chopp". Que sêde! Pediu outro. E mais outro. Seus ouvidos zumbiam horrìvelmente e seus olhos vermelhos perseguiam as silhuetas femininas que desfilavam aos pulos e aos berros defronte à porta. Uma ou outra olhava para dentro e desmanchava-se em risos debochados em forma de convite. Chamou o garçon e pediu uma "batida".

— Não pode ser, chefe — respondeu o empregado. — Hoje não se vende isso.

— Bolas! Estou pagando!

— Sim, mas não pode ser, são ordens.

— Ora esta!

— Só cerveja e "chopp".

— Bom! vá lá... dobre isto então!

Suava cada vez mais e à sua frente crescia a tôrre de fichas de papelão; bebia e fumava seguidamente, e já não sabia se era da fumaça do cigarro ou da própria realidade que surgiam aquelas mulheres cujas formas se modelavam em tremuras ritmadas dentro das fantasias de setim, oferecendo-se aos apertões da turba desvairada...

Se você fôsse sincera...
Ô... ô... ô... ô...
Au-ro-ra!

O bloco rompeu do passeio e invadiu a casa feito demônios soltos. Trompetes, cuícas, pandeiros, a casa entupiu-se num relâmpago e mal se via já uma ou outra mesa: eram só corpos em frenética promiscuidade tresandando a uma mistura de suor e éter. Pa-tifes! — explodiu de algum canto uma vozinha esganiçada ao mesmo tempo que subiam aos ares fichas e mais fichas de "chopp" entre tinidos de vidro quebrado e rumores de luta. Uma cadeira ergueu-se, gritos diferentes partiram de lá e o tumulto nasceu arredando gente que berrava e atirava-se para a rua aos trambolhões...

...Estava estendido no chão e arquejava, banhado em suor, com o companheiro ao lado sacudindo-o e chamando-o repetidamente. — Seu Oscar! Seu Oscar!

Por fim, encarou o companheiro dobrado sôbre êle, resmungou qualquer coisa, ainda cansado...

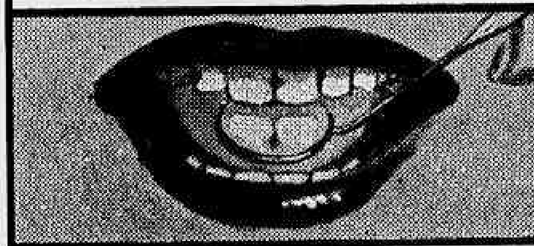
— O senhor caiu da cama, pensei que se tivesse machucado, que susto seu Oscar!

— Susto? — repetiu êle pondo-se ràpidamente de pé. Correu até à cômoda, abriu a gaveta e de lá retirou um envelope que abriu sôfregamente e depois respirou fundo. Eu só queria saber se isto também não era sonho!... — exclamou, ante a expressão atoleimada do companheiro de quarto.

ENCANTADOR E IRRADIANDO SAUDE ...é o sorriso da KOLYNOS-ISTA!

MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outra boca.. cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diario de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA

Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS

A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE

A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as partículas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superfície dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

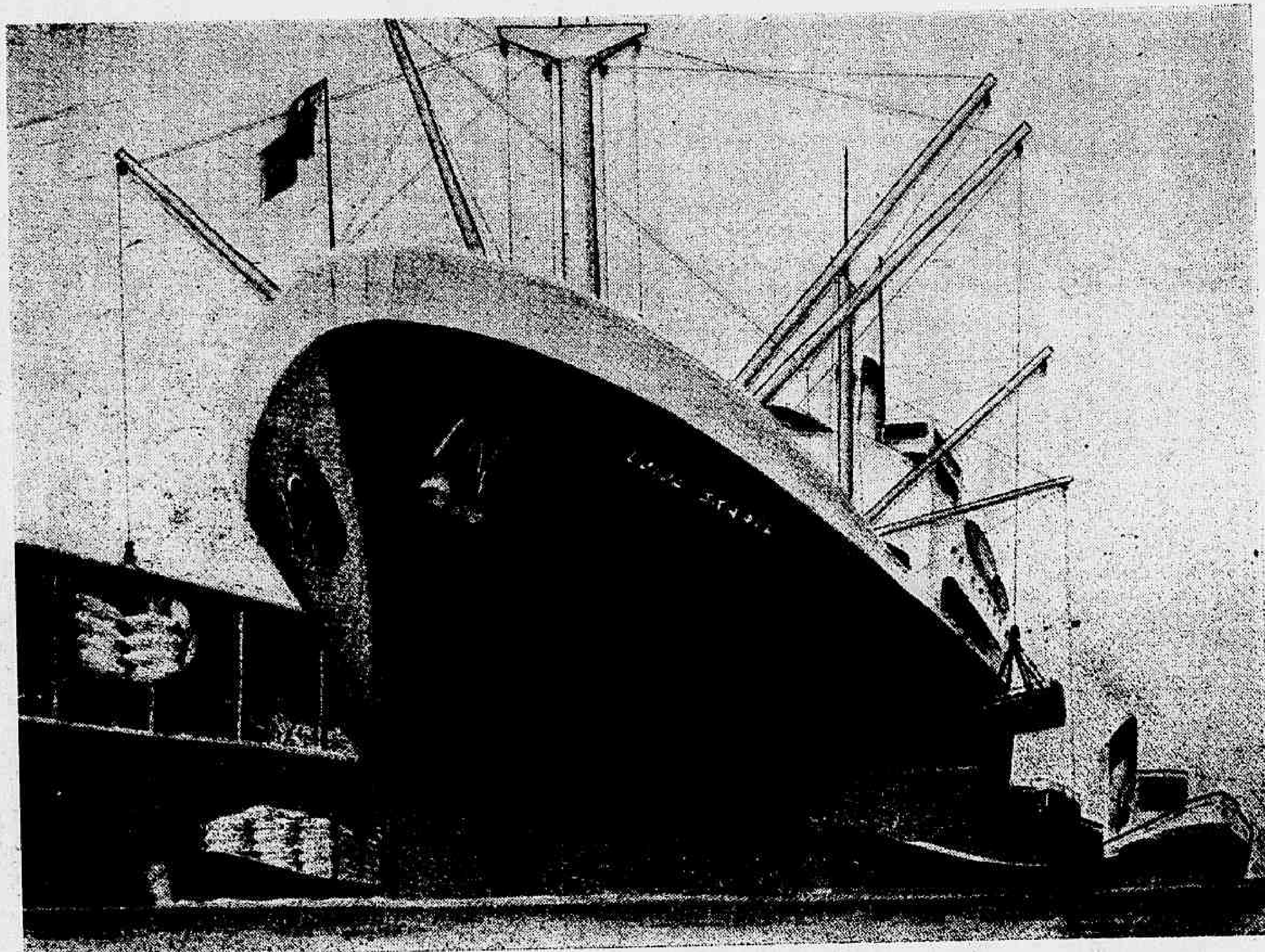
Delicioso sabor refrescante! E ECONÔMICO TAMBEM: Basta 1 cm. na escova seca.



Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-301

LLOYD BRASILEIRO



O Lloyd Brasileiro, desde a sua fundação em 1890, vem desempenhando papel preponderante no desenvolvimento da economia nacional. Tem sido, em tôda a sua acidentada e proveitosa existência, a mais importante emprêsa de navegação da América do Sul, posição que ainda hoje mantém. Sua frota que vem sendo acrescida de novos navios desde 1945, no total de 36 unidades modernas e velozes, no valor de um bilhão e quinhentos milhões de cruzeiros, se compõe atualmente de **88** navios, somando **530.891** toneladas deadweight. Os navios do Lloyd Brasileiro servem a 39 portos nacionais e escalam em 20 portos estrangeiros, fazendo 26 linhas regulares.

Durante a última guerra, coube-lhe a tarefa de manter o abastecimento de nossos portos. Dezenove de seus navios foram afundados por ação do inimigo e 329 de seus tripulantes perderam a vida, mas sua missão foi cumprida, tendo sido transportadas dez milhões de toneladas de carga.

DAR PREFERÊNCIA AOS NAVIOS DO LLOYD BRASILEIRO É CONCORRER PARA O ENGRANDECIMENTO DA MARINHA MERCANTE NACIONAL

A VIDA DE MME. DE MAINTENON

1635 — 1719

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

1635 - 1719

SÓ podia ter acontecido na França, na França de Luiz XIV, onde as fortunas se faziam e as consciências se desfaziam a um aceno da régia fronte. A França dessa época usava a cabeça emperucada na nobreza sôbre os ombros sofredores dos camponeses. As massas eram forçadas a rastejar pela terra. Para alguns poucos afortunados, porém, era apenas uma pequena viagem da terra ao sol. Ao longo do firmamento dos caprichos do rei, um punhado de mulheres alcançavam as mais altas posições de prestígio, sentando-se num agitado trono, nas nuvens, como pavões a quem de súbito fôsse concedido o poder de voar. "Se eu contasse tôda a verdade acêrca da minha vida", disse Madame de Maintenon, "não me acreditariam".

II

Diversas mulheres começam a vida em circunstâncias fáceis e terminam na prisão. Françoise d'Aubigné começou a vida na prisão e terminou em cômoda situação. Sua vida foi o reverso dos exemplos práticos que os moralistas dão de suas lições. Nasceu numa cela, não por sua culpa, e passou seus últimos trinta anos num palácio, não por sua virtude, que pouca tinha. Os pecados de seu pai tornaram-se os encantos da filha.

Uns e outros foram muitos. Seu avô, Théodore Agrippa d'Aubigné, companheiro de Henrique IV, era uma mistura de barão, almirante, diplomata e historiador. Seu pai era uma enciclopédia universal de vícios: matou, traiu a política do pai para com o rei, apossando-se das terras dele, fabricou dinheiro falso e foi condenado a uma pena de prisão em Bordéus. E, para levar ao auge a sua versatilidade, compôs poesias e recebeu a mão da filha do seu carcereiro. Inebriada pelo perfume dos versos dele, Jeanne casou-se com o brilhante patife e juntou-se a êle no cárcere para ali passar a lua de mel. Quando êle era transferido duma prisão para outra, ela o seguia para cumprir sua sentença de amor. Foi na prisão de Niort, contígua ao Palácio da Justiça, que nasceu seu terceiro filho, Françoise.

Parentes da menina recém-nascida tiraram-na daquelas paredes escuras e a criaram na propriedade de seu avô. Françoise passou sua infância tôda no Château de Mursay. Num degrau da impressionante escadaria da entrada, ela aprendeu a ler uma inscrição: *E' difícil subir*. Quando seu olhar pousava no mais alto degrau, e suas pernas infantis forcejavam penosamente para levá-la até o patamar, ela pensava naquilo: e nunca o esqueceu.

Pôsto em liberdade, seu pai Constantine embarcou com sua mulher e filhos para as Indias Ocidentais. Fixou-se na ilha de Martinica com um cargo subalterno. Ali, Françoise e seus irmãos foram educados por sua mãe, cujos sofrimentos a tinham deixado um tanto "pancada". Ela só lhes permitia lerem Plutarco e "discutirem só o que liam em Plutarco". Linda coisa para uma delicada *demoiselle*: viver com uma dieta masculina de César, Temístocles e Alexandre!

Passados poucos anos, Constantine trouxe sua família de volta à França, para viver "da caridade de alguns proprietários protestantes que lhe reverenciavam a memória do pai". E pouco depois faleceu.

Nenhuma lágrima foi vertida pelo passamento dele. Certa vez o Cardeal Richelieu dessera polidamente a Madame d'Aubigné:

— O maior favor que lhe posso prestar é manter êsse homem prêso.

Agora êle não precisava mais ser sôlto. Sua filhinha Françoise, descendente de uma nobreza empobrecida e maculada, foi retirada do poder de sua pouca simpática mãe e entregue num convento como se fôsse um embrulho de viagem esquecido numa estação. Não demorou muito que o embrulho se livrasse por si mesmo dos seus envoltórios e exibisse o esplendor do que continha. A tímida jovem adquirira uma beleza de maravilhar. Quieta como um ratinho ela se concentrava no seu trabalho de agulha, embora todos os olhos se dirigissem do meio da roda para a jóiazinha que estava na beirada. Aos catorze anos era cahamada "la belle Indienne". Pois onde mais, senão ao sôpro das brisas das Indias Ocidentais e sob os raios do sol e das estrêlas equatoriais, podia ter se formado tal fisionomia, tal constituição, tal majestade?

III

Paris era uma feira de tipos humanos de diferentes tamanhos e formas. E sua principal atração era Paul Scarron. Uma alegre e jovem cimitarra cuja agudeza brilhava e feria. Era filho de um líder do Parlamento. Tão hábil em manejar o alaúde como em manejar as mulheres, lançava versos ao ar como bolas de cristal, e esmagava ambições e corações debaixo dos seus pés. Mas suas libertinagens tinham terminado em doenças, privando-o do uso de seus membros e deixando-lhe apenas seu cinismo. Êle sentou-se na sua "cadeira de rodas" e presidiu prazenteiramente à tragédia de sua vida, como Mefistófeles à de uma alma condenada. Transformou sua amargura em comédias, seus desalentos em versos, suas angústias secretas em epigramas burlescos. O farol resplandecente, da sua personalidade, embora estivesse estabelecido no lôdo, atraía a mais fina sociedade do reino: os Generais Condé e Turenne, os escritores Molière e La Fontaine, o "lustre do salão" Madame Scudery, a atriz Ninon de Lenclos. E a tia de Françoise d'Aubigné associou-se a essa delirante roda, levando consigo sua apagada e timorata sobrinha. Talvez houvesse coerência na loucura dela.

Paul Scarron voltou para Françoise seus olhos, única parte sã dele, e um arrepio percorreu-lhe o corpo retorcido. A astuta e perspicaz tia da jovem observou aquilo. Um casamento entre uma jovem sem dote e um paralítico com influência nas altas rodas poderia afinal não ser uma tragédia. Quem pede não escolhe. E Scarron conhecia os reis.

Um dia o apaixonado aventurou declarar-se a Françoise. Aquela era uma época de duros ajustes.

— Numa situação como a sua, minha cara Françoise, só vejo dois caminhos a seguir: aceitar um marido ou voltar ao convento. Se não desejar tornar-se freira, e se, apesar da minha cara, da minha figura e debilidade, consentir em casar comigo, farei o possível para a tornar feliz. Garanto-lhe desde já que se chorar na minha casa isso só será no dia da minha morte.

E assim foi combinado. A "noblesse d'épée" aliou-se à "noblesse de robe". A jovem casou-se com o homem "cujo corpo podia ser tomado por uma fôrca em que o diabo houvesse pendurado uma alma". Quando o notário redigiu o contrato nupcial, perguntou a Paul Scarron qual o dote que êle concedeu à sua espôso.

— A imortalidade — respondeu o rei dos zombeteiros.

Durante seis constantes anos Françoise cuidou dele, sofreu com êle, compartilhou dos doidos excessos de sua glória e de sua dor. Paul Scarron tornou-se o ídolo de Paris. A assistência que comparecia aos seus espetáculos era tão grande, que "o povo se comprimia até não poder mais à porta do teatro". De repente, em meio às suas mais engraçadas chalaças, enquanto seus convidados se dobravam de riso, êle gritava num acesso de dor:

— Eu sou a quintessência de tôda a miséria humana!

Entretanto, era um pródigo dissipador da sua escassa saúde. E da sua abundante riqueza. O dinheiro fluía como areia através dos seus dedos desesperados. O Hotel de Hroyes, onde vivia com a espôsa, ficou conhecido como o *Hotel de l'Extravagance*. Françoise viveu de acôrdo com as obrigações que lhe couberam naquele original trato. Por seis anos ela o alimentou com ópio e sentou-se ao lado dele no silêncio da noite, quando não havia necessidade de usar a máscara do riso. Foi um negócio limpo. Deixemos que os deuses façam o balanço. "Você trouxe — minha cabeceira um par de grandes olhos, lindo rosto, duas mãos delicadas e uma renda de quatro libras. E eu lhe dei conhecimentos de latim, italiano e espanhol, uma educação, uma posição na vida. Dei-lhe uma base que, para o seu progresso, vale tanto quanto tôdas as bôlsas de dinheiro do reino".

Seis anos de cuidados: e quando soou a derradeira hora para Paul Scarron, êle se rejubilou.

— Afinal vou passar *bem!*

Foi enterrado na valà comum. Deixou um montão de dívidas e uma linda mulher a quem preparara para um esplêndido sacrifício. Ela se dedicara ao coração solitário de um inválido. Dentro de poucos anos se dedicaria ao coração solitário de um rei. O destino escarnecera pela última vez de Paul Scarron.



MADEME DE MAINTENON.

IV

Os homens a requestaram, mas ela se recusou a casar de novo. Não era fácil virar "la belle tête brune". Havia juízo de sobra naquela cabecinha. Um apaixonado solicitou-lhe certa vez uma entrevista. Ela simulou aceder. Quando o impaciente galanteador chegou ao lugar do encontro, achou Madame Scarron, mas sua espôsa e seu filho, a quem Madame Scarron mandara em lugar dela. Afinal de contas, foi um encontro amoroso. A família estava reunida.

Françoise retirou-se para um convento como "pensionista privilegiada", e empregou seu tempo no estudo da filosofia. Era, porém, tão religiosa como ilustrada. "Há poucos anos eu não existia. Mais uns anos e cessarei de existir. Um ser tão limitado tem o direito de mentir Deus?"

Embora a viúva de Paul Scarron vivesse numa época de aventura, não era uma aventureira. Não era para enlouquecer uma senhora ter o rosto de Vênus e o coração de gêlo? Uma pulcra puritana. Deus a tinha forjado no fogo e lhe dera para respirar um frígido alento.

Ela conhecia o mundo; era prudente. Entretanto, tinha na côrte de Luiz XIV amigos que a estimavam. Fôra convidada a jantares em primorosas casas e conhecera a mais fascinante mulher de tôda a França, Madame de Montespan, amante do rei. Quando o marido dessa senhora, o Marquês de Montespan, descobriu finalmente o negócio, procedeu de maneira singular. Vestiu luto, cobriu de preto tôda a sua carruagem e a libré dos criados, e mandou aos amigos cartões de convite para os funerais de sua espôsa. Porque ela estava morta para êle. Mas tudo isso pertencia ao futuro. No momento, tal ligação era sabida apenas de uns poucos, e o marido não era um dêstes.

Madame de Montespan estava em véspera de ter um filho do rei. A situação exigia uma delicadeza mais atenciosa. Um filho ilegítimo do rei não podia ser criado no palácio para todo o mundo ver. Era preciso uma casa nos subúrbios. E uma governanta que se incumbisse dos deveres de mãe. Os olhos de Madame de Montespan lançaram uma interrogação, na mesa, aos de Madame Scarron. E, num dia de março, Madame Scarron veio ao apartamento em que Madame de Montespan se achava, saiu cuidadosamente por uma porta lateral com uma recémnascida oculta sob o xale, e entrou numa carruagem que a esperava.

"Daí em diante", contam as crônicas, "ela levou dupla vida". Cinco vêzes foi sorrateiramente à porta excusa da casa de Madame Montespan e saiu com a sua trouxa. Durante êsses inetressantes anos, viveu esplêndidamente, embora de maneira obscura. "Não suo uma pecadôra", pensava consigo". "Assumi esta responsabilidade em consideração ao rei, meu benfeitor, e porque meu confessor considerou isto uma boa obra. A princípio julguei que não chegaria ao fim do ano sem desgôsto. Mas pouco a pouco silenciei minhas emoções e meus pesares". A mulher que dava à luz era imoral. A mulher que lhes educava os filhos sob a proteção do rei não era mais que discreta.

Era uma "casa muito bem aparelhada" aquela em que ela criou os filhos naturais do rei. Sua palavra era lei para "duas amas, uma criada, um médico, um mensageiro, dois lacaios, um cocheiro, um estribeiro, e dois cozinheiros". Tinha à sua disposição "uma excelente carruagem na qual levava as crianças tôdas as semanas a Saint-Germain, para serem vistas pelos pais". Madame Scarron jantava com a família real, sentava-se no côche real, e embarcava no [illegible] mo a mulher legítima do rei, a rainha Maria Teresa, quando afinal ficou sabendo dos "[illegible] do amor" dele, não pôde deixar de admirar-lhes a educação:

— Ah, Madame Scarron! — disse ela — a senhora devia ter educado os meus filhos, também.

Um dia o próprio rei se apresentou inesperadamente na casa suburbana de sua governanta. E, ao se aproximar silenciosamente da porta do quarto das crianças, foi testemunha de um quadro de dedicação. Madame Scarron estava sentada ao lado do leito do filho dele, o Duque de Main, atacado de febre. Com uma mão ela lhe acariciava a cabeça, e com a outra balançava o berço da filha dêle, Mademoiselle de Nantes. No regaço dela repousava o outro filho, o Conde de Vexin.

Uma tal fidelidade merecia a devida recompensa. O rei presenteou a governanta com a propriedade de Maintenon, uma esplêndida casa de campo de estilo gótico, construída para recreio de um senhor feudal no tempo de Filipe Augusto, e aumentada e renovada no século XV. Conferiu-lhe ao mesmo tempo o título de Marquesa de Maintenon.

Não tardou muito que o rei começasse a sentir mais do que gratidão pela governanta. Fôra "enfeitiçado pelos encantos dela". Do mesmo modo todos os nobres da França. "Sua beleza realiza

(Continua na pág. 50)



Iracy Pedroza Ribeiro, a distinta cantora lírica que realizará em um concêrto clássico, sua apresentação oficial, ao culto público carioca. Dia 29 de setembro de 1950, às 21 horas, no Salão Leopoldo Miguez, da Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro

O TEATRO EM GOIAS

(Cont. da pág. 20)

falhas, mas que serviram para um rumo melhor nos destinos teatrais da Agremiação. Daí por diante tudo melhorou cem por cento em se tratando de "mise-en-scene" e interpretação. Estive no Rio durante seis meses; retornando a Goiás, resolvemos montar "O simpático Jeremias" de Gastão Tojeiro, peça que foi um grande sucesso de Leopoldo Fróes. Durante todo êsse tempo estava se registrando uma renovação de valôres. Começavam a despontar talentos. Apareceram bons artistas e os estudantes pintores transformavam-se em cenógrafos, apurando o gôsto para o mistér. Resolveu-se então ensaiar "Joaninha Buscapé", de Luís Iglesias. Coincidiu a época de realização de ensáios com a da realização de provas finais nos colégios. Tornou-se difícil encontrar uma Joaninha Buscapé. Enfim, uma garôta muito viva. Tianinha Aquino tomou para si essa responsabilidade. Veio em seguida uma peça de Oduvaldo Viana, a famosa "Terra Natal". Fez sucesso. Chegou a vez da Agremiação Goiâna de Teatro encenar um original de Giono e o público goianciense se deliciou com "A mulher do padeiro". Os amadores realizaram, enfim, um sonho que acalentavam de há muito: encenar VILA RICA, de R. Magalhães Junior. Não havia verba. Que fazer? Sem auxílio oficial, sem ajuda de ninguém, não era possível fazer nada. Mãos à obra, então, e lá se foi a turma para o comércio com um livro de ouro: arrecadou-se Cr$ 2.500,00, para uma peça que exigia pelo menos quatro mil cruzeiros. Não sei se foi um milagre, mas a peça foi com cenários e um bom guarda-roupa. A Agremiação não tinha dinheiro como não tem, mas já começavam a possuir alguma coisa. Foi nessa peça que apareceu um cenógrafo: Walter Guerra. Em "Vila Rica" viveram grandes papéis: Floramy Pinheiro, em Emerenciana, verdadeira vocação para o teatro, hoje cursando a Escóla Dramática de São Paulo, onde obteve o 1.º lugar entre seus colegas no exame de seleção, e Osiris Teixeira, no Padre Ferreira. Satisfeitos com a encenação de "Vila Rica", tocamos para a frente, agora numa experiência com elementos completamente novos e com a peça "A cigana me enganou" de Paulo Magalhães. Continuando a mostrar novos valôres, a AGT encenou, de Lúcia Benedetti, "O Casaco Encantado", inaugurando assim o teatro para crianças em Goiás, que logrou grande êxito. Quando da realização do último Congresso de Estudantes Secundários no Rio, e do qual participaram como delegados dois elementos da AGT, êstes, aproveitando a oportunidade foram à residência de Lúcia Benedetti, que além de permitir a representação de sua peça, forneceu dois originais de que ela dispunha para serem copiados e devolvidos. De fato assim foi feito, quinze dias depois os originais de "O casaco encantado" e "Simbita e o Dragão" eram devolvidos à autora e, já um mês depois, representada a primeira daquelas peças em Goiânia. A última encenada pela AGT foi "O Escravo" de Lúcio Cardoso, nos dias 8 e 9 de agôsto. O papel de Marcos foi vivido por Otavinho Arantes; Augusta foi interpretado por Cici Pinheiro; Lisa encarnado por Mary Baiocchi, Isabel por Adenir Amaral e Rosa por Letinha Pinheiro. Apezar de tudo isto a AGT ainda não possui uma boa séde. Ela guarda as suas coisas, que já se avolumam, numa pequena sala que foi cedida pelo Diretor do Museu de Goiás, Dr. Zoroastro Artiaga, num gésto de nímia gentileza.

Tendo seus estatutos registrados, a Agremiação Goiâna de Teatro se propõe a fazer teatro sério e muito vem realizando em pról da Arte em Goiás, trabalhando quase que completamente só, sem ajuda oficial. Manoel Hermano é outro cenógrafo que vem revelando nas encenações da AGT. Anita Ramos, a "rainha dos esportes" de Goiás, eleita em recente pleito, também pertence ao elenco da AGT. Ela esteve recentmente no Rio em viagem que obteve como prêmio: 8 dias de visita à capital. A Agremiação Goiâna de Teatro tem grandes planos para serem postos em prática, como organizar cursos, conferências, manter publicações etc. Os componentes da AGT conseguem fazer teatro aproveitando o tempo que lhes sobra entre o término das aulas diárias e o almoço, e o intervalo entre o fim do expediente normal dos trabalhos e o jantar. Não possuindo um teatrinho, lutam com dificuldades porque os cenários executados para uma peça só podem ser armados no dia de estréia, o que os obriga a grandes canceiras e trabalhos forçados até minutos antes de erguer o pano. A Agremiação vinha pagando pesados aluguéis para suas estréias. Ante um pedido da direção da AGT, o governadôr do Estado permitiu ceder o teatro aos amadores para representações de dois em dois meses.

A FALTA DE AMPARO OFICIAL

E' lamentável que uma agremiação como esta, que se propõe a educar, a fazer teatro altamente educativo, não tenha recebido, até hoje, uma necessária ajuda por parte do Govêrno.

E' verdade que, por uma concessão especial do Estado de Goiás, a A. G. T. pode dar duas represenatções de dois em dois meses no grande Cine Teatro Goiânia. Mas isto ainda não satisfaz plenamente às suas expansões artísticas. O que é preciso é fazer aquilo que fez a Municipalidade de Belo Horizonte: construir um teatro de emergência.

A Prefeitura de Goiânia deve compenetrar-se da necessidade dêsse teatro provisório. Nada de suntuosidades. Qualquer casa (um barracão mesmo serve), mas que se destine àquêle fim. Depende, pois, da Prefeitura de Goiânia, a arte de Goiás.

E' imprescindível que tenhamos boa vontade.

Mesmo assim, sem amparo oficial, vivendo à mercê da caridade da sociedade que a prestigia e do sacrifício dos seus próprios artistas, a Agremiação Goiâna de Teatro vem cumprindo o seu programa histórico na vida social do Estado de Goiás.

Felizmente já se encontra no Serviço Nacional de Teatro o pedido de subvenção daquela Agremiação. E o Prof. Thiers Martins já prometeu auxiliá-la.

A AGREMIAÇÃO GOIANA DE TEATRO deposita no Diretor do S. N. T. a sua confiança e esperança em dias melhores.

BARÔMETRO HUMORÍSTICO

UM ADÔRNO CURIOSO, QUE ASSINALA AS MUDANÇAS DO TEMPO E PROPORCIONA GOSTOSOS MOMENTOS DE BOM HUMOR

ESCREVA-NOS PEDINDO UM E PAGUE AO CORREIO SOMENTE QUANDO RECEBER O VOLUME

Preço: Cr$ 25,00 sem mais despesas

PARA REVENDEDORES TEMOS PREÇO ESPECIAL PARA PEDIDOS DE DÚZIA



Fábrica "EGLY"

Caixa Postal, 1048
SANTOS (Est. São Paulo)

GRUPOS FOLCLÓRICOS DE PORTUGAL

(Cont. da pág. 25)

constituam verdadeira continuação do passado. Por isso, em regra, se vestem com fatos novos de trabalho ou os ricos e garridos fatos domingueiros — elas de lindos lenços franjados, se são minhotas, chapéus largos sôbre os lenços atados pelo pescoço, se são do Alentejo. Êles de saios bordados, lembrando os escoceses, se são da raia, entre Espanha e Portugal, ou de calção e meia branca e barrete, se são das alegres campinas alentejanas. Entre êstes dois extremos, porém, — quanta coisa maravilhosa!

Tocadores de gaita de foles, caixa, bombo e flauta pastoril acompanham quase sempre êstes cantadores de ar sentimental.

Alguns dos "laços" dos pauliteiros têm caráter religioso, são cantados em honra da Virgem, do Santíssimo Sacramento, ou de algum santo da sua devoção. Mas também há "laços" "trocistas" e de amor, supondo-se que as suas danças eram antigamente executadas nas procissões. As povoações fronteiriças espanholas conheceram-nas e numa povoaçãozinha da Vila Crà, do Conselho de Miranda do Douro, ainda hoje se faz uma procissão, cuja marcha muito lembra movimentos guerreiros.

Os versos são indiferentemente compostos em espanhol ou português — mas são sempre cantados em mirandês, que é, sobretudo, um português espanholado.

Como a "jota" espanhola, nos nasceu o fandango, ambos talvez vindos de África com os árabes ou os negros. E assim, violento e sensual, permaneceu entre nós até aos nossos dias, dançando de Norte a Sul com características diferentes — mas só verdadeiramente fandango no Ribatejo, onde o homem de calça apertada o dança como um insulto atirado à cara do rival, nas violentas disputas sentimentais.

Dançam-no no terreiro, dançam-no sôbre a mesa da estalagem, de cêsto ou copo à cabeça, assim mostrando a firmeza do busto, enquanto das ancas para baixo todo o corpo se agita num nervoso sapateado, de pernas cruzadas e o tacão da bota batendo rijo o sobrado, enquanto as mãos espalmadas parecem desenhar-lhe uma carícia brutal sôbre os quadris...

E' assim, a cantar e a dançar, que o povo exprime os seus dramas, as suas iras e ternuras.

Os que interpretam tão lindas e ingênuas danças e canções são por dever amadores, trabalhadores do povo não remunerados pelas suas atividades bailadoras e musicais.

Cantando e dançando, ora lentamente, como canções de embalar, ora violentamente, como a raiva das ondas ou a fúria dos toiros das lezírias ribatejanas, o povo artista desenraiza da sua alma qualquer coisa de trágico e ancestral — o drama dos fenícios em luta com o mar, a luta dos celtas com a natureza e os bárbaros invasores, a melopéia dos árabes e a inquietação do judeu.

Foi na verdade com tudo isto e com a arte dos filhos de Roma que se formou o sangue do povo da Lusitania e Tarragona...

VENTO NORTE

(Cont. da pág. 23)

enfrentar pela primeira vez a câmara, acusa um princípio de experiência artística. Ela foi uma das classificadas no concurso realizado por Dulcina, há dois anos, na Rádio Nacional, para a descoberta de uma revelação dramática. E desde então, encetou sua jornada, primeiro pelo rádio, atuando em "sketchs" de Amaral Gurgel na Rádio Globo, e depois no teatro, viajando para Pôrto Alegre, onde lhe foi proporcionada, agora, esta boa oportunidade de fazer cinema.

Vida de mulheres célebres

(Cont. da pág. 37)

rais milagres, que deve haver algo de sobrenatural nisso". Propalou-se pela côrte uma história, que a governanta indiana-ocidental adquirira poderes de bruxa devido a uma poção que lhe dera uma negra na Martinica. Era um sortilégio que a fazia irresistível. Não demorará muito murmurava-se, que "la belle indienne" se introduzisse na alcova real.

Mas madame fêz ouvidos moucos. Subestimavam-lhe o caráter. O rei em breve percebeu que tinha de tratar com uma mulher que não só era graciosa como religiosa. Até então êle pensara que apenas as mulheres feias eram devotas. E nenhuma fôra capaz de lhe resistir. Parecia agora que *êle* não seria capaz de resistir a *ela*. Teria de aceitá-la não como sua amante, porém como sua espôsa.

E por que não? Ela vasculhou os arquivos e descobriu dezessete gerações da sua ascendência pelo lado paterno; uma longa linhagem que datava de Geffroi d'Aubigné d'Anjou, fundador de uma das mais nobres famílias da França. Naturalmente que alguns cínicos puseram-se a cochichar que ela errara nalgum ponto da sua pesquisa; que os d'Aubignés d'Anjou não eram de modo algum aparentados com os d'Aubignés da cadeia de Niort; e que ela não poderia remontar além de seu avô Théodore. Mas ela não deu maior importância a êsses ataques. Deus saberia o que lhe cabia fazer.

Ela estava convencida de que Deus a escolhera para uma santa cruzada. Educara os filhos do rei; por que não educar moralmente o rei? Impunha-lhe que deixasse Madame de Montespan. A amante do rei era uma artista passável; mas a governanta era artista consumada.

— Sire — disse ela — Vossa Majestade ama Madame de Montespan, mas com um amor ego... [illegible] ... Que faria ao seu comandante da guarda, se lhe contassem que êle tomara a mulher de um outro?

Parbleu! mas esta senhora governanta rejuvenesce a cada palavra! Não obstante estar perto dos cinqüenta, aparenta ter trinta. Foi nomeada camarista da delfina, espôsa do príncipe real, e eclipsou completamente a delfina. Quem seria a próxima eclipsada?

Quem? Afinal, a rainha ainda está viva. Madame de Montespan permanece nas boas graças do rei, e Madame de Maintenon é apenas camarista. Quanto tempo poderá uma senhora esperar nessa posição e permanecer uma senhora?

Repentinamente, morre a rainha Maria Tereza, o objeto de menor importância do palácio real. Luís XIV, guiado enfim pelos seus escrúpulos crescentes e pelos seus apetites declinantes, despede Madame de Montespan. E em 12 de janeiro de 1658, na capela de Versalhes, o rei-sol desposa secretamente Madame de Maintenon. Françoise d'Aubigné é agora uma perfeita Bourbon.

V

E quem eram êsses Bourbons aos quais Madame de Maintenon se ligara legalmente? Monsieur, o irmão do rei, tinha paixão por colares, "com os quais gostava de adornar sua pessoa". O Duque de Bourbon, genro do rei, "é tão magro como um tôrno com pernas de cegonha", escreveu um de seus contemporâneos. "E' baixo e curvado; seus olhos são tão vermelhos, que é impossível distinguir o são daquele que foi acidentalmente arruinado". Outro Bourbon, o Conde de Soisson, "é amarelo como açafrão. Sua bôca é enorme e cheia de dentes cariados; seus pés são voltados para dentro, o que faz se parecer a um papagaio". E quanto ao próprio filho do rei, o herdeiro do trono, "ah, graças a Deus êle não parece prometer muito", quer na realidade, quer na aparência. Engole-se a si mesmo a ponto de parecer incorporar tôda a França às suas carnes.

(Continua no próximo número)







A EFÍGIE de Santa Teresinha gravada na pedra bruta, adquiriu relêvo e colorido como uma autêntica obra de arte. Véja-se a proporção da miniatura comparada com a caixa de fósforos. Dos lados, tampa e escrínio, também de pedra, para a guarda dessa jóia.

NA "ILHA DOS AMORES" SE OCULTAVA UM ARTISTA

REVELAÇÕES SURPREENDENTES AOS OLHOS DO REPÓRTER ★ CASCALHOS, APARENTEMENTE INÚTEIS, TRANSFORMADOS EM PEÇAS DE FINO LAVOR ★ O "SALÃO" DE 1949 CONSAGROU UM AUTÊNTICO GÊNIO DA MINIATURA

Texto de EDGARD DE ABREU

NA sua tarefa beneditina de encontrar, no âmago metafísico da pedra bruta, a perfeição, ou seja, de dar à sua "matéria-prima" algo de estético aos olhos do homem, Humberto Costa — o artista até então anônimo entre os que cultivam a arte ou fazem dela um entretenimento para o espírito — buscava, na policromia e na assimetria daqueles seixos rolados pelas ondas do mar, um sentido e, ao mesmo tempo, uma satisfação ao seu desejo de possuir, trabalhada por suas próprias mãos, uma peça de rara beleza para enriquecer seu lar. Sim, para o seu lar, porque Humberto Costa jamais pensara em aparecer, em tornar-se notável, em ver seu retrato estampado nos jornais, nem sequer sonhara participar um dia do "Salão de Belas-Artes"!

A natureza prodigiosa, rica em contrastes, proporcionou ao artista paquetaense o alamiré de encontrar em algumas praias da Guanabara, a *matéria-prima* que o levaria à consagração de uma *medalha de bronze* no maior certame de arte no Brasil, o que veio a se verificar no "Salão" de 1949, quando, levado por amigos, fêz o seu aparecimento no ambiente artístico da cidade, como sócio que é da Sociedade dos Artistas Nacionais.

As impressões de Humberto Costa ao jornalista foram transmitidas com exclusividade para a REVISTA DA SEMANA e representam algo de extraordinário, porque, modesto como é e de uma simplicidade encantadora, seu espírito se retrai em face da popularidade. Por isso, quando em sua residência em Paquetá, muito embora sem preâmbulos protocolares e na mais democrata das atitudes, pôde, o repórter, ouvir o artista e dêle obter algo de interessante sôbre a sua vida, bem como sôbre a origem daquelas curiosas pedras que se empilham no fundo de seu quintal e que, como produtos de um milagre, enfeitam seus móveis e tão cobiçadas são, hoje, pelos colecionadores de raridades...

Após atender uma chamada do rádio, pois Humberto Costa é o chefe da Agência Postal-Telegráfica daquela ilha, foi-nos propiciada uma ligeira e interessante narrativa em que o artista nos fala de suas pedras...

— "Foi verdadeiramente surpreendente a descoberta que fiz em partir a primeira pedra que me caiu às mãos. Aquela variedade de côres de seu interior, diferentes na forma e no colorido em cada uma que parti a seguir, despertaram-me o desejo de trabalhar nelas para ver como ficavam, depois. Contudo, apesar da paciência e da fôrça-de-vontade de que sou dotado, a tarefa não foi tão fácil como pensei, desde que, para o corte, os cuidados não são poucos para não deformá-las e não destruir-lhes o que elas têm de belo em seu interior. Êsses insignificantes seixos que o senhor aí vê, rudes na aparência, me fazem acreditar sejam produtos da fossilização de frutos, que através dos anos venham rolando até à margem dos rios da Baixada Fluminense e à mercê das marés aí permaneçam até o dia em que alguém os encontre... e assim foi que as encontrei, por acaso é certo, mas... quem sabe se até àqueles ínvios rincões da Guanabara, não me conduziram fôrças imponderáveis? A alegria que senti ao concluir o meu trabalho na pedra só foi comparada ao acontecimento inesquecível do nascimento de minha filha. Daí, entreguei-me com grande entusiasmo a descobrir novas maravilhas policrômicas naqueles sêres inanimados que a Natureza me galardoou e aos quais procurei dar uma aparência estética..."

O jornalista passou em seguida a examinar detidamente as peças trabalhadas pelo artista paquetaense, concluindo que, houve sobejas razões para que o Júri do "Salão"

(Cont. na pág. 51)



TRABALHO árduo, requer paciência e rigorosa perfeição, como se vê neste retrato do Prefeito Municipal.



O ARTISTA paquetaense é surpreendido pelo reporter, em sua modesta oficina quando em plena atividade.

Passou a dôr?

-um SORRISO-



graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA



BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM [illegible]

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Séde

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agencias no Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo Estado de Minas Gerais

Tôdas as operações bancarias inclusive câmbio





LYTOPHAN

VÃO DEMOLIR A "ESQUINA DO BRASIL"

(Cont. da pág. 11)

vessia do Atlântico, efetuada pelos dois intrépidos navegadores. E vimos mais, as do Marechal Hermes, datada de dois dias antes de ser prêso por causa do movimento revolucionário de 24; Júlio Prestes e Pires do Rio, tambem em 24; Washington Luis, antes de ser empossado como presidente.

A nossa presença veio o mais antigo empregado da casa, o sr. Bernardino de Souza Barbosa, admitido como garção em dezembro de 1919:

— E' que os presidentes — esclarece-nos — saiam dêste hotel para ir tomar posse do cargo.

Conversando com êsse funcionário e com o gerente, ficamos sabendo de muitas outras coisas sôbre as inúmeras personagens que passaram pelos aposentos do Palace. Mais conhecido como hotel dos paulistas, é que sempre gozou da preferência das pessoas procedentes do Estado bandeirante, foi depois de 30 também o escolhido pelos gaúchos, quando já haviam "amarrado os cavalos no obelisco", e portanto bem podeiam frequentar um hotel de alta classe. A mesma coisa se deu com os mineiros, depois que o sr. Benedito Valadares foi nomeado governador das Alterosas. Documento vivo do que foi a vida de tôda a nação durante êstes ultimos trinta anos, servindo de ponto de encontro não sòmente aos politicos, como também aos altos comerciantes, que realizavam em seus seis amplos salões as negociatas mais rendosas, gozando do ambiente acolhedor e inspirador do hotel. Artistas de tôdas as partes do mundo pousavam no Palace, durante as "tournées". Liricos, de revista, concertistas, desde a saudosa Claudia Muzio, às *girls* do Moulin Rouge, que se exibiam no antigo Teatro Lirico e que permitiam a entrada dos garções em seus aposentos, apesar de estarem descansando nos leitos, completamente despidas. Os cuidados de Gago Coutinho, hóspede honorário do quarto 318, estreito e escondido, com os pombos que, invariàvelmente, apareciam no peitoril da janela, que êle gostava de engordar com os restos do "lunch", e que os empregados gostavam de comer quando o Almirante já havia partido rumo a novas terras. As atitudes revoltantes de um politico ainda em voga, reclamador como quê, cuja comédia chegava ao cúmulo de aparecer em trajes menores no salão principal e que terminou por ser expulso. O fabuloso roubo de jóias de outra figura que se queixou à policia por haver perdido quantia enorme, e uma vez encontrado o ladrão, descobriu-se que as jóias eram de fantasia. Perguntamos quais os melhores e os piores hóspedes.

— Melhores, os japonêses; piores, os argentinos; menos maus, os uruguaios.

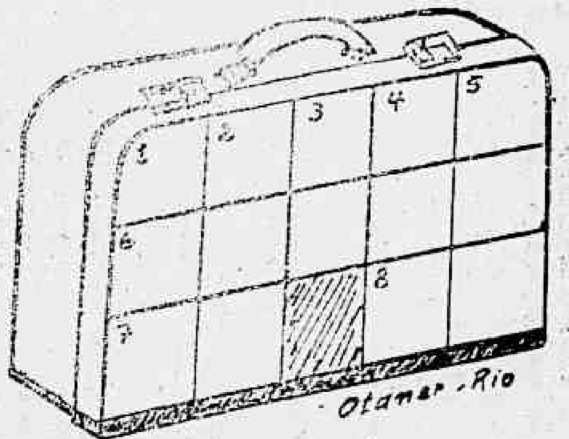
Por servir de residência preferida pelos paulistas, quando da revolução de 32, a cavalaria da policia invadiu o hotel e subiu a escadaria, forçando o salão para prender os numerosos representantes daquele Estado rebelde.

Mas, não só pelas pessoas que nêle passaram e que ficou famoso o hotel. Também pela sua admirável arquitetura, que apresenta em mistura agradavel, vários estilos, um conjunto harmônico de colunas, capitéis, arcadas, voltas, janelas, salas e salões, tetos, ornatos, volutas, dourados, estuques, quadros, baixo-relevos e esculturas. Dizem os entendidos que o predio é uma verdadeira fortaleza, cuja demolição requererá muitos esforços. Construido pelo sr. Antônio Jannuzzi, na época um dos melhores empreiteiros do Rio, com material quase todo importado, desde os [illegible] tijolos furados, ainda não fabricados no Brasil, até os marmores de Carrara para os degraus da imponente escadaria, tem paredes de metro de largura, que se apresentam tão sólidas que até hoje, quando é preciso fazer uma qualquer reforma, por exemplo, renovação de encanamentos, leva o serviço varios dias, devido à dureza do material encontrado. As talhadeiras de aço resvalam nos blocos que [illegible] o imponente edifício. [illegible] apenas 30 anos de [illegible] edifício [illegible] tornou-se deficitario para a [illegible] multuária de agora, reflete de maneira insofismável o que foi o crescimento da metrópole nesta primeira metade do seculo XX. Hotel que viu as melhores festas de carnaval, efetuadas no antigo terraço, co

PALAVRAS CRUZADAS

PARA NOVATOS

PROBLEMA Nº 19

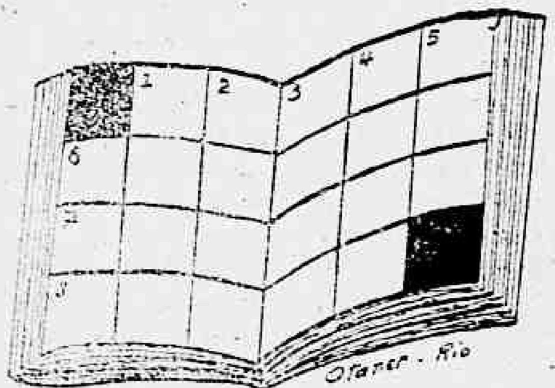


HORIZONTAIS: — 1. Par — 6. Acaricia — 7. Tecido finíssimo — 8. Atmosfera.

VERTICAIS: — 1. Oxido de calcio — 2. Gosto muito — 3. Nota musical — 4. Ala — 5. A família.

PARA VETERANOS

PROBLEMA Nº 19



HORIZONTAIS: — 1. Percorrem — Terá raiva de si mesmo — 7. Batel chato sem vela e sem leme — 8. Nome de homem.

VERTICAIS: — 1. Antigo magistrado romano — 2. Pequena abertura — 3. Cabo de certos utensilios — 4. Cultivar com grande esfôrço — 5. Irregularidades.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NUMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — [illegible]

VERTICAIS: — [illegible]

★

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — [illegible]

VERTICAIS: — [illegible]

[illegible] REVISTA DA SEMANA PALAVRAS CRUZADAS

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super ..	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12.00	22.00	30.00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Iasmim Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super ..	13,00	22,00	30,00
Q. Fluers — Super ..	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super ..	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super ...	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super..	25,00	35,00	40,00
Pre'x — Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super ...	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super .	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF..	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF ..	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso.	8,00	8,00	8,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSENCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

FÁBRICA BANGÚ
TECIDOS PERFEITOS

Preferidos no Brasil

BANGÚ

Grande sucesso em Buenos Aires

EXIJA NA OURELA
BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

berto posteriormente por ocasião da comemoração do Centenário da Independência, quando já era pequeno para o número de hóspedes que o procuravam, nêle se apresentou a primeira orquestra de jazz de pretos americanos, que oferecia música pelo corpo do Municipal durante as refeições. Tinha então um porteiro engalanado como um capitão, que obrigava o gerente a usar permanentemente o "frac". Representa hoje, porém, uma tradição morta, não evoluida talvez, com mentalidades outras, de um marco imorredouro na memória de quantos passaram à sombra de sua majestosa dignidade. Ficará por certo na lembrança de quantos se interessam pela história de nossa "mui leal cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro".

PRÊMIO DE POESIA

(Cont. da pág. 13)

letâneas do gênero. Por outro lado, na sua oaganização procurou-se atender, sem prejuizo da qualidade, o gôsto popular mais evidente, e não as exigências de uma minoria erudita. Organizado, entretanto, com bom-gôsto e critério pelo critico Wilson Lousada, trazendo notas e indicações bio-bibliográficas, o "Cancioneiro do Amor" há de merecer, por certo, pela sua sistematização e pela sua temática, a atenção de um publico que ainda não esqueceu os grandes nomes do passado, que irão figurar agora ao lado dos melhores poetas de hoje.

RODEIO

(Cont. da pág. 5)

da derrota dos jogadores de futebol? Que não se desse mais a festa, vá lá, mas que os mineiros fôssem mandados de volta a suas terras pelo menos com tôdas as despesas pagas, mais uma quota para ressarci-los dos prejuizos.

Nada disso foi feito. Apenas conseguiu-se obter de empréstimo o gramado do Flamengo, para que os peões pudessem dar dois espetáculos, cuja renda reverteria em beneficio dêles. Assim, o campo acostumado a ver homens correrem atrás de uma bola de couro, viu, pela primeira vez, homens correndo em cima de cavalos indomáveis. Houve pouca publicidade, de modo que a assistência era de umas cem pessoas, mais ou menos. O grupo de mineiros estava constituido de quatro fazendeiros e oito peões, que respondiam a apelidos mais ou menos grotescos: Nó-cego, Prego, Catarata, Corisco, Sertanejo, Guindaste, Volta-Sêca. À esquerda das arquibancadas, havia fincado no chão um poste de ferro. Os peões traziam um cavalo de cada vez, de um cercado próximo, arrastando-o pelo cabresto. Amarravam-no em seguida com fortes cordas de fibra ao poste e, tomando os devidos cuidados para não serem coiceados, ensilhavam-no, apertando as sólidas correias de couro. Nem todos os animais permaneciam calmos, obrigando os fazendeiros a torcerem-lhe as orelhas para ficarem quietos. Uma vez amarrados os arreios, o cavaleiro saudava a assistência e de um pulo subia na sela, firmando-se logo nos estribos, após o que dava ordem para desamarrarem o bicho do poste. Sentindo-se livre, saia êle em disparada, procurando de todo jeito se desembaraçar do intruso que carregava na garupa. Houve alguns tombos, vários escorregões, mas todos os cavaleiros conseguiram se manter sôbre os bichos selmi-selvagens. Depois de muito corcovear, pular e tentar morder os pés dos homens virando a cabeça até o estribo, depois de terem os flancos sulcados profundamente pelas esporas aguçadas, os cavalos, mastigando os freios deixavam-se levar, guiados pelas rédeas. E assim, sucessivamente, todos os peões montaram os respectivos cavalos, fiscalizados pelos fazendeiros.

Lá no Oeste, os rodeios constituem desafios que os homens fazem entre si, cobrindo-os com apostas, e acreditamos mesmo que, com lugares apropriados e preparo psiquico, devem constituir espetáculos inebriantes, alcançando grande sucesso entre os aficionados. Aqui no Rio perdeu-se a manifestação na amplitude do campo da Gávea, encontrando, embora, uma assistência de boa-vontade, mas de nenhuma afinidade com o gênero de espetáculo. Pensamos que se houvesse preparo explicativo e maior cuidado no lançamento, por certo o êxito seria outro. Enfim, sempre serviu para uma pequena parte do povo carioca ficar sabendo que também no Brasil existem rodeios como os que aparecem nos filmes do "far-west".

NA "ILHA DOS AMORES"...

(Cont. da pág. 49)

de 49 premiasse o novel expositor, com uma sempre cobiçada "medalha de bronze". Em cada objeto que nos foi mostrado, autênticas obras-de-arte no acabamento e na minúcia, são, na sua maioria, miniaturas, entre as quais uma efigie de Santa Teresinha, cujo tamanho, ao lado de uma caixa de fósferos, dá uma ótima idéia do que representa êsse notável trabalho, de paciência, senso artistico e, sobretudo, talento, surgido das mãos já bastante calejadas de seu autor, pelo uso constante, porém incansável, de suas rudimentares ferramentas de burilador de maravilhas.

A propósito da "medalha de bronze" que conquistou no "Salão" de 1949, Humberto Costa disse "ter recebido uma das maiores surprêsas de sua vida, pois, já bastante honrado em se ombrear com autênticos valores de arte brasileira, aquêle prêmio foi, para êle, embora um incentivo, uma deferência também que julgou não merecer, principalmente como humilde e modesto estreante, competindo em tão importante quão valioso cotejo de Belas-Artes".

O fato é que o artista em causa foi uma autêntica revelação do ano de 1949, pois, professôres, artistas e críticos, foram todos unânimes em reconhecer o seu talento e a sua privilegiada inspiração artística, fartamente revelados nos trabalhos que exibiu. Agora, vem mais uma vez em público mostrar seus trabalhos, participando do "Salão Municipal", com um medalhão em que traça, com rara fidelidade, o retrato do Prefeito da cidade, Gal. Angelo Mendes de Morais.

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida

não esqueça o bêbê ...



atenda-o com

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



COMO APRENDER A DANÇAR

AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no principio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicilio

RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO



Interior de um rebóque le luxo, equipado como um luxuoso apartamento. Nêle, uma pequena família pode viver confortávelmente, ao mesmo tempo que se desloca sem maiores apuros de uma cida de para outra

QUER MORAR NUMA CASA-REBOQUE?

MILHARES DE PESSÔAS RESOLVEM OS PROBLEMAS DE RESIDÊNCIA E TRANSPORTE COM ESSE VEÍCULO ★ BANCOS E LABORATÓRIOS TAMBÉM INSTALADOS NESSES MODERNOS CARROS ★ COMER, DORMIR E VIAJAR POR BAIXO PREÇO



NA éra da mobilidade e mecanização que vivemos, não é de surpreender que haja casas sobre rodas. Com efeito, nos paises que contam com boas estradas, não há apenas casas, mas agências de bancos e correios, ambulatórios, gabinetes dentários, cinemas, clinicas médicas, consultórios de raios-X.

Na Grã Bretanha, está se desenvolvendo com grande impulso a indústria dos rebóques — que os ingleses chamam de «caravans» em homenagem às velhas carroças dos ciganos. É provavel que nos Estados Unidos haja maior número de familias vivendo em rebóques, tanto que lá existem parques especiais de estacionamento, dotados de água corrente, gás, eletricidade, esgotos, etc. Nesses parques formam-se pequenas comunidades temporárias, de pessoas que vivem com todo o conforto. Fóra dos Estados Unidos tais parques ainda não existem. De modo que os rebóques de fabricação britânica, que hoje rodam em estradas africanas, argentinas, turcas, belgas, afgãs, e de outros paises, são conjuntos completos, dotados de gás e eletricidade próprios, tanque para água e toi-

Cosinha, e lavatório, obedecendo aos preceitos de higiêne mais completos, para cosinhar em viagem

lette. Os mais luxuosos contam até com sistemas de ar condicionado.

Em média, é de quatro pessoas o número de residentes de um rebóque normal, dividido em três cômodos: quarto, saleta-cozinha e toilette. O jogo de mólas é muito resistente, de maneira que o mesmo em estradas ruins, não-asfaltadas, os rebóques podem acompanhar os carros tratores. Por dentro, a aparência de um rebóque é mais ou menos a da cabine de um hiate. Nenhum palmo de espaço é mal gasto.

As camas sao geralmente dobráveis contra a parede, os armários e guarda-roupas embutidos, a cozinha disposta de maneira a economizar esforço e tempo. E no entanto, há bastante espaço para um homem alto passear à vontade dentro do veículo.

O gabinete de toilette é geralmente instalado num extremo do rebóque, à prova de som e odores utilizando-se uma substância química especial, semelhante à empregada a bordo de aviões.

O preço de um rebóque inglês, na fábrica, varia, naturalmente, com tamanho e o tipo das instalações. Há alguns que são verdadeiras «mansões», custando duas mil e cem libras — mas oferecem tudo quanto se possa imaginar em matéria de comodidade moderna. Há rebóques com saleta durante o dia, aposento principal que, à noite, se transforma ràpidamente em dormitório.

Também se pode comprar um veículo mais modesto, mais em conta, equipado com material de qualidade e bom gosto, cujo preço não vai além de oitocentas libras.

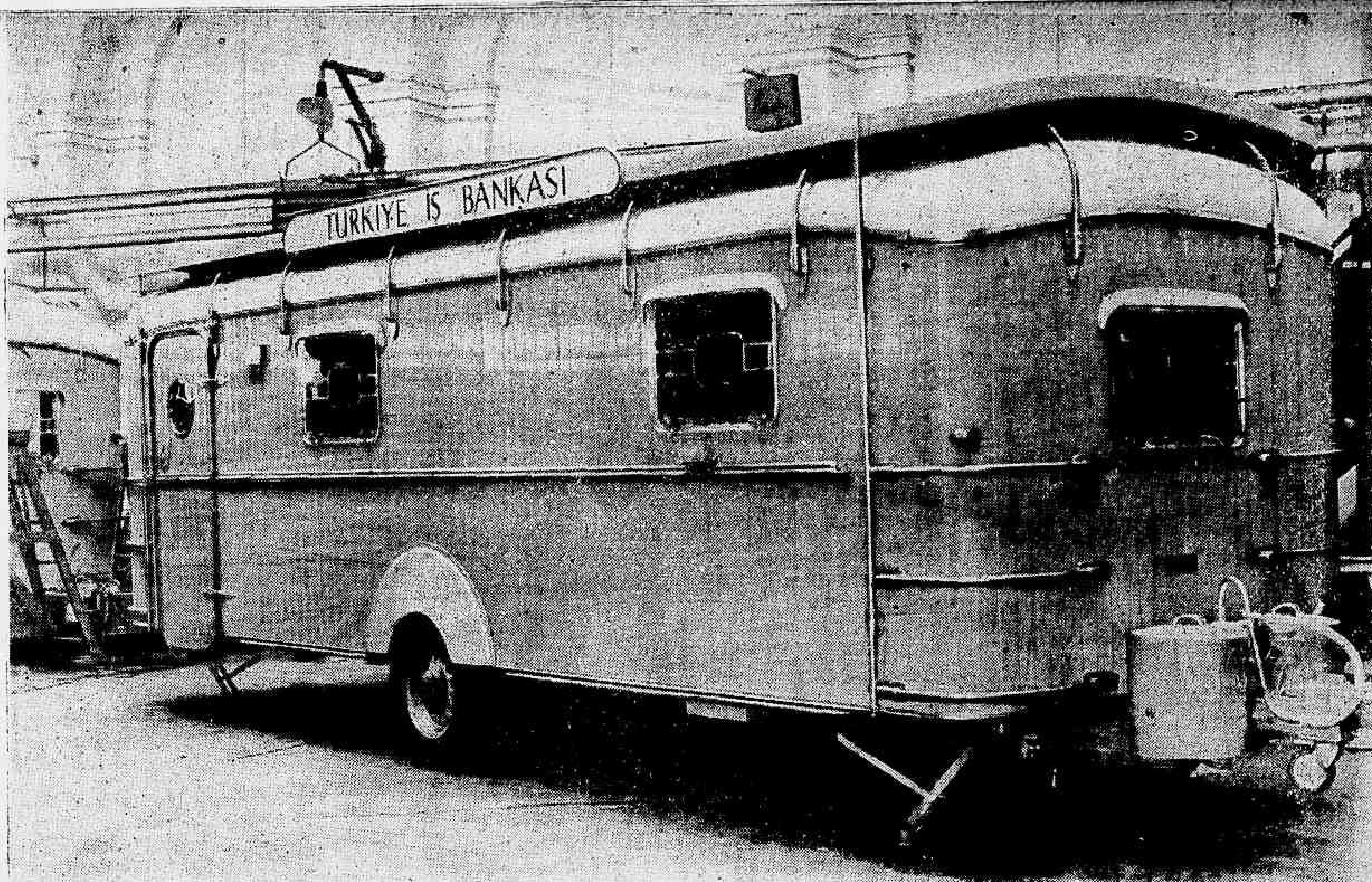
E até por menos se pode adquirir, hoje, um bom rebóque, principalmente se o comprador estrangeiro o desejar vasio, para colocar os móveis que lhe apetecerem.

Tão importante é a indústria inglêsa de rebóques que os fabricantes fundaram, recentemente, o National Caravan Council — uma entidade onde se trocam idéias sobre novos rumos e tendências do mercado e novas soluções para problemas antigos e modernos.

-:-

Temos ainda, no Brasil, reduzido número desses úteis veículos de moradia e transporte. Não faz muito tempo, um estabelecimento comercial, na capital da República, adquiriu um carro-rebóque para propaganda, mas nêle, seus proprietários faziam pitorescas excursões pelas cidades vizinhas. Agora que as estradas de rodagem começam a melhorar consideravelmente, é de crêr que o hábito de viajar num dêsses carros dormitório, sem a preocupação de procurar hotel em cada lugar onde se deseja pernoitar, seja intensificado.

Nada melhor que utilizar um dêsses veículos, saindo do Rio para o «week-end», com destino a Petrópolis ou Teresópolis, estacionar em meio da viagem, onde o panorama se oferece com exuberância maior — e ali passar o domingo. Carros dessa natureza, com mólas especiais, macias, sem saltos bruscos, podem atravessar o país de ponta a ponta. Não só os milionários extravagantes podem dar-se ao luxo de possuir um dêles. Os carros rebóque, com dormitório confortável, começam a entrar no uso comum das populações européias. E o mesmo acontecerá no Brasil, dentro em breve.



Tipo de rebóque muito em úso na Turquia — gravura no alto. Na do centro, agência de banco pronta a fazer qualquer transação durante suas longas excursões. Na inferior, laboratório de experiências científicas também adaptado em um desses prestimosos veículos. Como se vê, os rebóques podem ter as mais variadas aplicações.





SALVA PELO AMOR



























TUDO ISTO ACONTECEU

QUE ENDOIDECE

está fazendo na Itália, es-
nte na região norte, é de ar-
africanista. Mas, conforme
nais, os efeitos da canícula
sentir com a fórmula já an-
ns:lações. Parece que êsse
tá desmoralizado. Os ataca-
passam agora a sofrer das
ntais. Em Milão já houve no
tima semana, diversos casos



veniente do calor intenso que
nínsula. Vejam o que suce-
dois italianos: no momento
da do termômetro, um rapaz
ito de uma igreja cheia de
ando o direito exclusivo do
u a falar aos fiéis: "Cris-
! Olhem os demônios"! "Ve-
Foram lá ao púlpito e re-
dor sacro improvisado. Mas
smo disposto a protestar con-
e retrucou em altos brados:

"Vocês não me podem tratar assim! Eu sou o ministro Mario Scelba!" Mas não houve jeito. O moço estava dcido varrido me mo e foi colocado em sua morada com outros nas mesmas condições. Afora êste, na mesma cidade de Milão, estava o porteiro de uma fábrica a tratar de seus afazeres, quando um cidadão lhe disse, com certeza, que vinha procurar a espôsa. O porteiro lhe respondeu que sua espôsa não trabalhava ali. Mas o homem, depois de declarar que a espôsa não estava no Paraíso, de onde êle vinha, só poderia estar naquela fábrica... Agora o último caso: uma senhora andava a procurar seu cãozinho. Mas quando dizia que êle tinha uma perna de pau e que falava correntemente três idiomas, aí então, todo mundo sabia que estava mesmo doida...

BRIGAS DE GALO

NÃO é sòmente no Brasil que se aprecia a chamada "briga de galo". Nos Estados Unidos também êsse espetáculo goza de fama e são milhares as pessoas que criam os frangos de raça para duelos nas rinhas e tanto por as istente.. Mas, naquele país, as autoridades policiais condenam veementemente essas batalhas de esporões e bicadas violentas. Nas crônicas dessas exibições bárbaras, citam-se pessoas abastadas que perderam fortunas apostando em certos galos que não deram no couro. A Justiça norte-americana acha que isso não é esporte e sim um bárbaro jôgo em que muitos perdem dinheiro e outros, a própria vida, isto é, os galos. Onde maiores denúncias havia era em Nova Jersey. Diziam telefonemas, cartas e informes de tôda casta, que ali campeava a briga de galo, havendo dezenas de rinhas espalhadas pela cidade. E não era gentinha que os freqüentava; era a grã-finagem mais requintada. Mas a lei proíbe que se invada a propriedade alheia a altas horas da noite, sem mandados de juiz ou para socorrer gente em perigo de vida. Contudo, certa noite dos últimos dias de agosto a polícia teve que ir ver certas coisas na grande e opulenta propriedade do corretor Roger D.



Mellick, em Bedminster. Dizem as notícias que, ao chegarem as autoridades, já se haviam realizado cinco "mains", isto é, cinco lutas. Quando perceberam que a polícia estava em casa, muitos procuraram fugir ao flagrante, sendo debalde, porque tôdas as saídas estavam cercadas. Eis a colheita: 45 galos à espera, vários na rinha e outros em treinamento... Apostas de 30 dólares; isso para os aspirantes; nos que são mesmo de briga, a coisa ia a centenas...

A SURPRÊSA DO TAVERNEIRO

MORA em Nova York um italiano de nome Cosmo D'Ambrosio, estabelecido com uma taberna. A vida não lhe corre entre flores, embora vá consumindo os seus dias na santa paz do Senhor. Para amenizar-lhe a solidão e as saudades da bela Itália, Cosmo conta com uma linda filha, moça ajuizada e que muito o ajuda a manter a casa em ordem e as contas em dia. Em 1938, passando por um Belchior da grande cidade, viu êle dois quadros velhos; um dêles reconstituia a tragédia do Calvário e o outro era também de sentido religioso. D'Ambrosio, que, embora vendendo álcool possui alma de esteta, perguntou ao dono do "Sebo" de arte quanto queria pelos dois quadros. E os comprou a um dólar cada um. Levou-os para casa. Como não possuía apartamento de luxo, entregou à filha as duas telas. Que as pendurasse aí pelas paredes. Mas um dia resolveu fazer uma arrumação total na casa. De fachina em fachina, chegou aos quadros. Não estavam em paredes, e sim jogados a um canto e empoeirados. Dentre os trastes velhos de que era preciso desfazer-se para dar melhor aspecto à casa, estavam os dois quadros. Ela falou ao pai: "Vamos vender isso? Para que estão êles aqui? Sòmente para ocupar lugar e aumentar o número de coisas imprestáveis". D'Ambrosio achou que a menina tinha razão. Concordou com ela e decidiu vender as telas anônimas. Mas, antes de saber do preço que lhe poderiam dar por aquilo, aconselhou-se com um amigo de confiança e entendido em tais coisas. Mostrando-lhe as telas êste lhe disse que "aquilo" valia, em conjunto, apenas cinqüenta mil dólares, ou sejam um milhão de cruzeiros! Uma delas era o quadro de Tintoretto, "A Descida da Cruz", e o outro, a tela de Caravaggio, "Os Dois Evangelistas"...

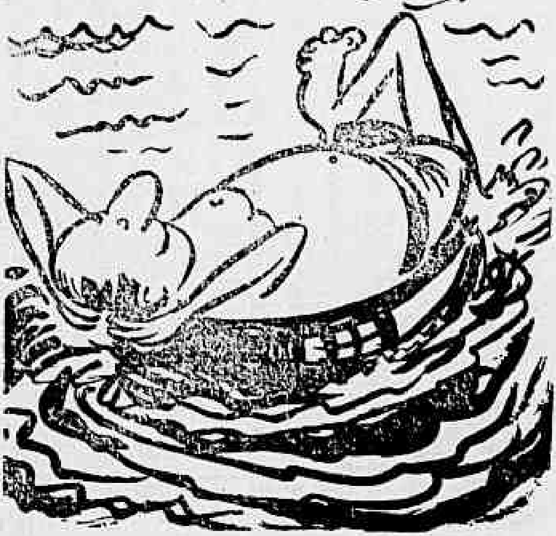




ROBERT WILSON É UM PRÍNCIPE

lho do soberano de Togo, na Africa. Ao rebentar a primeira guerra mundial, o príncipe africano estava na Europa estudando às expensas do pai, o rei de Togo.
güências do grande primeiro conflito foram terriveis para a Corôa de Togo. Ao regressar da Europa em direção de sua pátria, encontrou tudo mudado e seu povo
lo a franceses e ingleses. Diante da desgraça, Robert teve que tomar outros rumos, pois se tornára «indesejável», chegando a ser encarcerado como perigoso ao seu
a Bruyere, encontrou-se com Judith, uma deslocada da guerra e se uniram para escrever comédias e dramas. E têm alcançado sucesso em teatros londrinos. Na
foto abaixo, o príncipe que é também porteiro, abre a porta do carro a uma elegante dama.

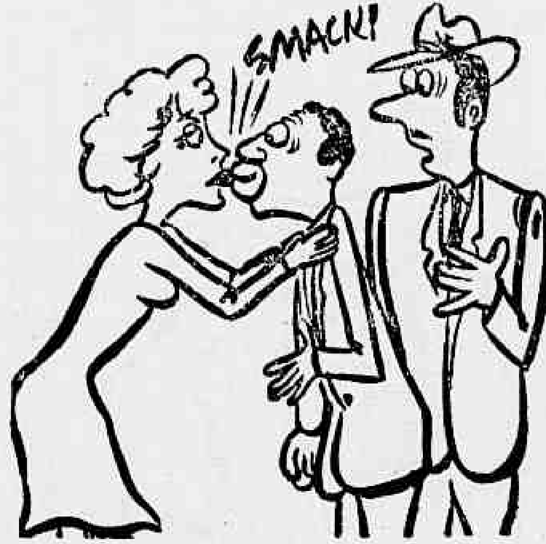
QUE BANHO CARO



O mais caro banho de que há registro na história do mundo e dos banhistas, é o do sr. Mirrail Magheru, ministro da Rumânia em Washington. O sr. Magheru é apaixonado por praias de banho e adora umas braçadas sôbre as ondas. Nos Estados Unidos há praias por todos os lados, isto é, de leste a oeste, sendo as mais procuradas, as costas da Flórida e as da Califórnia. Um dia, o ministro da Rumânia desejou banhar-se e dar umas braçadas ali mesmo por perto de Nova York. Mas, acontece que o Departamento de Estado norte-americano, em represália ao que estava sucedendo em Bucarest com o ministro ianque, também resolveu impedir o direito de locomoção ilimitada ao sr. Magheru e lhe impôs uma área de 80 quilômetros em tôrno de Washington. Ora, como as praias de Nova York estão fora dêsse círculo restritivo, o sr. Mirrail não pôde transportar-se a nenhuma das praias dos Estados Unidos. Uma verdadeira maçada. Sucedeu, porém, que êle gosta mesmo de nadar e resolveu o caso da maneira mais razoável: ir à Rumânia e ali fazer seus exercícios natatórios. Em sua pátria não estaria subordinado a nenhum impositivo de natureza internacional. Teria as praias do Mar Negro à sua disposição, o poético Danúbio e os lagos de seu estuário. Pediu então permissão ao Departamento de Estado para ausentar-se de Washington, partindo para Nova York, onde tomaria o "Queen Mary", para a Europa. O govêrno americano imediatamente o atendeu e o sr. Magheru tomou os rumos da Rumânia.

A estas horas já deve ter-se regalado com os seus banhos nas praias de Konstantza, intimamente maldizendo essa história de guerras frias e tão alto preço para uns banhos de mar...

O AMOR NÃO E' RACISTA



ESTÁ diminuindo o preconceito de côr nos Estados Unidos? Dizem as estatísticas que, em certos Estados, mesmo do Sul, muito gente de pele branca não sente repulsão pelos de pigmento negro. Quanto a certas leis novas, vieram elas combater o preconceito de côr nos Estados Unidos, tudo fazendo crer que negros e brancos terminem em longo e cordial abraço, de norte a sul daquele país. Seja como fôr, o fato é que muitos negros estão casando com lindas moças de descendência ariana. Dentre vários casos, cita-se o de um filho de Paul Robson, famoso cantor negro. O rapaz, apesar de negro, conquistou o coração de uma jovem branca de rara beleza. Mas, o mais recente caso de branca unir-se a negros nos Estados Unidos é o daquele preto de nome Frank Curle Montero, de Long Island. Trata-se de Anne Mather, loura e riquíssima herdeira de grande fortuna, e que conseguiu enternecer o coração do negro Frank Curle Montero. Êsses episódios se repetem com certa insistência, mas, são raríssimos que um branco se apaixone por uma negra. Pelo menos lá nos Estados Unidos. No Brasil, isso foi muito comum. Desta forma, os brancos pode ser que não se enfeiticem pelas mulheres de côr preta; mas, que as brancas, mesmo louras, resistam sedução dos negros, já isso é muito difícil de provar-se. Estão, pois, as mulheres brancas lá nos Estados Unidos, a combater objetiva e efetivamente, o preconceito de raça e côr. Negros se casam com louras, e, muitas vêzes, levando consigo verdadeiras fortunas...

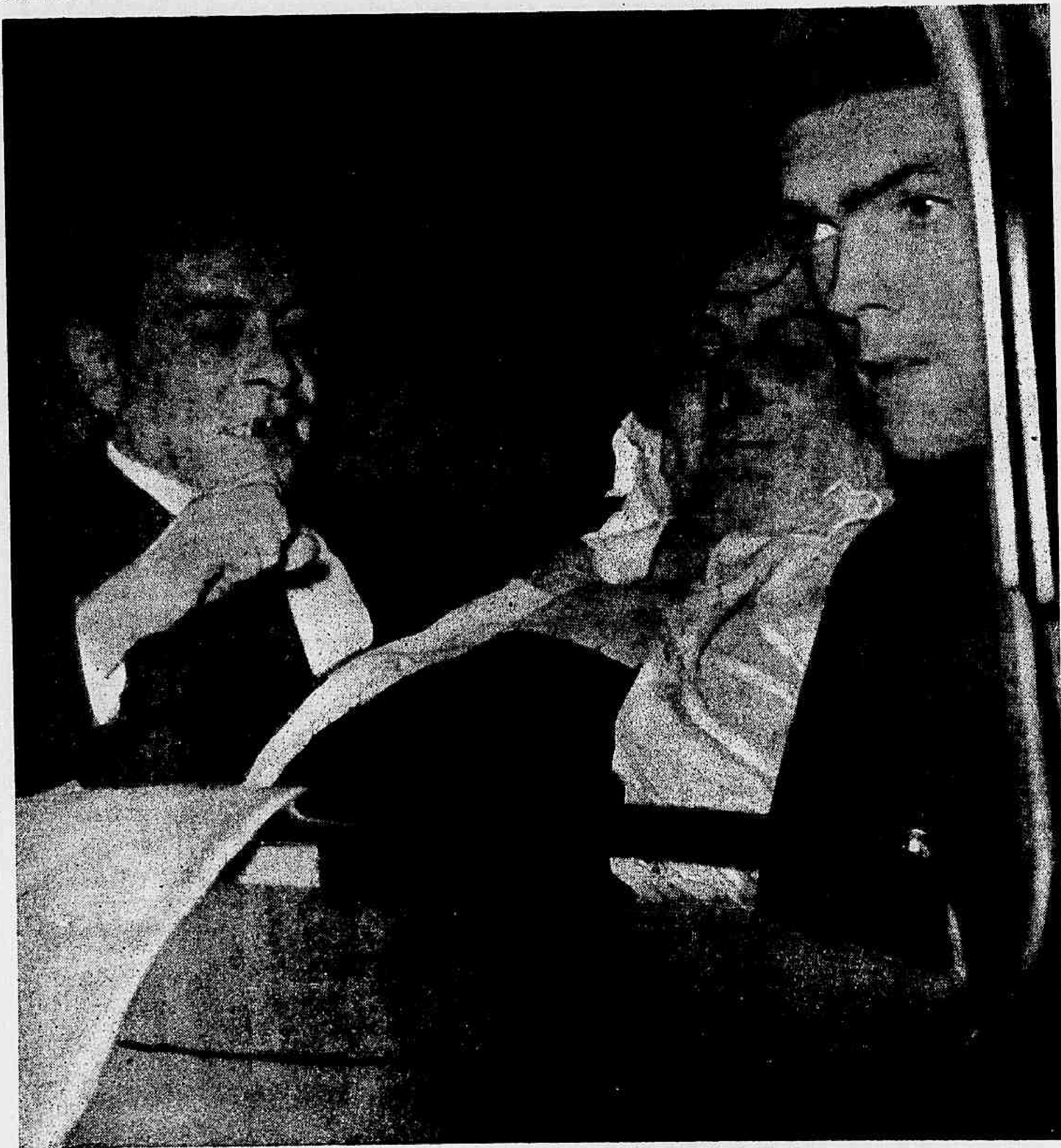
★

MATAR NÃO E' PECADO

QUANDO os sociólogos começaram a fazer cálculos sôbre o crescimento da população do mundo, ficaram alarmados diante do dilema: ou evitar-se a multiplicação dos povos, ou proporcionar aos mesmos facilidades de viver. Mas, como parece que, em tôdas as partes do planeta o homem o que mais deseja é trabalhar pouco, e, em geral, deixar os campos na direção das cidades para ocupar cargos públicos com os horários folgados, férias alongadas e outras facilidades mais, o problema da superpopulação do mundo já chegou mesmo a êste paradoxo: um bispo advogar a tese esquisita de matar todo mundo que fôr classificado como "raça inferior" e esterilizar populações à moda de Hitler na Alemanha contra os judeus. Mas, — perguntará o leitor — será que um bispo defendeu isso? Está no serviço telegráfico de "A Noite", desta capital, edição de 4 de setembro de 1950, para quem quiser ver. Diz, em resumo o seguinte, o bispo da diocese de Birmingham, na Inglaterra, Ernest Barnes: "Quando se compreender que no mundo dominado pela ciência corremos o risco de superpovoamento, será posta em



julgamento a doutrina de que a vida é essencialmente sagrada. O mundo começa a ver-se com excesso de população em quase tôdas as partes. Submeto à vossa apreciação (o bispo falava na reunião da Associação Médica Britânica", na Universidade de Birmingham) a idéia de que o velho mandamento — sêde fecundos, crescei e multiplicai-vos e povoai a terra — podia considerar-se divino enquanto o mundo necessitava de mais seres humanos. A eutanásia e a esterilização, constituem a solução". Não seria preferível que, ao invés de abolir o direito de procriação e advogar o direito de matar, o bispo Barnes defendesse a tese de aperfeiçoamento das raças pelo trabalho?



ESTE É O AFAMADO "PEPERE",

o mais gordo ladrão do mundo. Um destes dias, unindo-se a outros «colegas» de profissão, «Pepere», cujo nome real é Marius Dumoulin, preparou e executou matematicamente um assalto ao banqueiro parisiense Aumont, quando este passava, em marcha vagarosa, com o seu carro pelo Bois de Vincennes. Tudo foi feito com maestria. Atacaram a vítima e se apoderaram de uma bolsa com dois milhões de francos. O banqueiro reagiu a revolver, acorreu a polícia que procurou deter os assaltantes, mas só se conseguiu deitar a mão em «Pepere», que já muito pesado dos banhos em excesso, não teve agilidade para fugir como os outros dois. E agora irá êle ficar mais elegante na cadeia, diminuindo as enxundias...

TROTES TELEFONICOS

HÁ pessoas que, não tendo muito o que fazer, entregam-se a êsse esporte, enfezando vizinhos e amigos mesmo a longa distância. Aqui mesmo no Rio já tem verificado êste desafôro: uma família ser forçada a abandonar seu telefone assediada por pilhérias de mau gôsto. O primeiro trote é encarado com certo bom humor. O segundo, já aborrece. Do terceiro em diante, sempre aquela mesma voz debochada a dizer ao outro que está do lado de lá, certas coisas inconfessáveis, ofensivas, injuriosas, é de matar de raiva. Será isso crime? Não sabemos se no Brasil já esteve alguém a litigar em juízo contra os trotistas inveterados. Mas, nos Estados Unidos, já aconteceu uma dessas cenas. Segundo narram notícias de lá, o casal Walter A. Johnson, de Yorkville compareceu ao tribunal da cidade para ver-se julgado por trotes telefônicos. A autora da ação criminal era a sra. Joan Manning, que se queixou em juízo contra os trotes que Mrs. Johnson lhe passava todos os dias... A acusadora declarou que não podia mais suportar as pilhérias vindas da casa daqueles vizinhos, e, conforme apurara, os acusados não se emendavam, continuando a affligi-la dia e noite. Já não podia fazer sua sesta, tomar seu banho calmamente,



jantar, almoçar, trabalhar em serviços caseiros. Vivia importunada por êles e isso precisava acabar. No dia do julgamento o casal compareceu; mas assim não o fêz a autora. O juiz Hyman Korn, depois de longas considerações, não achou base nenhuma na lei que pudesse condenar o casal Johnson e terminou dizendo que "chamar uma pessoa ao telefone não é ofensa reconhecida pela lei". Bem, lá isso é verdade, diria Mrs. Manning, mas chamar nome feio, deve ser...

ELASTICIDADE DO DIREITO

NOS Estados Unidos sucede cada uma! Não resta a menor dúvida: ali na terra de Lincoln e direito de defesa e de acusação atinge proporções inusitadas em qualquer outra parte dêste mundo louco. Vejam o que ocorreu, faz pouco tempo, com o sr. Alfonso Nejara, sua espôsa Josefina e os três filhos menores do casal. Morava Alfonso em Chicago, onde vivia para o lar e para os seus negócios; um dia, porém, por um motivo qualquer, entrou num botequim e pediu um trago. A bebida estava boa e êle repetiu. Achou-a ainda melhor e pediu mais um golezinho. Depois de uma hora já estava embriagado. Homem que se exaltava com facilidade, mesmo em estado normal, que não sucederia sob os efeitos do álcool? E brigou com um chofer de taxi, matando-o. Foi prêso, julgado e condenado à morte pelo Tribunal. Sua espôsa, porém, não achou que a morte a tudo acaba, e o lugar de viuva e na cama, a lamentar a perda do companheiro. Pensou, repensou, consultou um advogado e resolveu mexer os pausinhos. Entrou com uma ação em juízo pedindo 250 mil dólares de indenização contra o dono do botequim onde se embriagou o espôso, arrolando como co-autor o proprieátrio do imóvel onde está instalada a baiuca. Josefina tem apenas 25 anos,



mas é de muita experiência na vida. Para emocionar o júri e adoçar o coração dos juízes, os seus filhos menores, de 3 a 6 anos, figuram também como autores... Para justificar o caso, Josefina argumenta que seu espôso só cometeu o crime porque estava embriagado, e só ficou embriagado porque o taberneiro lhe vendeu "brandy", e só lhe venderam cachaça porque havia alguém que era proprietário do prédio...

GUIAS DE CEGO

SABIA o leitor que, em Nova Jersey, Estados Unidos, há uma escola para cães, guias de cego? Pois há. Faz poucos dias, um dos "clippers" da "Pan American World Airways", levou até Miami uma ninhada de seis cachorrinhos "boxers", a fim de se internarem na Academia de guias de cego. Nasceram no Rio e, com dois meses apenas, de idade, embarcaram para lá. Pertencem ao sr. Harlon B.



Buettner, pilôto da PAA e à sua espôsa, sra. Betty Jane; mas, pensaram os seus donos, se há nos Estados Unidos, a "Seeing Eye Incorporated", cujo fim humanitário e comovente é o de preparar cães de raça no serviço de proteção aos cegos, nada mais cristão do que encaminhar os alegres animaizinhos àquele estabelecimento. Mas, de acordo com os preceitos da ciência e o programa da Escola, os cãezinhos não podem entrar assim tão jovens no estudo. A pedagogia canina também possui os seus mistérios. Êles ficarão em Miami, na companhia de várias famílias, até que alcancem a idade de um ano e dois meses. Sòmente aí é que estarão na idade pedagógica e na hora de serem internados para a carreira delicada, a missão admirável a que se destinam. Eis o motivo por que não foram diretamente do Rio a Moristown, em Nova Jersey. Mas, o interessante é que os três casaisinhos tiveram sua passagem pela linha do Equador, assinalada pelas cerimônias tradicionais. Não são apenas os pasageiros da raça humana que recebem a miniatura do "Júpiter Rex", certificado que atesta a passagem de passageiros da PAA pela linha equinocial. Também os cachorrinhos de Mrs. Buettner, tiveram essa honra, embora não ligassem muito e até hoje nada saibam acêrca do significado do "Júpiter Rex". Mas isso nada tem a ver com o curso de guia de cego...

QUE HISTÓRIA É ESSA?



Pensará o leitor que se trata de algum fã ou apaixonado do Carnaval? Pois se engana. É o mais célebre faquir indiano, Sr. P.C. Socar, andando de bicicleta pelas suas centrais e mais movimentadas de Paris, com o rosto velado por uma espécie de máscara negra. Tudo isso ele fez e fará em qual quer lugar do mundo, para mostrar que tem o dom da clarividência, mesmo debaixo dágua, isto é, mesmo debaixo de máscara sem olhos! Socar está viajando agora pela América e representará a Índia num Congresso de arte mágica que se abrirá, brevemente em Chicago. Aqui está ele a atravessar, pedalando alegremente sua bicicleta diante da Ópera de Paris, entre a curiosidade dos que vão passando. E se êle fôr atropelado ou atropelar algém, há de justificar declarando que êle é clarividente, mas as vítimas...

ASSIM PENSAVA PROCÓPIO...
HÁ TRINTA E UM ANOS!



REMEXER em papéis velhos, bolorentos, que se encontram no fundo de uma gaveta, dá nisso: súbito, depara-se com uma relíquia, dessas de cuja existência não se tomava mais conhecimento. E o papel que era velho, ganha um sabor de coisa nova e inédita. Passa a figurar entre as preciosidades do mais alto valor, e num caso igual a êste pode mesmo catalogar-se entre os documentos mais expressivos sôbre uma determinada entidade.

Por volta de 1919, Procópio Ferreira iniciava a sua gloriosa carreira de ator. Fazia parte, então, de uma companhia de teatro musicado que se apresentava no velho São Pedro, hoje Teatro João Caetano, e foi lá que sua primeira atuação marcante se fêz sentir, na burleta "Juriti", de Viriato Correia. Por êsse tempo, êle foi procurado por outro novato, êste em jornal, ainda com a mania das "enquêtes", muito ao sabor da época e deixou-lhe nas mãos uma folha de papel com dezesseis perguntas. O novato em jornal era quem faz, hoje, esta descoberta em velhos alfarrábios. E dois dias mais tarde, recebia do artista as respostas pedidas. Que tal se as reproduzíssemos agora, trinta e um anos passados? Não sei se Procópio vai gostar da idéia, mas acredito que sim. Êle não deve pensar, hoje, como pensava um ano após o término da primeira Grande Guerra, mas quem sabe se algumas dessas respostas, não as manteria se outra "enquête" igual lhe fôsse feita! Perdôe o artista, mas é possível resistir à tentação de dar a conhecer à gente de hoje, essa preciosidade? Paciência, amigo Procópio, um grande artista não se pertence com exclusividade. O que êle pensou e escreveu algum dia, merece uma excavação dêste gênero, amigo. Paciência!

★

— Qual o traço predominante do seu caráter?

Procópio — A dúvida! Hamlet é o terrível espectro da minha alma errante... perdida a bússola do ideal... do caminho da glória.

— Que pensa com relação ao teatro brasileiro?

Procópio — O que ninguém pensou. Fazê-lo? Jamais! Enquanto o Brasil viver sob a ditadura da ignorância, é inútil tôda e qualquer tentativa em prol do teatro; porque teatro é talento, muito talento, só talento. Antigamentte havia a inquisição dos incrédulos. Hoje há a inquisição dos inteligentes. Torquemada trocou a batina por uma casaca e fêz do Brasil residência efetiva, e prolifera num espantoso número de 80% de analfabetos, numa população de 30 milhões de habitantes!

— Que autores prefere?

Procópio — Na comédia alta: Cláudio de Sousa e Renato Viana. Na opereta: Viriato Correia e Oduvaldo Viana.

— E dos estrangeiros?

Procópio — Para ler, Ibsen. Para ver representar, Ibsen nos "Espectros", Bataille e Pierre Wol.

— Quem considera o melhor ator brasileiro?

Procópio — O excesso de amor próprio dos meus colegas coíbe-me, para não temer inimigos gratuitos, embora a minha admiração não honre a nenhum dêles, de me externar.

— E dos estrangeiros?

Procópio — O extraordinário Zacconi.

— Fora do teatro, o que mais lhe satisfaz?

Procópio — Palestrar sôbre teatro com quem o ama.

— Qual a maior emoção que já teve no teatro?

Procópio — Quando uma encantadora colega, com quem havia tido uma ligeira história de amor, disse-me, ao me ouvir lamentar essa desunião: — "Não sabes que no teatro até o amor é convencional?"

— Que gênero prefere?

Procópio — A opereta.

— Que pensa da crítica?

Procópio — Para quem vive no teatro como fantoche, sem uma opinião nem uma idéia, é um bom cordel.

— Qual a sua maior qualidade?

Procópio — Sou demasiado tolo para distinguir!

— E o seu maior defeito?

Procópio — Conhecer os que me rodeiam.

— Qual a sua maior ambição?

Procópio — Representar fora do Brasil para me desiludir do valor que julgo possuir ou me convencer plenamente da minha inutilidade na arte.

— Se não fôsse ator, o que desejaria ser?

Procópio — Um benevolente espectador.

— Qual a sua divisa?

Procópio — "Ouro é o que ouro vale".

★

Pelas dúvidas e para evitar complicações, repetimos: êsses conceitos foram emitidos por Procópio Ferreira, não recentemente — mas há trinta e um anos. Com precisão, no dia 24 de junho de 1919.

CELESTINO SILVEIRA



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Rodeio no Rio 5/7
Vão demolir a "Esquina do Brasil" (Sabino Canalini) 10/11
Quem vencerá? (Carlos Tenório) 14/15
O Fenômeno Giuliano (João Teles) 16/19
Assim vivem os anões 28/31

LITERATURA

Amizade Zoológica (Max Yantock) 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 12/13
A Confissão de Leda (Irene Batista Castro) 26
Pesadelo de Oscar (Edson Kneipp) 32
A Vida de Mme. Maintenon (Henry Dana — Lee Thomas) 47
Assim pensava Procópio (Celestino Silveira) 58

ATUALIDADES

Grupos Folclóricos de Portugal (Mamela de Azevedo) 24/25
Quer morar numa casa-reboque? 52/53
Na "Ilha dos Amôres" se ocultava um artista (Edgard de Abreu) 49

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 4
Personagem da Semana ... 4
Puxe pelo cérebro — Correio da Revista 9
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 42
Música (Roberto Lyra Fº) 43
Palavras Cruzadas 49
Tudo isto aconteceu 55/57

HUMORISMO

A Escolha (Théo) 8
Bom-Humor 21
A Voz da Fome (Nicodemus) 27

FOLHETIM

Salva pelo amor 54

CINEMA

Vento Norte 22/23

TEATRO

O Teatro em Goiás (Leone Vasconcelos) 20

FEMININAS

Modelos de Hollywood 33
Modelos Variados 34
Chapéus 35
Tafetá e Renda 36
Variações da Moda 37
Modelos Sugestivos 38/39
Week-End na Cozinha ... 40/41
Sugestões em Renda 40
Modelos Elegantes 41

ILUSTRAÇÃO: M. Queiroz.

BONECOS: Rafael.

FOTOS: Reynaldo Monteiro — Sabino Canalini — Carlos Tenório — Keystone — Avulsas.

★

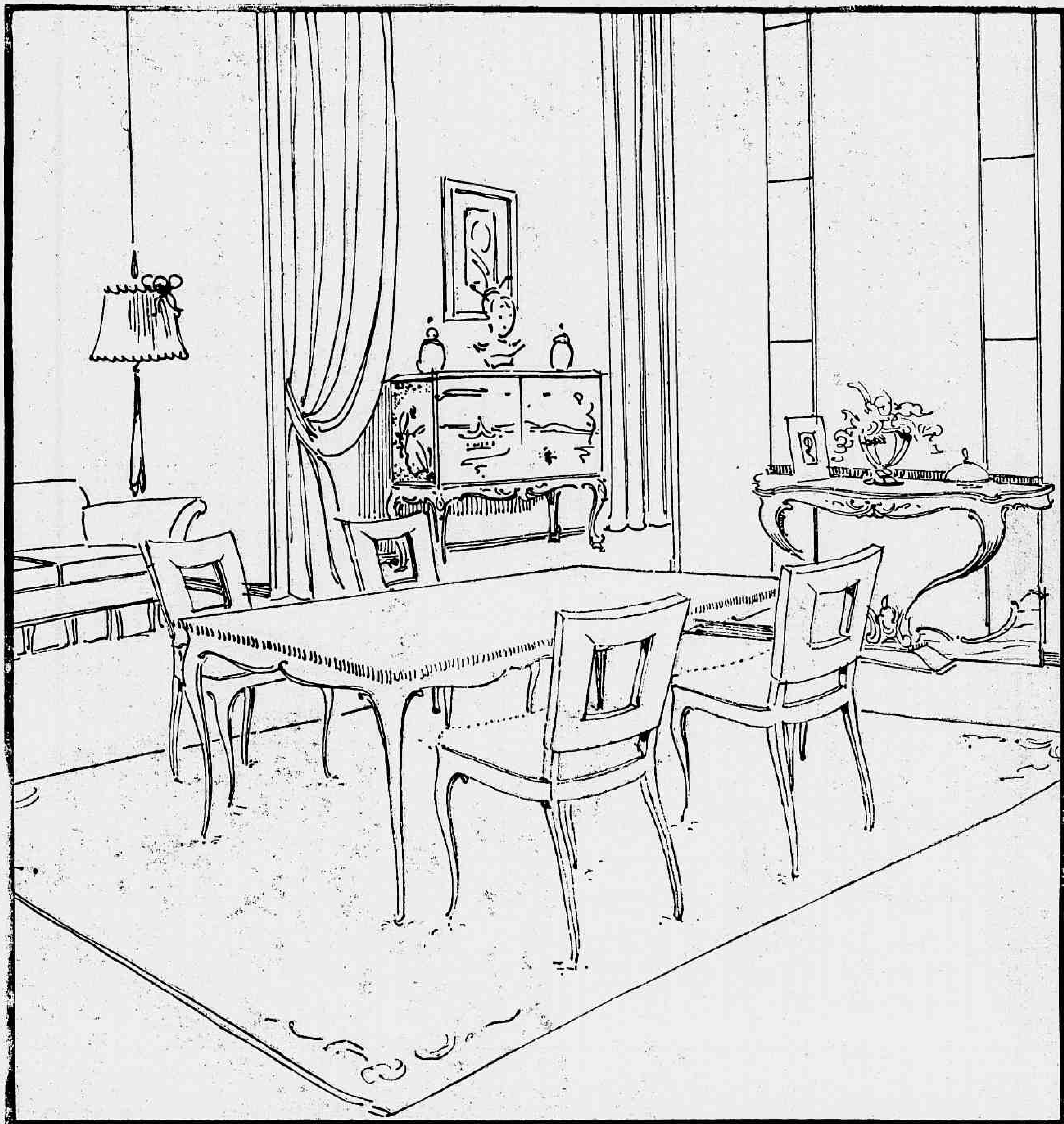
NA CAPA

Doris Day
(Warner)

RESPOSTAS AO TESTE

1 — O português.
2 — Do "quichua" (Peru), significando cuia.
3 — Cinco (Colômbia, Venezuela, Peru, Equador e Bolivia).
4 — 1907.
5 — Urbano VII (por causa do pigarro).
6 — Pedra polida.
7 — Anhang.
8 — Casa dos indigenas.
9 — Nina Rodrigues.
10 — Ogum.
11 — Salvador.
12 — Ao quilombo dos Palmares.
13 — Casa de morada dos escravos negros.
14 — Mariana.
15 — A prosódia.
16 — Os jesuitas.
17 — Índio americano.
18 — Na Ásia.
19 — A que se faz pela costa marítima.
20 — Na França.

MÓVEIS
TAPETES e CORTINAS



Projeto e execução da CASA NUNES

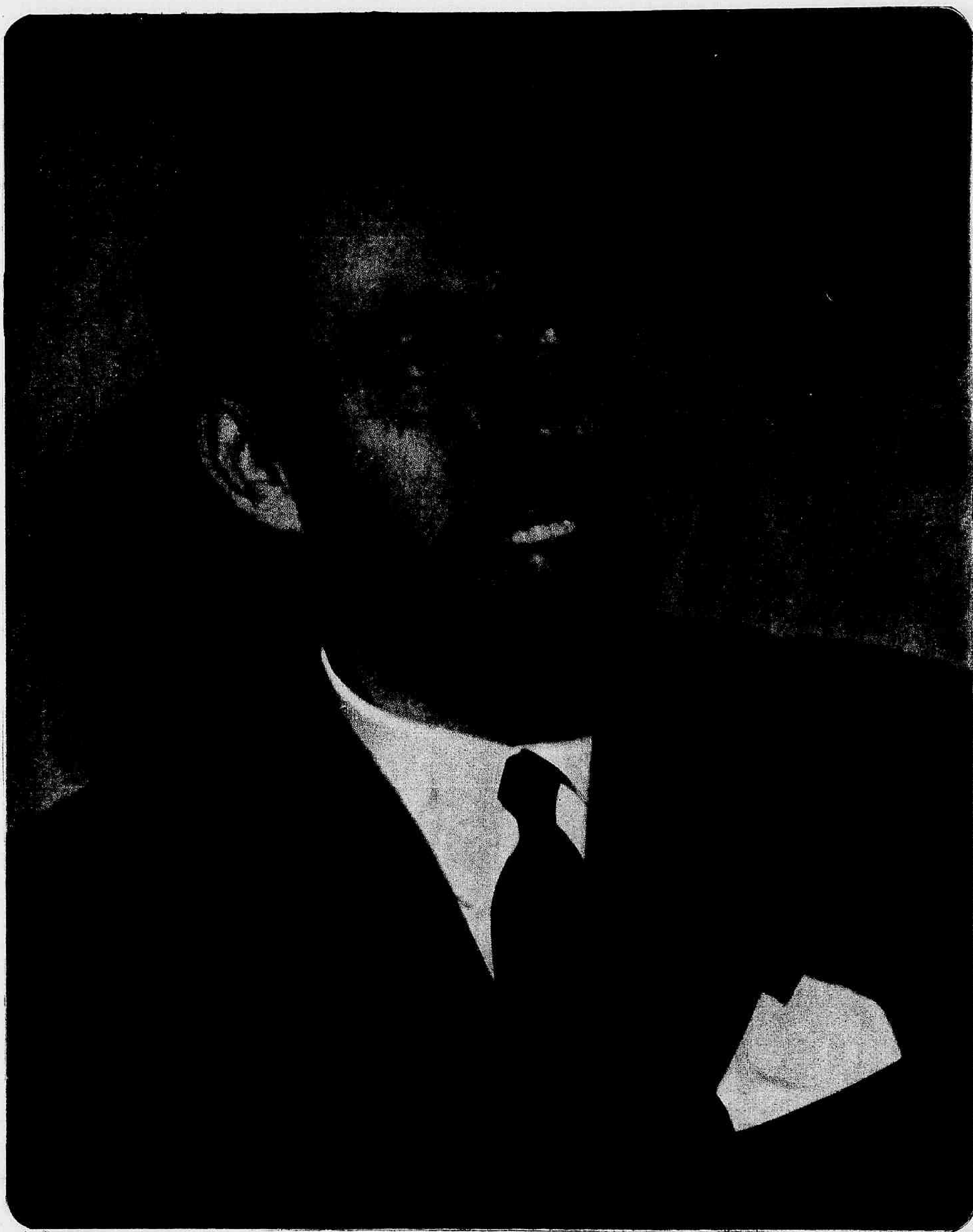
GRUPOS E POLTRONAS

- especialidade de nossas oficinas -
estofados em COURO,
DAMASCO, GOBELINS
CHINTZ, LINHO, etc.

Tapetes e Passadeiras



65 RUA DA CARIOCA 67 - RIO



DEPUTADO FEDERAL -- JOÃO GOMES MARTINS FILHO,
CANDIDATO A VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO